

Música nos Jardins, Percurso Histórico-botânico na Cidade do Funchal

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Miguel Ângelo Mendonça Marques Ornelas Dantas

MESTRADO EM ECOTURISMO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

fevereiro | 2021

Música nos Jardins, Percurso Histórico-botânico na Cidade do Funchal

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Miguel Ângelo Mendonça Marques Ornelas Dantas

MESTRADO EM ECOTURISMO

ORIENTAÇÃO

Miguel Pinto da Silva Menezes de Sequeira

CO-ORIENTAÇÃO

Élia Maria de Abreu de Sousa

Resumo

Apresenta-se com este projeto uma proposta de um ciclo de música pelos jardins de cinco quintas públicas na cidade do Funchal, intitulado “Música nos jardins, percurso histórico-botânico na cidade do Funchal”, juntando visitas guiadas ao património histórico-cultural e botânico complementadas com um momento musical.

Esta proposta tem-se como objetivo integrar os espaços verdes das quintas, valorizando-os através da música, do património histórico-cultural e florístico.

A metodologia foi dividida em três fases, a recolha e revisão bibliográfica, as saídas de campo e a elaboração da proposta do ciclo de música, que consistiu na caracterização botânica e histórica de cada espaço, na realização de um modelo de elaboração de projeto, na criação de um logótipo, de um folheto e de um roteiro da proposta do ciclo de música.

Conclui-se que as quintas públicas da cidade do Funchal apresentam, a par de uma grande riqueza florística e histórica, as condições ideais para integrarem um projeto inovador, capaz de potenciar a qualidade da oferta produto turística da cidade do Funchal, privilegiando a música, a diversidade vegetal e o património histórico-cultural.

Palavras chave: Ecoturismo, Património, Música, Quintas, Flora

Abstract

This project presents a proposal for a music cycle through the gardens of five public *quintas* in the city of Funchal, entitled “Music in the gardens, historic-botanical route in the city of Funchal”. The present work brings together guided tours in the gardens with historical-cultural heritage, botanic aspects and it`s complemented by a short musical performance.

With this proposal, the main goal was to integrate green spaces from the *quintas*, valuing them through music, historical-cultural heritage and flora.

The methodology applied was divided into three stages: bibliographic review, fieldwork and the elaboration of the music cycle proposal, which consists for each space in the botanical-historical characterization, elaboration of a project model, creation of a logo, leaflet and itinerary of the music cycle.

It is therefore concluded that the public *quintas* in the city of Funchal have a great floristic and historical richness ideal to receive this innovative project. In this way, and by privileging the music, vegetation and the historical-cultural heritage, the touristic product of Funchal city, would be increasingly improved promoting an outstanding offer.

Keywords: Ecotourism, Heritage, Music, *Quintas*, Flora

Agradecimentos

Uma palavra de agradecimento aos meus orientadores Dr.^a Élia Maria de Abreu de Sousa e Professor Doutor Miguel Pinto da Silva Menezes Sequeira, pelo tempo despendido, amizade e disponibilidade no percurso deste trabalho.

Devo ainda uma palavra de agradecimento ao Prof. José Jesus que, enquanto Diretor de Curso do Mestrado em Ecoturismo, possibilitou com o seu entusiasmo e disponibilidade o desenvolvimento deste estágio.

Agradeço aos meus pais, família e amigos pelo apoio, especialmente à Lícia Ferreira pela ajuda e por toda a força que me deu no desenvolvimento deste projeto. Um muito obrigado ainda ao Nuno Garanito pela ajuda e amizade.

Um especial agradecimento ao Grupo de Botânica da Madeira e à Associação Musical e Cultural Xarabanda em especial ao Sr. Rui Camacho por todo o empenho, dedicação e disponibilidade a qualquer hora.

A todos os colegas de mestrado e professores expresso a minha gratidão.

Lista de Abreviaturas

AMCX-Associação Musical e Cultural Xarabanda

IFCN IP-RAM-Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, I.P.-RAM

INE-Instituto Nacional de Estatística

JBM- Jardim Botânico da Madeira

JGDAF- Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal

LNU- Liga das Nações Unidas

ONU- Organização das Nações Unidas

RAM-Região Autónoma da Madeira

STRC- Secretaria Regional de Turismo e Cultura

TIES-The Internacional Ecotourism Society

UMa-Universidade da Madeira

Índice

Resumo.....	II
Abstract.....	III
Agradecimentos.....	IV
Lista de Abreviaturas.....	V
Índice de Figuras.....	VIII
Índice de Tabelas.....	XIII
1 Introdução.....	1
1.1 Caraterização do Estágio e da entidade acolhedora.....	3
1.2 Conceito de Ecoturismo.....	6
1.3 Breve contextualização sobre a música nos jardins.....	7
1.4 Turismo de jardins em Portugal Continental na vertente de eventos musicais	11
1.4.1 Turismo de jardins na ilha da Madeira.....	12
2 Metodologia	16
3 Resultados	19
3.1 Caraterização das quintas visitáveis incluídas no projeto de estágio.....	20
3.1.1 Quinta Magnólia.....	20
3.1.2 Quinta Vigia	22
3.1.3 Quinta das Cruzes.....	23
3.1.4 Quinta Jardins do Imperador	25
3.1.5 Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.....	27
3.2 Integração entre o ato musical e o espaço visitável	29
3.2.1 Quinta Magnólia - “Magnólias, uma fonte de inspiração multicolor”	30
3.2.2 Quinta Vigia - “Mirante de Dona Guiomar aos olhos do comércio de vinho Madeira, nos finais do século XVIII”	35
3.2.3 Quinta das Cruzes - “Um singular orquestrafone nos jardins de uma emblemática Quinta Madeirense”	41
3.2.4 Quinta Jardins do Imperador-“Imperador Carlos I de Áustria: anfitrião de uma viagem pelas valsas e polkas de Johann Strauss II”	48

3.2.5 Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira - “A música de Cândido Drumond de Vasconcelos, nas quintas e clubes da alta sociedade funchalense, tocadas pelo braguinha no século XIX”	53
3.3 Proposta de ciclo de música nos jardins no Funchal/Modelo de elaboração do projeto.....	60
3.4 Logótipo.....	72
3.5 Folheto	72
3.6 Roteiro	74
4. Conclusões	75
4.1 Autoavaliação das competências e conhecimentos adquiridos.....	76
Referências Bibliográficas.....	77
Webgrafia	83
Anexos.....	86
Anexo I. Breve descrição botânica das espécies selecionadas	87
Anexo II. Breve descrição do património histórico-cultural	159

Índice de Figuras

Figura 1 -Projeto de turismo cultural, desenvolvido pela associação Xarabanda em parceria com a TUI Portugal (2010).....	5
Figura 2 -Fonte do órgão de água em Villa d'Este. Gravura da autoria de Giovanni Francesco Venturini (1691). Das fontes dos extensos jardins de Tivoli, com suas perspectivas e vistas das cascatas do rio Aniene por Giovanni Giacomo de Rossi. Roma.8	
Figura 3 -Coreto do Jardim da Luz, concerto da Tuna Académica de Coimbra (1925).)	9
Figura 4 -Coreto do Jardim das Cruzes na década de 40-50 do século XX.	10
Figura 5 -Interpretação datada do século XX, “Jardins Suspensos da Babilônia”	11
Figura 6 -Distribuição das principais quintas no concelho do Funchal.	13
Figura 7 -Quinta do Til, publicada no “The Gardener’s Chronicle” de 20 de outubro de 1888).....	14
Figura 8 -Espaços para a práticas desportiva na Quinta Magnólia.	20
Figura 9 -Espaço ajardinado ao lado da casa principal na Quinta Magnólia.	20
Figura 10 -Aglomerado de palmeiras na parte inferior dos jardins na Quinta Magnólia	21
Figura 11 -Uma das Magnólias, situadas junto à entrada sul da Quinta Magnólia.	21
Figura 12 -Vista panorâmica sobre a Baía do Funchal na Quinta Vigia.	22
Figura 13 -Fachada do edifício principal na Quinta Vigia, onde estão sediados os escritórios do Governo Regional.	22
Figura 14 -Til plantado pelo atual presidente da República Portuguesa Professor Marcelo Rebelo de Sousa na Quinta Vigia.	23
Figura 15 -Vista do interior dos jardins na Quinta Vigia.	23
Figura 16 -Janela manuelina na Quinta das Cruzes.....	24
Figura 17 -Antigo fontanário na Quinta das Cruzes.....	24
Figura 18 -Fetos-arbóreos-australianos localizados na parte central do jardim na Quinta das Cruzes.....	25
Figura 19 - Orquidário da Quinta das Cruzes.....	25
Figura 20 -Área da Mata, localizada na entrada norte da Quinta Jardins do Imperador.	26
Figura 21 -Relvado em frente às ruínas do palacete na Quinta Jardins do Imperador.	26
Figura 22 -Jardim Malakoff na Quinta Jardins do Imperador.....	27

Figura 23- Fachada do edifício principal na Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.	28
Figura 24- Imponente Dragoeiro na área dos jardins destinada ao arboreto na Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.	28
Figura 25- Planta da Quinta Magnólia, com o trajeto da visita guiada.	31
Figura 26- Área selecionada para o momento musical, vista de um panorama mais distanciado na Quinta Magnólia.	33
Figura 27- Área selecionada para o momento musical na Quinta Magnólia.	33
Figura 28- Montagem fotográfica do momento musical na Quinta Magnólia.	34
Figura 29- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta Magnólia.	34
Figura 30- Planta da Quinta Vigia com o trajeto da visita guiada.	37
Figura 31- Área selecionada para o momento musical na Quinta Vigia.	39
Figura 32- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta Vigia.	39
Figura 33- Montagem fotográfica do momento musical, no miradouro da Quinta Vigia.	39
Figura 34- Planta da Quinta das Cruzes com o trajeto da visita guiada.	43
Figura 35- Espaço ajardinada na parte de trás da Capela de Nossa Senhora da Piedade na Quinta das Cruzes.	45
Figura 36- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta das Cruzes.	45
Figura 37- Momento musical na Quinta das Cruzes	45
Figura 38- Partitura da música “Valse Bleue”.	47
Figura 39- John Philip Sousa em 1896.	47
Figura 40- Planta da Quinta Jardins do Imperador com o trajeto da visita guiada.	49
Figura 41- Área escolhida para o momento musical na Quinta Jardins do Imperador.	51
Figura 42- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta Jardins do Imperador.	51
Figura 43- Montagem fotográfica do momento musical na Quinta Jardins do Imperador	51
Figura 44- Planta do Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.	56
Figura 45- Anfiteatro na Quinta da Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.	58

Figura 46- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta da Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.	58
Figura 47- Montagem fotográfica do momento musical na Quinta da Bom Sucesso. .	58
Figura 48- Coleção das Peças de Cândido Drumond Vasconcelos.)	59
Figura 49- Partitura da obra “Rita Polka N.º32” de Cândido Drumond Vasconcelos. ..	59
Figura 50- Logótipo do projeto.	72
Figura 51- Protótipo do folheto.	73
Figura 52- Roteiro do ciclo de música.	74
Figura 53- Magnólia.	87
Figura 54- Estreleira.	88
Figura 55- Árvore de Júpiter.	89
Figura 56- Estrelícia Gigante.	90
Figura 57- Mango.	91
Figura 58- Cica.	92
Figura 59- Pata de Elefante.	93
Figura 60- Casuarina.	94
Figura 61- Pandano.	95
Figura 62- Árvore das Salsichas.....	96
Figura 63- Encefalartos.	97
Figura 64- Árvore-da-Orelha-de-Elefante.	98
Figura 65- Cedro-do-buçaco.	99
Figura 66- Canforeira.	100
Figura 67- Doce-de-Inverno.	101
Figura 68- Erva Caninha.	102
Figura 69- Til.....	103
Figura 70- Planta dos Dentes.....	104
Figura 71- Polígala.	105
Figura 72- Pinheiro-de-Norfolk.....	106
Figura 73- Fruto Delicioso.	107
Figura 74- Figueira-da-Índia.	108
Figura 75- Flor do Paraíso.....	109
Figura 76- Barbusano.	110
Figura 77- Buganvílea.	111
Figura 78- Romãzeira.	112

Figura 79-Pitangueira.	113
Figura 80-Araucária da Queenslândia.	114
Figura 81-Tipuana.	115
Figura 82-Jambeiro.	116
Figura 83-Azinheira.	117
Figura 84-Bela Sombra.	118
Figura 85-Jasmim de Estrela.	119
Figura 86-Drageiro.	120
Figura 87-Cássia.	121
Figura 88-Estrelícia.	122
Figura 89-Sumaúma.	123
Figura 90-Figueira-palhaço.	124
Figura 91-Borracheira.	125
Figura 92-Carvalho.	126
Figura 93-Incenseiro.	127
Figura 94-Mocano.	128
Figura 95-Sequóia.	129
Figura 96-Medronheiro.	130
Figura 97-Camecíparas.	131
Figura 98-Figueira-do-inferno.	132
Figura 99-Ácer-do-Japão.	133
Figura 100-Brunfelsia.	134
Figura 101-Ligustro do Japão.	135
Figura 102-Planta do Rato Mickey.	136
Figura 103-Rosa do Japão.	137
Figura 104-Cedro da Madeira.	138
Figura 105-Loureiro.	139
Figura 106-Criptoméria.	140
Figura 107-Urze de Jardim.	141
Figura 108-Alegria-Campo.	142
Figura 109-Aipo do Gado.	143
Figura 110-Erva Redonda.	144
Figura 111-Gerânio da Madeira.	145
Figura 112-Funcho.	146

Figura 113-Malfurada.....	147
Figura 114-Norça.	148
Figura 115-Cenoura da rocha.	149
Figura 116-Múchia Dourada.	150
Figura 117-Ameixieira de Espinho.	151
Figura 118-Teixo.	152
Figura 119-Urze das Vassouras.....	153
Figura 120-Massaroco.	154
Figura 121-Pau Branco.....	155
Figura 122-Folhado.	156
Figura 123-Faia-das-Ilhas.....	157
Figura 124-Oliveira Brava.....	158
Figura 125-Edifício principal na década de 40 do século XX.....	159
Figura 126-Coreto da Quinta Magnólia.	160
Figura 127-Edifício principal da Quinta Vigia.....	161
Figura 128- Interior da Capela de Nossa Senhora das Angústias na Quinta Vigia.....	161
Figura 129-Mirante D^a Guiomar na Quinta Vigia.....	162
Figura 130-Casinha do prazer da Quinta Vigia.....	162
Figura 131-Capela de Nossa Senhora da Piedade na Quinta da Cruzes.....	163
Figura 132-Edifício principal da Quinta das Cruzes em 1946.	164
Figura 133-Núcleo arqueológico da Quinta das Cruzes.....	165
Figura 134-Palacete da Quinta Jardins do Imperador.	165
Figura 135-Casinha do prazer da Quinta Jardins do Imperador.....	166
Figura 136-Edifício principal da Quinta do Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.....	167

Índice de Tabelas

Tabela 1 -Frequência de visitantes a jardins por mês em Portugal (2014).....	12
Tabela 2 -Tabela de análise relativamente ao turismo de jardins na ilha da Madeira. ...	15
Tabela 3 -Programação do ciclo de música	29

1 Introdução

O setor do turismo na Região Autónoma da Madeira (RAM) é dos mais importantes para a economia regional contribuindo para o PIB em 25% (Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 2017). Desse modo é crucial criar novas estratégias e o melhoramento do produto com o objetivo de atrair turistas face à concorrência de outros mercados (Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 2017). Segundo a Sociedade Internacional de Ecoturismo, o conceito de ecoturismo pode ser entendido como uma viagem responsável que conserva o ambiente natural e proporciona o bem-estar da população local.

Este relatório de estágio, realizou-se no âmbito do 2º ano do Mestrado em Ecoturismo da Universidade da Madeira e consistiu na elaboração de uma proposta de um ciclo de música para os jardins de cinco quintas públicas na cidade do Funchal, intitulado “Música nos jardins, percurso histórico-botânico na cidade do Funchal”, a que compreende visitas guiadas nas áreas do património histórico-cultural e botânico, complementadas com um momento musical.

Esta proposta de estágio realizou-se em parceria com a Associação Musical e Cultural Xarabanda (AMCX) e culminou num desafio em juntar a música, a natureza e os jardins das quintas públicas. A escolha da entidade acolhedora para o estágio foi muito importante, devido à enorme experiência da associação na realização de projetos de cariz cultural e social, assim como os vários agrupamentos musicais que dispõem, onde se procurou incluí-los na proposta do ciclo de música, correspondendo a uma mais-valia para a elaboração deste projeto, nomeadamente na escolha de repertório e de agrupamentos musicais específicos para cada evento do ciclo de música, pois a cada evento corresponde uma temática diferente relacionada com um determinado aspeto cultural ou florístico do próprio espaço. Teve-se em conta, uma escolha diversificada de agrupamentos e estilos musicais entre cada evento, pois cada quinta tem a sua própria ambiência em termos histórico-culturais e botânicos.

Na criação desta proposta, foram tidos em conta outros projetos de índole similar tal como, o “Green Gardens” nos Açores (Green Gardens Azores, 2019), o “Lisboa na Rua”, o “Música Als Parcs” em Espanha (irBarcelona, 2019) e o “Ecomusicalis” na RAM (Retoíça - Associação Cultural, Desportiva e Recreativa, s.d.), projetos que visam a valorização dos espaços verdes em contexto urbano.

O processo de seleção das quintas baseou-se em trabalho de pesquisa bibliográfica das várias quintas públicas existentes na cidade do Funchal. Deste modo, os jardins selecionados foram cinco, nomeadamente: a Quinta Magnólia, a Quinta Vigia, a Quinta das Cruzes, a Quinta Jardins do Imperador e a Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.

A proposta de projeto que se apresenta corresponder a uma forma de valorizar as quintas da cidade do Funchal, bem como o seu património florístico e histórico-cultural.

O objetivo geral do projeto compreende numa proposta de ciclo de música pelos jardins de cinco quintas públicas, através da integração entre o ato musical e o espaço com aspetos relacionados com o património histórico-cultural e botânico, abordados durante a visita guiada pelo espaço, que depois culminará numa temática específica para o momento musical com um repertório variado e escolhido consoante essa mesma temática.

1.1 Caraterização do Estágio e da entidade acolhedora

O estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Ecoturismo, na Associação Musical e Cultural Xarabanda, tendo permitido a inserção no mercado de trabalho. A associação possui um extenso trabalho na recolha da tradição na ilha da Madeira e na organização de projetos na área do património cultural e artístico que na perspetiva do estágio seria uma mais-valia.

Este estágio foi dividido em três partes: a primeira parte concentrou-se no trabalho de pesquisa bibliográfica sobre os espaços escolhidos, a segunda parte em trabalho de campo, nomeadamente a visita aos espaços e a recolha de informações pertinentes para o projeto e a terceira consistiu na realização de uma proposta para um ciclo de música nos jardins.

Este projeto teve como base as propostas dos orientadores de estágio em que depois foram sendo desenvolvidas através da pesquisa de projetos semelhantes como o “Green Gardens” nos Açores, o “Lisboa na Rua”, o “Música Als Parcs” em Espanha e o “Ecomusicalis” na RAM.

O “Green Gardens” (Green Gardens Azores, 2019), resulta num projeto que “visa a consolidação científica e tecnológica do “Garden Tourism” nos Açores, considerando os seus jardins históricos enquanto produto turístico específico de grande potencial para a valorização do destino”, promovendo eventos como colóquios internacionais e mesas redondas.

O “Lisboa na Rua” (Câmara Municipal de Lisboa, 2020), organizado pela Câmara Municipal de Lisboa em parceria com a Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural, embora num âmbito mais amplo proporcionam atividades como o “Música no Cinema” no Parque do Vale do Silêncio em Lisboa em que a orquestra Gulbenkian proporcionou um concerto musical nos jardins do vale com vários convidados sobre bandas sonoras de filmes.

Em Espanha o “Música Als Parcs” (irBarcelona, 2019), realizado na cidade de Barcelona entre o final da primavera e o verão com cerca de 49 concertos por 30 espaços verdes, proporcionando ainda visitas guiadas a jardins e monumentos históricos.

O “Ecomusicalis”, resulta da Associação Cultural Desportiva e Recreativa-Retoíça, perante a necessidade de juntar a música e a natureza, proporcionando concertos na

natureza por toda a RAM, com a finalidade de aproximar a comunidade à natureza e o respeito pela mesma (Retoixa - Associação Cultural, Desportiva e Recreativa, s.d.).

Com referência nestes projetos anteriormente mencionados e nas sugestões dos orientadores de estágio permitiu assim, desenvolver-se uma proposta de projeto de ciclo de música nos jardins públicos das quintas para a cidade do Funchal.

A Associação Musical e Cultural Xarabanda, foi formada em 1981 proveniente de um grupo anteriormente formado intitulado de “Algozes”. Este grupo teve sempre o objetivo de dar a conhecer a tradição musical madeirense, com recolhas e arranjos de repertório (Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2019).

No ano letivo de 1987-1988, o grupo realizou um dos projetos mais importantes na valorização da música tradicional em colaboração com o Gabinete de Apoio à Expressão Musical e Dramática (Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2019).

Com a gravação do primeiro disco “Tocares e cantares tradicionais”, nasce a Associação Xarabanda devido à necessidade de criar uma entidade que pudesse dedicar-se a um projeto mais abrangente na vertente da cultura tradicional da RAM (Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2019).

Ao longo dos seus 30 anos de existência o trabalho de recolha e divulgação, tem sido dado a conhecer com a realização de concertos por toda a ilha, como também para fora desta, nomeadamente, Açores, Portugal Continental (Coimbra, Estoril, Lisboa, Loures, Bragança, Castelo Branco, Algarve e Porto), Bélgica, Venezuela, África do Sul e França (Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2019).

Em 2002 foi declarada associação de utilidade pública pelo governo regional. Recentemente recebeu condecorações como de Membro Honorário da Ordem do Mérito por decisão do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa e um galardão pela Universidade da Madeira de ‘UMA reconhecimento’.

Na associação, desenvolvem-se vários projetos, tais como:

- Grupo Musical Xarabanda;
- Orquestra de Pontado da Madeira;
- Revista Xarabanda;
- Turismo Cultural (figura1);
- Cantigas ao Menino Jesus;

- Centro de Investigação e Documentação;
- Escola de Cordofones Tradicionais Madeirenses (Braguinha, Rajão e Viola de Arame);
- Edições relacionadas com o património.
- IX Encontro de Violas de Arame
- “Do braguinha ao ukulele-Uma viagem com 140 anos”



Figura 1-Projeto de turismo cultural, desenvolvido pela associação Xarabanda em parceria com a TUI Portugal (2010). **Fonte:** AMCX

1.2 Conceito de Ecoturismo

O conceito de ecoturismo surgiu a partir da década de 80 do século XX, possivelmente através do artigo de Turismo e Conservação de Budowski (1976) e é dos conceitos que mais tem vindo a crescer ao longo dos anos e que comporta várias definições (Menino, 2016).

Segundo a Sociedade Internacional de Ecoturismo, o conceito pode ser entendido como uma viagem responsável que conserva o ambiente natural e proporciona o bem-estar da população local. Assim, podemos considerar como um turismo para áreas com património natural facilitando a compreensão da cultura local e a conservação do meio ambiente através da educação.

O conceito, segundo a TIES (2019) abrange princípios tais como:

- Minimizar os impactos físicos, sociais, comportamentais e psicológicos;
- Criar consciência e respeito ambiental e cultural;
- Oferecer experiências positivas tanto para os turistas e para a população local;
- Gerar benefícios financeiros para o apoio à conservação;
- Fornecer benefícios financeiros para a população local e para a indústria do setor privado;
- Proporcionar experiências memoráveis para os turistas e ajudar a aumentar a sensibilidade política, ambiental e social dos países anfitriões;
- Projetar, construir e operar instalações de baixo impacto;
- Reconhecer os direitos e crenças dos povos indígenas e sua comunidade com vista a trabalhar em parceria para criar empoderamento.

Na compreensão deste conceito podemos ter também em conta três componentes como a natureza, a sustentabilidade e a educação.

A componente da natureza pode ser entendida como a visita a áreas naturais pelos ecoturistas de modo a conhecê-las. Na vertente da sustentabilidade o ecoturismo tem de ser capaz de gerar benefícios para a população local sem danificar os recursos naturais existentes e as gerações futuras. Na componente da educação o conceito visa educar sobre a cultura local e os recursos naturais existentes, tendo em conta a interação entre a população local e o ecoturista.

O conceito muitas vezes é confundido com o de turismo de natureza, mas na verdade são diferentes. Embora ambos privilegiem o contacto e preservação do meio natural, o ecoturismo vai mais além garantindo princípios como a sustentabilidade e a educação.

O ecoturismo também pode ser aplicado no meio urbano, como em parques, jardins zoológicos, jardins botânicos e campos de golfe. Este tipo de turismo é conhecido como o “urban ecoturismo” (Fennell, 2008).

Segundo Dodds and Joppe (1998), a criação da Green Tourism Association em 1996 foi muito importante, pois teve como finalidade de promover e divulgar o conceito para turistas e residentes, apoiar o mercado de turismo urbano verde e as suas empresas com incentivos de modo a agirem de forma mais responsável para melhorarem a sua imagem atraindo mais receitas e fornecendo ferramentas “to take the next step”. Esta associação foi fulcral para a disseminação do conceito de ecoturismo urbano e no incentivo às empresas a reduzirem a sua pegada ecológica.

O ecoturismo apesar de ser o conceito com um crescimento mais rápido no setor do turismo é dos menos utilizados (Honey, 2008). Este conceito é importante quando queremos criar um destino sustentável e diferenciador.

1.3 Breve contextualização sobre a música nos jardins

A integração entre a música e os espaços verdes é milenar, como nos jardins imperiais Romanos e Persas referidos no antigo testamento, em ilustrações de manuscritos com músicos a tocar nos jardins ou ainda na época do renascimento como na obra “Le Roman de la Rose” (Brown, 2016).

No Renascimento os jardins já possuíam espaços específicos para música ao vivo, apoiados por tecnologia como os autómatos e órgãos de água que funcionavam em grutas construídas que normalmente trabalhavam através de água ou ar como por exemplo, o de Villa D’Este`s (figura 2) produzindo dois tipos de sons assimilando-se a dois trompetes (Brown, 2016).



Figura 2-Fonte do órgão de água em Villa d'Este. Gravura da autoria de Giovanni Francesco Venturini (1691). Das fontes dos extensos jardins de Tivoli, com suas perspectivas e vistas das cascatas do rio Aniene por Giovanni Giacomo de Rossi. Roma. **Fonte:** (Brown, 2016)

A música frequentemente fazia parte de espetáculos nos teatros dos jardins europeus nos séculos XVI e XVII, como na obra de Thomas Champion¹ a sua composição “Entertainment” para a rainha Anne da Dinamarca em 1613, que resulta numa obra complexa com a participação de atores que passavam-se por jardineiros envolvidos em diálogos e danças fazendo soar cornetas com melodias (Brown, 2016).

Em França aquando do reinado do rei Luís XIV, em Versalhes nas suas três grandes festas em 1664, 1668 e 1674 caracterizadas como espetáculos dentro de espetáculos que envolveram o rei e seus convidados a percorrerem os vários jardins, onde eram realizados vários eventos incluindo música e dança, atualmente num formato mais distinto e mais pequeno a música nos jardins de Versalhes ainda continua viva (Brown, 2016).

Os jardins tiveram diversos papéis na sociedade francesa e funcionaram como locais de representação crescente da arte como para o relaxamento, música, dança, poesia, horticultura e motivos decorativos (Wardropper, 2008).

¹ Compositor inglês, poeta e médico entre o século XVI e XVII

Na Europa durante o século XIX, a música acompanhava o setor turístico, pelo facto dos visitantes das grandes cidades procurarem os grandes teatros, salas de espetáculos e jardins para assistirem a concertos de vários tipos como na cidade de Viena, onde era frequente ocorrerem concertos por bandas militares (Gibson & Connell, 2005).

A partir do século XIX e até aos inícios do século XX, foi um período caracterizado pela construção de avenidas, praças, parques e jardins públicos em Portugal “que introduziram uma nova configuração urbana e trouxeram consigo novas práticas de sociabilidade, de cultura e lazer” em (Lessa, 2014, p. 29).

Os jardins em Portugal tinham na maior parte deles um espaço lúdico e de animação cultural e quase sempre um coreto (figura 3) para as bandas civis e militares atuarem regra geral ao domingo e dias assinalados. Esses coretos foram construídos a partir dos ideais da Revolução Francesa entre o século XVIII e XX, enquanto que na Grã-Bretanha os coretos já faziam parte do “Vauxhall Gardens” desde o séc. XVII (Lessa, 2014).



Figura 3-Coreto do Jardim da Luz, concerto da Tuna Académica de Coimbra (1925). **Fonte:** (Lessa, 2014)

Na ilha da Madeira, a música manifesta uma ligação à cultura europeia com influência de países como a Holanda, França, Inglaterra, Brasil e Itália (Esteireiro, 2020).

No século XVIII é construído o Teatro Grande ou Casa da Ópera que foi um espaço de atuações públicas de destaque na cidade do Funchal, chegando a ser considerado como a maior casa de espetáculo de Portugal. Na transição entre o século XIX para o XX começam também a existir vários clubes e associações que organizavam concertos, nomeadamente saraus e bailes nas quintas madeirenses que estavam bastante ligadas com o turismo terapêutico (Esteireiro, 2020).

Com o aparecimento das bandas regimentais e filarmónicas nos finais do século XIX começaram a existir concertos públicos principalmente nos palácios, jardins, teatros e praças como nos salões do Palácio de São Lourenço, no Jardim Municipal do Funchal, Jardim da Quinta das Cruzes (figura 4), no Teatro Esperança e na Praça da Constituição, onde existiu no início do século XX dois coretos para as bandas civis e militares fazerem as suas atuações (Rodrigues, 2011).



Figura 4-Coreto do Jardim das Cruzes na década de 40-50 do século XX. **Fonte:** SRTC (retirado da página web)

1.4 Turismo de jardins em Portugal Continental na vertente de eventos musicais

O turismo de jardins é um nicho de turismo com a especialização em visitas a jardim botânicos e outros jardins com elevada fitodiversidade (Quintal, 2009).

Para entender melhor este tipo de turismo é fundamental interiorizar o significado do conceito de jardim. Segundo o dicionário Webster New World (2019), um jardim pode ser entendido como “uma área pública para recreação ou como um parque ornamentado com plantas ou árvores”.

O jardim tem como função primária a sua utilidade para o caráter lúdico e recreativo, vindo já desde os tempos dos míticos jardins da Babilónia (figura 5), até aos dias de hoje em que cada vez mais está patente essa representação mítica nos jardins da atualidade (Silva & Carvalho, 2017).

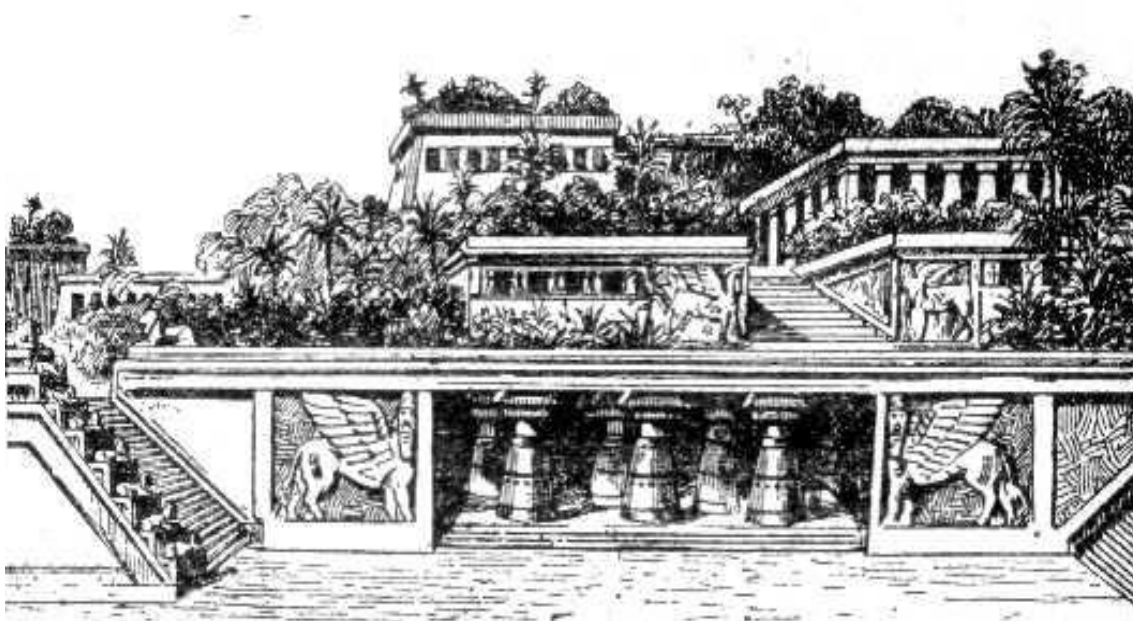


Figura 5-Interpretação datada do século XX, “Jardins Suspensos da Babilônia”. **Fonte:** (Silva, & Carvalho, 2017)

Em Portugal podemos contar com cerca de 20 operadores que trabalham no setor do turismo de jardins, “incluindo uma oferta total de quase 30 jardins em pacotes turísticos, rotas e itinerários portugueses” (Albergaria, 2016, p.188).

Segundo a base de dados do Institut Européen des Jardins & Paysages, desenvolvida pelo Centro de Ecologia Aplicada, existem inventariados cerca de 741 jardins históricos em todo o país (Institut Européen des Jardins & Paysages, 2017).

Em Portugal, acontecem festivais que dão uma maior ênfase a este tipo de turismo como o “Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima” ou o “Festival Internacional das Camélias em Lousada” (Silva & Carvalho, 2015). Estes eventos ajudam a alavancar a economia local, mas também a promover os espaços (jardins) e a sua preservação.

Os meses do verão principalmente julho e agosto são os mais procurados para a visita a jardins como podemos observar na tabela 1.

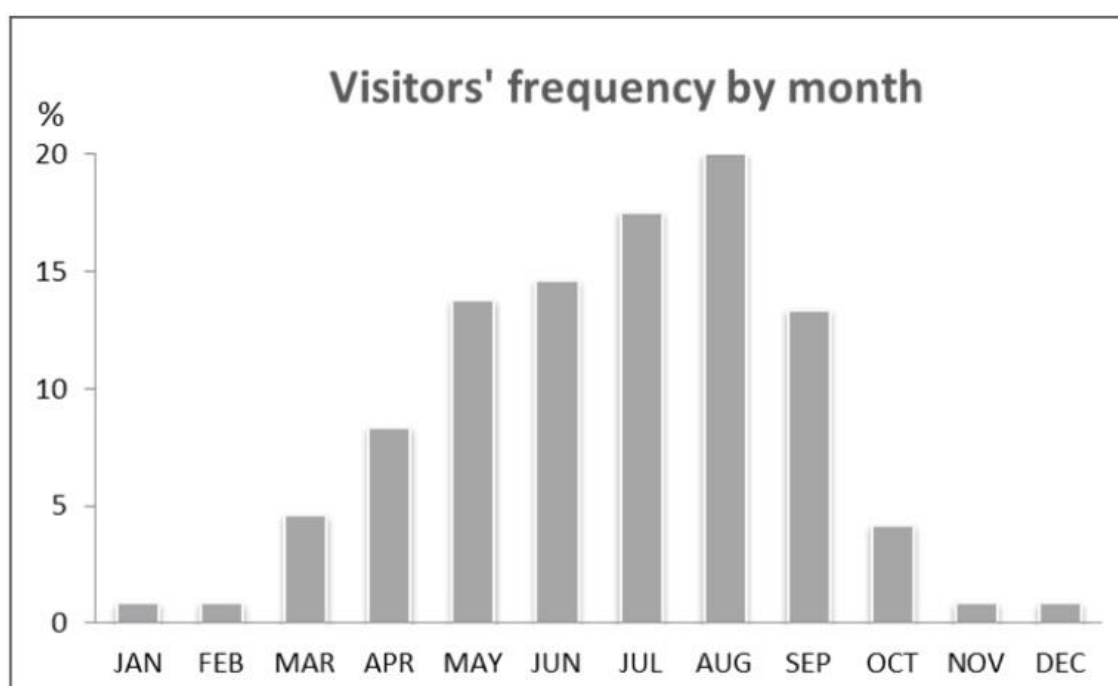


Tabela 1-Frequência de visitantes a jardins por mês em Portugal (2014). **Fonte:** (Silva & Carvalho, 2015)

1.4.1 Turismo de jardins na ilha da Madeira

A ilha da Madeira desde o seu descobrimento foi sempre comemorada como sendo um jardim, através de cronistas como Gaspar Frutuoso ou António Cordeiro, enaltecendo a riqueza florística espalhada por toda a ilha, surgindo a ideia de jardim do Éden que foi divulgada por toda a Europa (Vieira, 2017).

A visita de várias personalidades à ilha também foi importante, pois criaram as chamadas “quintas de aluguer”, localizadas geralmente na periferia da cidade (figura 6)

com uma grande riqueza paisagística e com a função principal para o lazer e não para a produção. Estas quintas devem-se muito à presença britânica na ilha, tendo os britânicos adotado “o termo quinta para se referir às propriedades rurais da periferia do Funchal” (Matos, 2016, p.146).

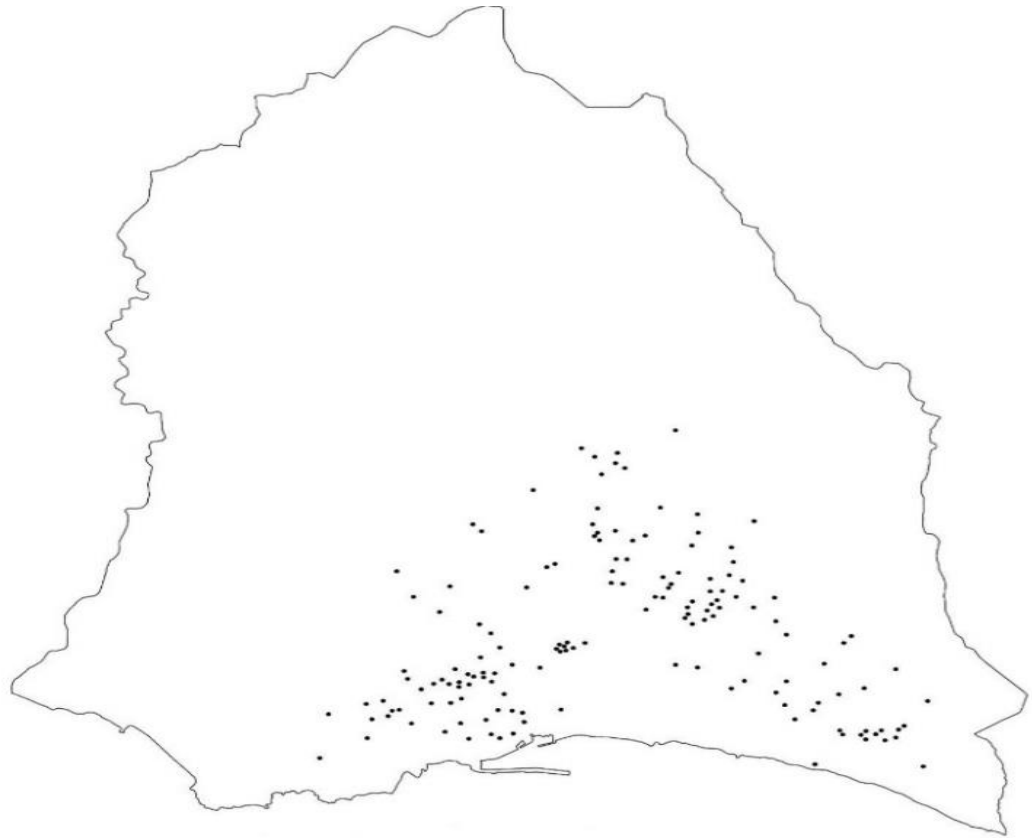


Figura 6-Distribuição das principais quintas no concelho do Funchal. **Fonte:** (Andrade, 2018)

De acordo com Andrade (2018: 20), as quintas de aluguer na ilha tiveram influência nos inícios do século XV, com a *villa de Fiesolle* em Florença que marcou “o início da tradição dos jardins em terraço, que cedo se disseminaram por toda a Europa do Sul”, de facto, os terrenos das quintas madeirenses eram pequenos e formados em socalcos ou mais conhecidos como “poios” (regionalismo madeirense) de maneira a garantir boas condições para a irrigação.

Os finais do século XIX e inícios do século XX, os jardins ou as quintas madeirenses já funcionavam como um produto turístico que transformavam uma paisagem, levando Albergaria (2016: 200) a afirmar que “o Funchal continuava a ser em

meados do século XX, uma cidade-jardim e muitas destas quintas autênticos monumentos”.

A partir da década de 90 do século XX, os jardins madeirenses eram incluídos nas “revistas de turismo, paisagismo e jardinagem europeias” (figura 7) e também em livros tais como *Les Jardins du Délire-plants et jardins insolites en Europe* (1994), *Des Jardins en Europe* (1992) e *Merveilleux jardins de l` Atlantique* (2008), como refere Quintal (2009: 72).



Figura 7-Quinta do Til, publicada no “The Gardener’s Chronicle” de 20 de outubro de 1888. **Fonte:** (Quintal, 2009)

A ilha da Madeira, oferece excelentes condições e oportunidades para o turismo de jardins e ecoturismo devido às boas condições climáticas, ao grande número de jardins de acesso público, riqueza histórico-cultural e botânica, entre as quais podemos constar na tabela 2.

No entanto, é de referir que o número de quintas na cidade do Funchal entre 1980 e 2010 não pararam de diminuir, chegando a perder-se cerca de 5% das quintas por ano, resultando numa perda do valor paisagístico e florístico da cidade, devido ao crescimento dos espaços urbanos (M. Sequeira, comunicação pessoal, fevereiro 08, 2021).

O turismo de jardins é um nicho dentro do mercado do turismo que deve ser desenvolvido na região devido às condições excecionais da mesma, embora seja importante a consciencialização da preservação dos jardins para uma oferta de um

produto turístico diferenciador. Na ilha da Madeira têm sido realizados projetos neste âmbito como os concertos da flor, no âmbito do projeto “Ecomusicalis”.

Madeira	Pontos Fortes	Pontos Fracos
	Excepcionais condições climáticas propícias à visita de jardins durante todo o ano	Relativa inacessibilidade do destino
	Existência de grande número de jardins com acesso público	Indiferenciação nítida entre os vários jardins preparados para visita
	Elevada fitodiversidade, com alguns jardins a atingirem a classe de excepcional riqueza florística	Estado de conservação decadente de muito do património construído associado às quintas
	Existência de boas condições de acolhimento dos visitantes (infra-estruturas e amenidades)	Inexistência de uma visão estratégica para os jardins da Madeira
	Grande número de figuras históricas associadas aos jardins	Fracas visibilidade de alguns jardins históricos e escassez de informação
Situação favorável à obtenção de vistas panorâmicas		
	Oportunidades	Ameaças
	Notoriedade do Destino, associado à “marca” jardins como parte da identidade estética do lugar	Alta concorrência dos destinos ligados ao setor do turismo de jardins
	Existência de infra-estruturas turísticas adequadas e a preços competitivos	Dificuldade de acesso às fontes de financiamento para investimento e manutenção do património histórico e natural
	Boas condições para um plano estratégico de marketing de promoção dos jardins da Madeira, porventura associado aos jardins dos Açores	Dificuldade na articulação de interesses entre os <i>stakeholders</i> e inexistência de políticas públicas destinadas à conservação e valorização dos jardins

Tabela 2-Tabela de análise relativamente ao turismo de jardins na ilha da Madeira. **Fonte:** (Albergaria, I. S. 2016) adaptado

2 Metodologia

A metodologia aplicada foi dividida em 3 etapas a que correspondem:

1. Processo de seleção dos espaços.

Compreende à primeira etapa para a elaboração da proposta de projeto. Consistiu num trabalho de pesquisa bibliográfica relativamente às quintas públicas na cidade do Funchal. Esta componente foi desenvolvida na Biblioteca Pública Regional da Madeira, na Universidade da Madeira e na AMCX. Neste processo recorreu-se a diversos textos nomeadamente livros, relatórios, artigos científicos, dicionários e algumas páginas web. Após esse trabalho, selecionaram-se cinco quintas emblemáticas da cidade do Funchal com boas condições para a implementação do projeto, em termos de riqueza florística e histórica, mas também a nível de condições para acolherem um agrupamento musical. Teve-se ainda em conta incluir quintas que já tivessem acolhido algum tipo de evento ou festival de música, pois isso seria um fator importante para o sucesso do momento musical. A partir daí, realizou-se uma breve caracterização histórica e botânica de cada quinta selecionada, baseada na revisão bibliográfica.

2. Saídas de Campo.

Corresponde ao planeamento das saídas de campo. Para isso, traçou-se um percurso para o roteiro do projeto, que teve a orientação oeste-este, ou seja, início na Quinta Magnólia e conclusão na Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira. Foi nesta ordem que as saídas de campo se realizaram.

No total foram realizadas um total de 10 saídas de campo (2 saídas a cada espaço) entre novembro de 2019 e setembro de 2020. As saídas foram importantes, sobretudo para conhecer melhor os espaços e confirmar algumas questões relacionadas especialmente com a botânica, pois os jardins das quintas são muito dinâmicos, particularmente nas espécies arbustivas e herbáceas.

No seguimento das saídas traçou-se um percurso em cada espaço de cerca de 1h15 a 1h30 para uma visita guiada e com a escolha de vários pontos de paragem durante a mesma com interesse a nível de património histórico-cultural e florístico.

Na parte da seleção do património histórico-cultural, porque já se havia realizado o trabalho de pesquisa e foi só uma questão de localização no espaço e de se proceder ao levantamento fotográfico.

Na seleção dos aspetos botânicos foi mais trabalhoso devido ao facto de ser necessário restringir a seleção devido à variedade botânica de cada espaço. Para a seleção teve-se o critério de escolher primeiramente as árvores mais emblemáticas de cada espaço, devido a serem espécies perenes e de fácil identificação. As herbáceas e os arbustos foram a segunda prioridade, apesar de terem um tempo de vida geralmente mais curto são espécies que dão um colorido aos jardins das quintas e despertam a atenção dos visitantes. Decidiu-se igualmente incluir as árvores de fruto, pois são muito características das quintas madeirenses.

Nestas saídas de campo foi indispensável material como um tablet e telemóvel para tirar as fotografias, bloco de notas, caneta e alguma bibliografia para se confirmar a identificação das plantas, pois existiam placas identificadoras trocadas e noutros casos a inexistência das mesmas, daí ter sido necessário sempre confirmar a informação.

3. Elaboração da proposta de ciclo de música.

Abarcou inicialmente à parte da integração entre o ato musical e o espaço e depois a elaborou-se um modelo de elaboração do projeto, um logótipo, um folheto e um roteiro da proposta de projeto.

A integração entre o ato musical e o espaço, foi um modelo criado de raiz para cada evento do ciclo de música, que terá início com a visita guiada e depois finalizará com um momento musical.

Em cada evento será proposto um tema específico que terá relação com o momento musical, que será proporcionado por um agrupamento musical convidado que interpretará um repertório relacionado com o tema. A escolha do repertório baseou-se em pesquisa em editoras, livros e através do contacto com músicos da AMCX. Para a escolha do local para o momento dentro de cada quinta, teve-se em conta áreas dedicadas para o mesmo ou zonas amplas com capacidade para montar toda a logística requerida. Realizou-se ainda uma montagem fotográfica do momento para dar uma visão de como se processará.

Apresentamos no modelo também o trajeto das visitas guiadas e os pontos de paragem, em que se enaltecem os aspetos numerados, apresentados na Planta de cada quinta.

O modelo de elaboração do projeto foi desenvolvido tendo em conta o modelo da Suggestus (<https://www.suggestus.pt/empresa/manifesto>). Para isso foi necessário fazer

uma estrutura de financiamento do projeto através de contactos com empresas e instituições públicas e privadas. A consulta do tipo de apoios públicos disponíveis para este tipo de projeto também foi uma ação necessária.

Criou-se ainda um logótipo, um folheto e um roteiro para o projeto, através do programa *Microsoft Power Point*.

3 Resultados

Neste capítulo pretende-se apresentar os resultados do estágio.

O primeiro resultado corresponde na caracterização histórica e botânica de cada quinta da proposta. A caracterização é apresentada segundo o trajeto do roteiro do projeto.

O segundo ponto reflete na integração entre o ato musical e o espaço, em que consiste na apresentação de cada evento do ciclo de música. Assim apresenta-se a correlação entre cada quinta e o momento musical através de um tema criado e a sua fundamentação, a visita guiada juntamente com o guião da mesma e os seus respetivos pontos de paragem e finalmente a exposição do momento musical, nomeadamente a área selecionada para o mesmo e o repertório específico referente a cada tema. As datas de cada evento apresentadas são meramente demonstrativas.

Destaca-se que para cada evento haverá um número máximo indicativo de 25 a 30 participantes e um mínimo de 10. Requer uma inscrição prévia que não terá qualquer custo, assim como a participação em cada evento do ciclo. Em cada evento os participantes poderão realizar uma contribuição para a conservação da flora, através da forma um donativo ao Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, I.P.-RAM e/ou Grupo de Botânica da Madeira.

Os eventos foram planeados para acontecerem aos domingos durante 1 mês e terá a seguinte sequência: Quinta Magnólia, Quinta Vigia, Quinta das Cruzes, Quinta Jardins do Imperador e Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.

Num terceiro ponto, expõe-se um modelo de elaboração de projeto, que corresponde a uma candidatura a ser apresentada para a elaboração da proposta nas devidas entidades como o Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, a Câmara Municipal do Funchal e a Secretaria Regional de Turismo e Cultura. O logótipo, o folheto e o roteiro são outros aspetos criados indispensáveis na divulgação do projeto.

3.1 Caraterização das quintas visitáveis incluídas no projeto de estágio

3.1.1 Quinta Magnólia

3.1.1. Breve caraterização histórica

A Quinta Magnólia ganhou o seu nome em honra da espécie *Magnolia grandiflora*. Construída em 1850 por J. Howard March e depois vendida em 1851 para o médico inglês Herbert Watney que chegou a contratar um arquiteto paisagista inglês para alargar a propriedade até ao Ribeiro Seco, plantando uma grande quantidade de palmeiras, cicas e catos (Leitão, 2007).

Em 1931 a quinta foi vendida pelo filho de Herbert Watney para a família Leacock que a transformou no “British Country Club”, que era um clube onde as famílias anglo-madeirenses encontravam-se para praticar ténis, squash, snooker ou tomar o chá da tarde (Mayson, 2015).

Em 1981 foi aberta ao público após uma reabilitação, tendo sido transformada num espaço público com jardins em boas condições (figura 8 e 9) (Quintal & Groz, 2001).

A partir de 1983, a quinta foi adquirida pelo Governo Regional, passando a ser a sede da Escola de Gestão Hoteleira tendo a casa principal sofrido alterações no interior devido à sua degradação, mas também de forma a ser adaptada para as necessidades da escola. Passou ainda por ser a sede da Proteção Civil, dando ainda lugar para a Biblioteca de Culturas Estrangeiras e até 1992 foi o Museu de Arte Contemporânea (Quintal, 2007).



Figura 8–Espaços para a prática desportiva na Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 9–Espaço ajardinado ao lado da casa principal na Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas

Recentemente sofreu obras de requalificação e abriu novamente ao público em julho de 2019.

3.1.1.2 Breve caracterização botânica

A Quinta Magnólia ocupa uma área de cerca de 35 000m² e é caracterizada em 2 setores, um deles corresponde à margem ocidental junto à zona do ribeiro seco que vai descendo gradualmente até ao nível do mar e o outro caracterizado por ser praticamente plano constituído por ervados resistentes ao pisoteio conhecidos como *Paspalum dilatatum*² (Quintal, 2008).

Os jardins ocupam uma área de cerca de 25000m² entre os 56m e os 75m com orientação sul e sudeste (Quintal, 2007).

Tendo em conta Quintal (2007), a vegetação predominante são as plantas herbáceas, seguindo-se os arbustos e finalmente as árvores (figura 10 e 11). Existem cerca de 8 dezenas de árvores e plantas arborescentes nos jardins, sendo a espécie mais abundante a *Casuarina equisetifolia*.



Figura 10-Aglomerado de palmeiras na parte inferior dos jardins na Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 11-Uma das Magnólias, situadas junto à entrada sul da Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas

² Gramínea originária da América do Sul

3.1.2 Quinta Vigia

3.1.2.1 Breve caracterização histórica

A Quinta Vigia, foi construída por Daniel da Costa Quental em 1662 na encosta de São Lázaro sobre a baía do Funchal (figura 12) e deteve como nome inicial Quinta das Angústias, supostamente devido à capela ser dedicada à Nossa Senhora das Angústias (Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, 2017).

Inicialmente foi utilizada para fins agrícolas, tendo nos finais do século XVIII transformada para uma quinta dedicada ao prazer por mérito de Dona Guiomar Vilhena, que criou um jardim de aclimação com a importação de espécies exóticas (Quintal, 2007).

Foram várias as personalidades que passaram pela quinta entre os séculos XVIII e XIX, desde a rainha Adelaide de Inglaterra, o Conde de Lambert, Nicolau de la Tuelière, D. Maria Amélia, as imperatrizes do Brasil e da Áustria e o duque de Leuchtenberg (Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, 2017).

A quinta chegou a ser parte da propriedade da antiga Empresa dos Sanatórios e chegou servir de alojamento para as forças da Guarda Republicana (Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, 2017).

A partir de 1979 passou a ser propriedade do Governo Regional, onde funcionou temporariamente o Conservatório de Música da Madeira, tendo a partir de maio de 1984 passado a ser a sede do Governo Regional da Madeira (figura 13) (Quintal, 2007).



Figura 12-Vista panorâmica sobre a Baía do Funchal na Quinta Vigia. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 13-Fachada do edifício principal na Quinta Vigia, onde estão sediados os escritórios do Governo Regional. **Fonte:** Miguel Dantas

3.1.2.2 Breve caracterização botânica

O espaço da quinta ocupa uma área de 9200m², tendo os seus jardins ocupando uma área de aproximadamente 5600m² (figura 15) (Quintal, 2007).

Os jardins apresentam vários exemplares espécies da flora da macaronésia e exótica, como arbustos, palmeiras e plantas de flor. Encontram-se entre os 20 e 30m de altitude e orientação Este Sudeste, como refere Quintal (2007).

A vegetação predominante são as plantas herbáceas, seguindo-se os arbustos e por último as árvores (Leitão, 2007). Nos jardins temos exemplares de araucárias (*Araucaria heterophylla*), til (*Ocotea foetens*) (figura 14), sumaúmas (*Chorisia speciosa*), figueiras-da-india (*Ficus benjamina*), entre outras (Leitão, 2007).

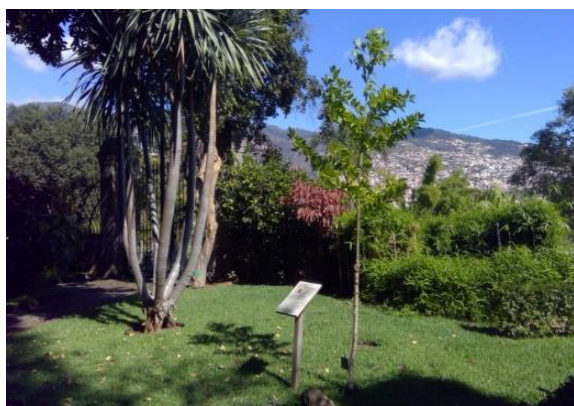


Figura 14-Til plantado pelo atual presidente da República Portuguesa Professor Marcelo Rebelo de Sousa na Quinta Vigia. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 15-Vista do interior dos jardins na Quinta Vigia. **Fonte:** Miguel Dantas

3.1.3 Quinta das Cruzes

3.1.3.1 Breve caracterização histórica

A Quinta das Cruzes, localizada no núcleo histórico de São Pedro é conhecida como a residência escolhida por João Gonçalves Zarco no início da colonização da ilha (Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, 2017).

Ocupa uma área de cerca de 10000m² com coleções de árvores, arbustos e orquídeas e núcleos arqueológicos incluindo o pelourinho original da cidade do Funchal datado do século XVI e sepulturas (Quintal & Groz, 2001). Existem outros pontos de referência, tais como a Capela construída em 1692 dedicada à Nossa Senhora da Piedade e a casinha do prazer.

Ao longo dos anos a “Casa das Cruzes” foi sofrendo alterações, tendo no século XVIII se transformado numa “emblemática Quinta Madeirense”, onde ainda hoje é possível observar na fachada principal duas antigas portadas de estilo manuelino com a presença de arcos contracurvados com cantaria basáltica da ilha (Quintal, 2007).

A partir de 1952, a propriedade foi adquirida pela Junta Geral do Distrito para a criação de um museu. No mesmo podemos encontrar coleções de ourivesaria do século XV, de joalharia entre os séculos XVIII e XIX, de glíptica com peças desde o século III a.C. ao século IV d.C. e outras modernas do século XVI e XIX, existe também imobiliário principalmente de origem francesa e inglesa e peças de artes decorativas portuguesas do século XVII e XVIII (Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, 2017).

Como todas as quintas madeirenses esta quinta é rodeada por um jardim de inspiração Romântica. No jardim podemos encontrar logo no centro duas janelas de estilo manuelino do século XVI (figura 16) rodeadas por um dragoeiro, na parte mais a montante existe os fontanários (figura 17) e ainda uma coleção de orquídeas (figura 19).



Figura 16-Janela manuelina na Quinta das Cruzes.
Fonte: Miguel Dantas



Figura 17-Antigo fontanário na Quinta das Cruzes. **Fonte:** Miguel Dantas

3.1.3.2 Breve caraterização botânica

Possui uma área total de 9800m² e 7200m² de espaço ajardinado numa altitude entre os 60 e 75m (Quintal, 2007). Segundo Quintal (2007), a vegetação predominante são as plantas herbáceas, seguindo-se as árvores e finalmente os arbustos. As espécies mais abundantes nos jardins da quinta são os fetos-arbóreos-australianos (*Cyathea cooperi*) (figura 18), o ligustro (*Ligustrum lucidum*) e as cicas (*Cycas revoluta*). É no período da primavera-verão que há maior número de taxa em floração (Quintal, 2007)



Figura 18-Fetos-arbóreos-australianos localizados na parte central do jardim na Quinta das Cruzes.
Fonte: Miguel Dantas



Figura 19- Orquidário da Quinta das Cruzes.
Fonte: Miguel Dantas

3.1.4 Quinta Jardins do Imperador

3.1.4.1 Breve caracterização histórica

A Quinta Jardins do Imperador foi construída por volta de 1802, por James David Webster Gordon³ e possivelmente projetada por um arquiteto inglês devido às semelhanças na construção com o estilo *regency* como as “janelas com bandeiras envidraçadas, inseridas em arcos de volta perfeita” é uma edificação aproximada à arquitetura inglesa da época na ilha da Madeira (Carita, 2017).

Ao longo dos anos, foram vários os proprietários entre eles, o comerciante José Crisóstomo e Silva, o padre Simão Lúcio Nóbrega, Leland Crosthwait Cossart e o banqueiro Luís Rocha Machado (Quintal, 2007).

A 23 de junho de 1901, Luís Rocha Machado era o proprietário da quinta, onde ofereceu uma *garden party* em forma de homenagem para os reis de Portugal D. Carlos e Dona Amélia como refere Carita (2017).

Em 1921 a família de Rocha Machado cede a quinta para o Imperador da Áustria-Hungria que lá viveu exilado nos períodos de 1921 e 1922, morrendo a 1 de abril de 1922 resultado de uma broncopneumonia. Mais tarde, foi construída na quinta uma capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus na ilha em homenagem ao imperador (Quintal, 2007).

³ Cidadão britânico responsável a partir de 1802 por grande parte do desenvolvimento económico da ilha da Madeira.

Em 1977 e 1980 viveu a pintora Lurdes de Castro que criou um herbário de sombras tendo como inspiração a flora e a mata dos jardins (Quintal, 2007).

Existem ainda relatos de ter sido plantada uma árvore em 1815 aquando da passagem de Napoleão Bonaparte pelos mares da Madeira para o exílio (Leitão, 2007).

Após um período ao abandono da quinta, abriu ao público em março de 2004, depois de um trabalho de recuperação comandado pelo Eng.º Rui Vieira (Quintal, 2007). No entanto, devido aos recentes incêndios o palacete e todo o imobiliário acabou por desaparecer restando apenas as suas ruínas.

3.1.4.2 Breve caracterização botânica

De acordo com Quintal (2007), é possível identificar três unidades paisagísticas. A primeira é a Mata (figura 20) caracterizada pela frequência de incenseiros (*Pittosporum undulatum*), loureiros, castanheiros (*Castanea sativa*) e as acácias (*Acacia dealbata*, *A. longifolia*, *A. mearnsii*, *A. Melanoxylon*). Outra unidade é o relvado amplo em frente à casa (palacete) (figura 21) recortado pelo riacho que liga à lagoa. O Jardim Malakoff (figura 22) é a terceira unidade paisagística constituído por pequenos canteiros com um pequeno lago e uma torre cilíndrica no miradouro.

Esta quinta é considerada um espaço de grande riqueza de fauna e flora com uma área de 45000m², contando com 96 famílias botânicas, 223 géneros, 284 espécies, 8 subespécies, 6 variedades e 11 híbridos. Os jardins e o arboreto encontram-se numa altitude entre os 555m e os 580m numa plataforma inclinada para Sul e Sudoeste (Quintal, 2007).

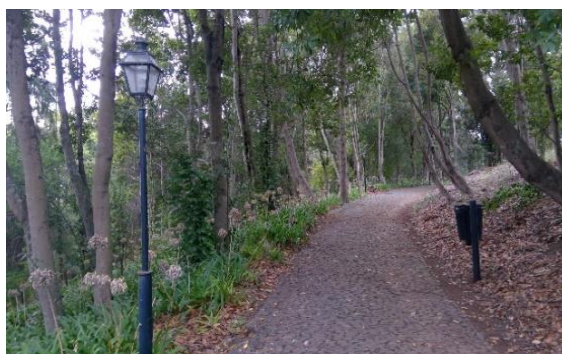


Figura 20-Área da Mata, localizada na entrada norte da Quinta Jardins do Imperador. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 21-Relvado em frente às ruínas do palacete na Quinta Jardins do Imperador. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 22-Jardim Malakoff na Quinta Jardins do Imperador. **Fonte:** Miguel Dantas

3.1.5 Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira

3.1.5.1 Breve caracterização histórica

A Quinta do Bom Sucesso, foi construída em 1881 pela família escocesa Reid tendo pertencido à mesma até 1952. Na sessão de 30 de abril de 1960 foi deliberada pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal (JGDAF) a criação do Jardim Botânico da Madeira definindo como um “estabelecimento de natureza essencialmente científica e cultural e de muito interesse económico e turístico” (Gouveia et al., 2010, p. 13).

A criação do Jardim Botânico (JBM) acontece na década de 60, tendo sido nomeado como diretor o Eng.º Rui Manuel da Silva Vieira, no entanto, naturalistas e botânicos já defendiam a criação do jardim desde o século XIX e XX como J.R. Theodor Vogel, Frederico Welwitsch, Castello de Paiva ou Rui Telles Palhinha (Gouveia et al., 2010).

No edifício da quinta (figura 23) existe o Museu de História Natural aberto ao público desde 1982, com um importante espólio de coleções de fósseis de plantas, bem como aves, insetos, borboletas, corais e rochas. Parte desta coleção pertence ao Seminário Diocesano do Funchal (Governo Regional da Madeira, 2003).

O Banco de Sementes é outra referência do JBM, localizado a norte do edifício principal que tem como missão a conservação da vegetação e flora naturais do arquipélago da Madeira (Gouveia et al., 2010).

O Herbário é outro ponto de destaque criado em 1957, sendo oficialmente constituído parte integrante do JBM só em 1960. Neste está incluído o Herbário Histórico do Seminário do Funchal com cerca de 9500 exemplares recolhidos entre 1840 e 1950 de plantas vasculares, briófitos e líquenes (Gouveia et al., 2010).

Em 2018 foi atribuído a este herbário o nome Padre Manuel de Nóbrega pelo seu contributo enquanto coletor para o reconhecimento da flora da ilha.

3.1.5.2 Breve caracterização botânica

Com uma área de 80.000m² e uma altitude entre os 200m e os 350m sobre o nível do mar o JBM apresenta condições luxuosas para o crescimento de plantas. Os jardins estão ordenados em 11 áreas principais desde a área reservada às cicas até às indígenas e endémicas da Madeira (figura 24), contando com mais de 3000 plantas tais como orquídeas, palmeiras, estrelícias, antúrios e incluindo um grande número de espécies endémicas da ilha da Madeira (Gouveia et al., 2010).



Figura 23-Fachada do edifício principal na Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 24-Imponente Dragoeiro na área dos jardins destinada ao arboreto na Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira. **Fonte:** Miguel Dantas

3.2 Integração entre o ato musical e o espaço visitável

Pretende-se em cada evento, criar um que proporcione aos participantes o conhecimento e a valorização do espaço, do ser acervo botânico e da correlação com a música, porque um dos objetivos é dar a conhecer os espaços numa vertente especializada e criando momentos de bem-estar, em que as pessoas possam estar em família a desfrutar do jardim e de toda a sua envolvência, finalizando com um momento musical intimista em que os participantes possam sentir-se envolvidos no mesmo.

O ciclo de música terá a duração de 1 mês e será realizado aos domingos numa quinta diferente como se pode constar na tabela 3 (as datas apresentadas são meramente demonstrativas).

Ciclo de música-Eventos	Data	Local
1-“Magnólias, uma fonte de inspiração multicolor”	2-05-21	Quinta Magnólia
2-“Mirante de Dona Guiomar aos olhos do comércio de vinho Madeira, nos finais do século XVIII”	9-05-21	Quinta Vigia
3-“Um singular orquestrofone nos jardins de uma emblemática Quinta Madeirense”	16-05-21	Quinta das Cruzes
4-“Imperador Carlos I: anfitrião de uma viagem pelas valsas e polkas de Johann Strauss II”	23-05-21	Quinta Jardins do Imperador
5-“A música de Cândido Drumond de Vasconcelos, nas quintas e clubes da alta sociedade funchalense, tocadas pelo braguinha no século XIX”	30-05-21	Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira

Tabela 3-Programação do ciclo de música

3.2.1 Quinta Magnólia - “Magnólias, uma fonte de inspiração multicolor”

O tema escolhido foi inspirado nas árvores das Magnólias, devido a serem uma espécie emblemática para a Quinta Magnólia.

Magnólia foi o nome atribuído por Carl Linneaus (1707-1778) em 1737, em glória ao botânico francês Pierre Magnol (1638-1715) que foi um dos maiores botânicos do seu século, sendo o autor da obra “Botanicum MonsPELLIENSE” e ainda diretor do jardim botânico de Montpellier (Maund, s.d.; Williams, s.d.).

As raízes do seu nome científico *grandiflora*, foram em homenagem ao tamanho das flores (grande+flor) (Mondin et al., 2010).

As magnólias são provenientes da América do Norte e pertencem à família *Magnoliaceae* (Quintal & Braga, 2019). São árvores de médio porte que atingem os 15m e os 25m de altura, o tronco é reto com uma casca superficial áspera de cor castanho-acinzentada e a sua copa bastante densa (Mondin, Eggers, & Ferreira, 2010).

Os frutos em forma de pinha ovoide são formados por múltiplos folículos castanhos, onde cada um contendo uma semente vermelha. A floração ocorre entre os meses de julho a dezembro e a sua reprodução acontece por sementes e estacaria (Mondin et al., 2010).

3.2.1.1 Descrição do evento

A Quinta Magnólia em termos gerais está em bom estado, pois a quinta recentemente sofreu obras de reabilitação, apresentando boas condições de segurança para quem a visita

Esta quinta está agendada para o 1º evento do ciclo de música no dia 2 de maio de 2021 e está previsto a ter uma duração de cerca de 2h, tendo início pelas 16h00 até às 18h00. Nesta hora do dia haverá luz suficiente e em termos de conforto será ideal devido ao calor que será menor.

Para o início do ciclo o ponto de encontro será junto à entrada sul da quinta 10 minutos antes de começar a visita guiada, de modo a ser mais facilitada a organização da visita guiada, onde será distribuído um cartão de identificação para cada participante.

A visita guiada pelos jardins terá uma duração de 1h30, seguindo-se o momento musical com a duração de 30 minutos.

3.2.1.2 Visita Guiada

Durante a visita pretende-se uma “volta pelo mundo” através dos aspetos ligados ao património histórico/cultural e botânico.

Será destacada uma parte da riqueza florística da quinta, num total de 15 espécies, tais como: as estreleiras (*Argyranthemum pinnatifidum*), as cicas (*Cycas circinalis*), as canforeiras (*Cinnamomum camphora*), ou a estrelícia gigante (*Strelitzia nicolai*). No património histórico-cultural serão abordados tópicos como a história da quinta, do edifício principal e do coreto localizado na parte central da quinta. Para esta visita guiada apresentamos um guião com um percurso, onde terá paragens identificadas pelos números que podemos constar na seguinte Planta da quinta apresentada abaixo (figura 25).

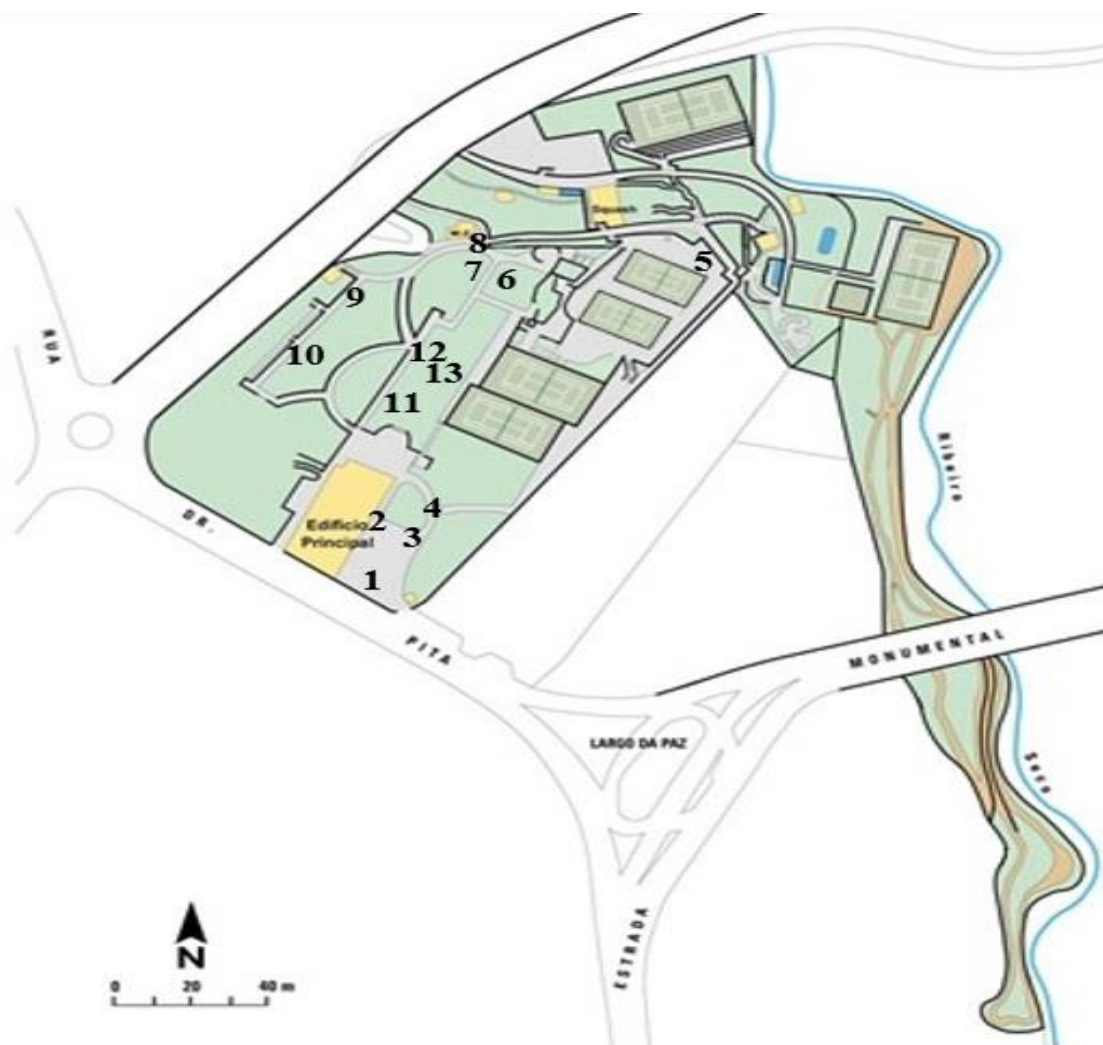


Figura 25-Planta da Quinta Magnólia, com o trajeto da visita guiada. **Fonte:** Quintal (2007) adaptado

Para uma melhor compreensão do evento, apresentam-se de forma sintética os aspetos a destacar (histórico e botânicos) em cada ponto de paragem. Estará ainda em anexo (ver anexo 6.1 a 6.2) uma breve descrição de cada aspeto e as suas respetivas fotografias.

1-Magnólia (*Magnolia grandiflora*)

2-Edifício principal (história da quinta), Cipreste-chorão-da-China (*Cupressus funebris*)

3-Estreleira (*Argyranthemum pinnatifidum*), Árvore de Júpiter (*Lagerstroemia indica*), Estrelícia Gigante (*Strelitzia nicolai*)

4-Mangueiro (*Mangifera indica*), Cica (*Cycas circinalis*)

5-Pata de elefante (*Nolina recurvata*), Casuarina (*Casuarina cunninghamiana*)

6-Coreto

7-Pandano (*Pandanus utilis*)

8-Árvore das Salsichas (*Kigelia africana*)

9-Encefalartos (*Encephalartos altensteinii*)

10-Árvore-da-Orelha-de-Elefante (*Enterolobium cyclocarpum*)

11-Cedro-do-Buçaco (*Cupressus lusitanica*)

12-Canforeira (*Cinnamomum camphora*)

13-Momento musical

3.2.1.3 Momento musical

A área selecionada para o momento musical foi a área ajardinada (Figura 26 e 27) ao lado da casa principal, junto aos campos de ténis. Este espaço com uma área aproximada de 1 014,55 m² (figura 29) (calculada através do *Google Earth*), coberta por árvores de grande porte, representando uma zona ampla ideal para o momento musical.

Em termos de condições acústicas será necessário a utilização de sistema de som, pois o agrupamento escolhido possui instrumentos que necessitam de amplificação. É

importante frisar que este espaço já foi alvo de festivais tais como, o “Festival Raízes do Atlântico”.

O palco ficará orientado para sul (Figura 28), de modo a que os participantes fiquem virados para o norte, devido ao encadeamento dos raios solares serem menores.

O agrupamento musical escolhido foi o Madeira Jazz Collective. Este grupo é constituído por um grupo de músicos residentes na ilha da Madeira com paixão pela música e criação, baseada na linguagem do jazz. Anualmente realizam diversos concertos em diversos eventos como o “Funchal Jazz Festival”, “Música nos Museus”, “Feira do Livro” entre outros.

Partindo do repertório sugerido abaixo (3.2.1.4) é um agrupamento bastante versátil para a interpretação dos temas, pois três deles são da área do jazz. O grupo tem também a particularidade de interpretarem temas originais e podendo apresentar-se em diversas formações, desde quinteto a septeto, com a possibilidade de tocarem temas apenas instrumentais (geralmente são a sua apresentação normal) ou vocais com um cantor (a) convidado (a).



Figura 26-Área selecionada para o momento musical, vista de um panorama mais distanciado na Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas

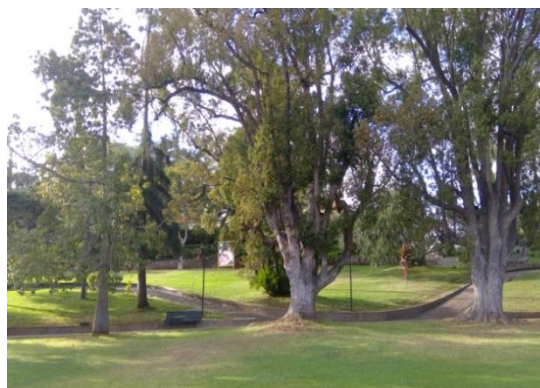


Figura 27-Área selecionada para o momento musical na Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 28-Montagem fotográfica do momento musical na Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas

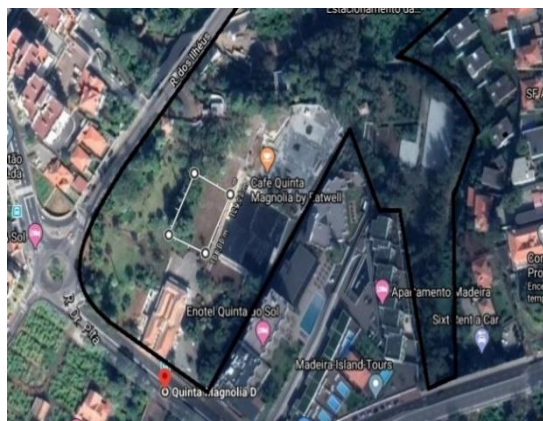


Figura 29-Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta Magnólia. **Fonte:** Google Earth

3.2.1.4 Correlação entre o ato musical e o tema

Como referido o tema é sobre as magnólias, assim é sugerida a relação entre a atuação musical e o tema no momento musical, para isso deixamos algumas sugestões de temas relacionados com o mesmo tais como:

- "Les collines de Rabiah"

Da autoria de Salvatore Adamo em 1986, é um tema que procura a descrição das magnólias em Beirute, tentando fazer o apelo à paz (Rizkallah, 2018).

- "The Sweet Magnolia Tree"

Música composta em 2003 pelo guitarrista de jazz Doug Wamble e é a oitava faixa do disco Country Libations. Descreve a história de um reencontro entre um homem e a sua amada por baixo de uma magnólia (Wamble, s.d.).

- "Magnolias Dripping With Molasses"

Esta música é o 1º andamento da suite "Deep South Suite" de Duke Ellington and Billy Strayhorn composta em 1946, fazendo referência a temas como a escravatura e a segregação social sentida nos estados do sul da América do Norte através de instrumentos como o trompete e os tom-tom da bateria. A obra em si é caracterizada por uma introdução lenta com uma pausa que de seguida entra a seção dos trompetes ao longo da música com a presença de solos. Na parte final temos a "band within a band", característica de Ellington, resultando um crescendo para o último acorde (Horricks, 1991).

- “Strange Fruit”

Canção popularizada por Billie Holliday, mas originalmente escrita em forma de poema e depois em canção pelo professor e ativista Abel Meeropol para estigmatizar a prática do linchamento (Pak, 2020).

A sua composição teve origem numa foto de 1930 na qual representava a prática do linchamento em duas pessoas de cor em Indiana, levando Meeropol anos mais tarde a escrever um poema relacionado com a foto. Billie Holiday identificou-se com a situação, pois o seu pai morreu aos 39 anos de idade devido à recusa em ser tratado no hospital por este ser de cor. Em 1999 foi considerada pela *Time* “song of the century” (canção do século) (Pak, 2020).

3.2.2 Quinta Vigia - “Mirante de Dona Guiomar aos olhos do comércio de vinho Madeira, nos finais do século XVIII”

O tema escolhido destaca o imponente mirante de D.^a Guiomar. O início da quinta remonta a 1567 na planta de Mateus Fernandes em que refere um bloco residencial e um mirante nos recifes da baía do Funchal (Carita, 1999).

Nos finais do século XVIII, a propriedade foi adquirida por D.^a Guiomar Madalena de Sá Vasconcelos Bettencourt Machado e Vilhena, tendo-a rentabilizado para o plantio de “malvasia”⁴ na encosta de São Lázaro e também a transformado numa quinta de prazer através da importação de muitas plantas (Carita, 1999).

Dona Guiomar, foi uma personalidade muito importante responsável entre a década de 70 e 80 do século XVIII pela maior parte da exportação de vinho Madeira, através da sua empresa comercial e imobiliária “Casa de Dona Guiomar”, chegando a ter entre 1777 a 1790 cerca de 227 navios (Vieira, 2003).

É ainda neste século, que se muda da sua propriedade na rua do castanheiro para a Quinta das Angústias, mandando reformular a quinta e a reconstrução e obra do mirante sob a baía do Funchal com a finalidade de controlar o movimento dos seus navios

⁴ O termo “malvasia” é utilizado principalmente na Península Ibérica e na Itália, em pelo menos 20 tipos diferentes de uvas. Os vinhos produzidos geralmente são de cor bastante alambreada, com exceção de alguns que apresentam uma cor vermelha clara (Robinson, 2015, p. 445).

principalmente os que transportavam vinho Madeira para todo o mundo, a título de curiosidade a independência dos Estados Unidos da América foi celebrada com vinho Madeira (Abreu, 2004; Carita, 1999).

3.2.2.1 Descrição do evento

A Quinta Vigia está agendada para o 2º evento do ciclo de música no dia 9 de maio de 2021 e está previsto a ter uma duração aproximada de 1h30, tendo início no final da tarde pelas 16h00 até às 17h30. A nível de condições de segurança são excelentes.

Nesta hora do dia, haverá luz suficiente e em termos de conforto será melhor devido ao calor que será menor, tendo em conta que o momento musical será realizado no miradouro sobre a baía do Funchal.

Para o início deste evento, o encontro dos participantes será junto à entrada norte da quinta 10 minutos antes de começar a visita, onde será entregue um cartão de identificação a cada participante.

O percurso pelos jardins terá uma duração de 1h15, e o momento musical com a duração de 30 minutos.

3.2.2.2 Visita Guiada

A visita terá início junto à casa principal, desenrolando-se pelos jardins e terminando no miradouro.

No que respeita à diversidade florística, destacam-se as espécies arbóreas, arbustivas e trepadeiras dos jardins, tais como o Til (*Ocotea foetens*), a Erva caninha (*Cymbopogon citratos*), a Costela-de-adão (*Monstera deliciosa*) como se pode verificar no guião da visita abaixo apresentado.

Quanto ao património histórico-cultural, será traçado um percurso cronológico da ocupação do espaço e suas vivências. A destacar a antiga Quinta Vigia que ficava junto aos terrenos do atual Casino da Madeira, a capela dedicada à Nossa Senhora das Angústias e o mirante de D.^a Guiomar.

3.2.2.3 Guião

Nesta visita mostramos um guião com o respetivo percurso, com paragens nomeadas pelos números que estão na Planta apresentada abaixo (figura 30).



Figura 30-Planta da Quinta Vigia com o trajeto da visita guiada. **Fonte:** (Quintal, 2007) adaptado

Apresentamos de uma forma breve os aspetos a destacar em cada ponto de paragem. Em anexo (ver anexo 6.1 a 6.2) está uma breve descrição desses aspetos e as suas fotografias.

1-Casa principal, Capela de Nossa Senhora das Angústias

2-Doce-de-Inverno (*Acokanthera oblongifolia*)

3-Erva caninha (*Cymbopogon citratos*), Jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*)

4-Til (*Ocotea foetens*), Sálvia (*Salvia splendens*)

5-Planta dos dentes (*Plumeria rubra*)

6-Polígala (*Polygala myrtifolia*), Araucária (*Araucaria columnaris*)

7- Pinheiro-de-Norfolk (*Araucaria heterophylla*)

8-Fruto Delicioso (*Monstera deliciosa*), Figueira-da-Índia (*Ficus benjamina*)

9-Mirante Dona Guiomar e casinha do prazer

10-Flor do Paraíso (*Caesalpinia pulcherrima*), Barbusano (*Apollonias barbujana*)

11-Momento

3.2.2.4 Momento musical

A área escolhida para o momento musical foi o miradouro da Quinta Vigia (figura 31 e 32), com aproximadamente 150m² (calculado pelo *Google Earth*), que se caracteriza por um espaço amplo com uma vista panorâmica sobre a baía do Funchal.

Em termos de condições acústicas será necessária amplificação de som, assim os cordofones terão uma melhor projeção sonora pelo espaço.

O agrupamento ficará orientado para norte (figura 33), de modo a que os participantes fiquem virados para o sul, desta forma os encadeamentos dos raios solares serão menores, pois estarão mais baixos devido à hora do dia.

O agrupamento musical escolhido foi a Orquestra de Ponteado da Madeira. Este é um projeto da AMCX e foi formado em 2009 com o objetivo de valorizar a prática dos cordofones tradicionais madeirenses, através de repertório e estilos diversificados desde o pop, rock, erudito, entre outros. É de destacar que participou em festivais tais como, “Festival Raízes do Atlântico” e ainda em gravações DVDs (Orquestra de Ponteado, 2020).

Tendo em conta, a diversidade de estilos de repertório sugeridos que vai desde o rock ao tradicional, este agrupamento é excelente devido à sua capacidade de adaptação aos diversos estilos que poderão apresentar em versão instrumental ou cantada.



Figura 31–Área selecionada para o momento musical na Quinta Vigia. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 32–Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta Vigia. **Fonte:** Miguel Dantas



Figura 33–Montagem fotográfica do momento musical, no miradouro da Quinta Vigia. **Fonte:** Miguel Dantas

3.2.2.5 Correlação entre o ato musical e o tema

O tema para esta quinta, está baseado na personalidade que foi D.^a Guiomar e a importância que teve no comércio de vinho Madeira nos finais do século XVIII. Desse modo o momento musical, será com músicas relacionadas com o vinho Madeira.

O repertório escolhido foi o seguinte:

- “The Wines of Madeira”

Música composta em 1993 por Dave Guard e Jane Bowers, interpretada pelo *Kingston Trio*. Esta canção faz uma comparação com os vinhos europeus como de

França e Espanha e enaltece o vinho Madeira como o de melhor qualidade assim como tudo o que envolve a ilha.

- “Vinho da Madeira”

Canção de raiz popular da autoria de Arlindo Carvalho (música) e Rui Pilar (letra). Descreve a época das vindimas por entre as vinhas plantadas entre as encostas e montanhas da ilha, realçando a qualidade do vinho da Madeira.

- “Fado da Adega”

Música tradicional madeirense que retrata de uma forma algo humorista a importância que o vinho tinha no quotidiano da população e também especialmente em tempos festivos em que as pessoas se juntavam para cantarem e se divertirem.

- “Madeira Wine”

Este tema é uma paródia da música “The Willow Song” da autoria de William Shakespeare e é uma música folclórica dos finais do século XVI do período de Isabel I de Inglaterra. No início da 1ª metade do século XIX foi publicada uma partitura anonimamente na *The Library of Congress* da obra “The Willow Song”, mas com uma letra modificada com referência ao vinho da Madeira. Existem várias interpretações das razões para tal paródia uma delas incide sobre a rivalidade entre a América do Norte e a Inglaterra em que a independência por exemplo da América foi celebrada com vinho Madeira e no caso da Inglaterra era uma forte aliada de Portugal (Inglaterra) (Library of Congress, 2020).

- “O Nosso Vinho Madeira”

Tema incluído no 9º CD do artista madeirense João Luís Mendonça. Com letra de Rui Duarte Silva e música de João Luís Mendonça é uma canção de cariz popular destacando as qualidades do vinho Madeira e a sua importância principalmente nos momentos festivos.

- “Era o Vinho”

Música tradicional que procura festejar o vinho, variando por vezes, a letra em algumas estrofes de região para região.

- “Cantiga da Repisa”

Como o próprio nome da canção deduz é uma cantiga que retrata a época da repisa das uvas, assim como a comida que não podia faltar para acompanhar esse processo, tais como o bacalhau e o peixe-espada. Esta cantiga foi recolhida no Estreito da Calheta em 1985 pela AMCX (Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2019).

3.2.3 Quinta das Cruzes - “Um singular orquestrofone nos jardins de uma emblemática Quinta Madeirense”

A temática escolhida para esta quinta, foi centrada no orquestrofone presente nesta quinta.

Um orquestrofone é um instrumento mecânico com a capacidade de leitura de cartões perfurados que são como uma espécie de partitura onde está escrita a música que depois é reproduzida, através de um motor elétrico que transmite o sinal para os instrumentos localizados no corpo principal do instrumento (Sardinha, 2016).

É uma peça de arte magnífica com decorações em madeira esculpidas e policromadas na face posterior, resultando numa combinação entre a arte, a ciência e o entretenimento, além da sua complexidade mecânica e inovadora para a sua época.

Adquirido na Exposição Universal de Paris de 1900 pelo 1º visconde de Cacongo, João José Rodrigues Leitão e mais tarde, pelo Governo Regional em 1978, juntamente com diversos cartões de músicas com diferentes estilos desde valsas, polkas, rapsódias, marchas, hinos, músicas clássicas e populares contando ao todo cerca de 160 exemplares. Foi concebido principalmente para a animação pública como em salões de bailes, cinemas e feiras (Sardinha, 2016).

3.2.3.1 Descrição do evento

Para este evento inserido no ciclo de música nos jardins, pretende-se dar a conhecer uma das quintas mais importantes da cidade do Funchal, nomeadamente a sua forte ligação com a família de João Gonçalves Zarco e também a sua riqueza florística como os imponentes dragoeiros.

Em termos de condições de segurança está em boas condições, sendo muito procurada para momentos de lazer e de entretenimento.

Este evento está agendado para o 3º evento do ciclo de música no dia 16 de maio de 2021 e está previsto a ter uma duração de cerca de 1h45, tendo início no final da tarde pelas 16h00 até às 17h45. Tendo em conta, que o ciclo de música será realizado entre a primavera e o verão, significa que haverá luz suficiente.

O percurso pelos jardins terá uma duração de cerca de 1h15 e o momento musical cerca de 30 minutos.

3.2.3.2 Visita Guiada

A visita guiada terá início na parte exterior da quinta na rua das Cruzes junto à capela dedicada à Nossa Senhora da Piedade e depois continuará pelo interior dos jardins da quinta.

No património histórico-cultural, destacamos a capela, o edifício principal, o núcleo arqueológico, as janelas manuelinas localizadas na parte central dos jardins e o orquestrafone.

No percurso botânico, destacamos algumas árvores emblemáticas dos jardins da quinta como: a Bela Sombra (*Phytolacca dioica*), o Dragoeiro (*Dracaena draco*) ou a Baganvilea (*Bougainvillea sp.*).

3.2.3.3 Guião

Para esta visita guiada foi realizado um guião, onde consta o percurso da visita através de pontos numerados marcados na seguinte Planta da quinta (figura 34), que correspondem às paragens da visita.

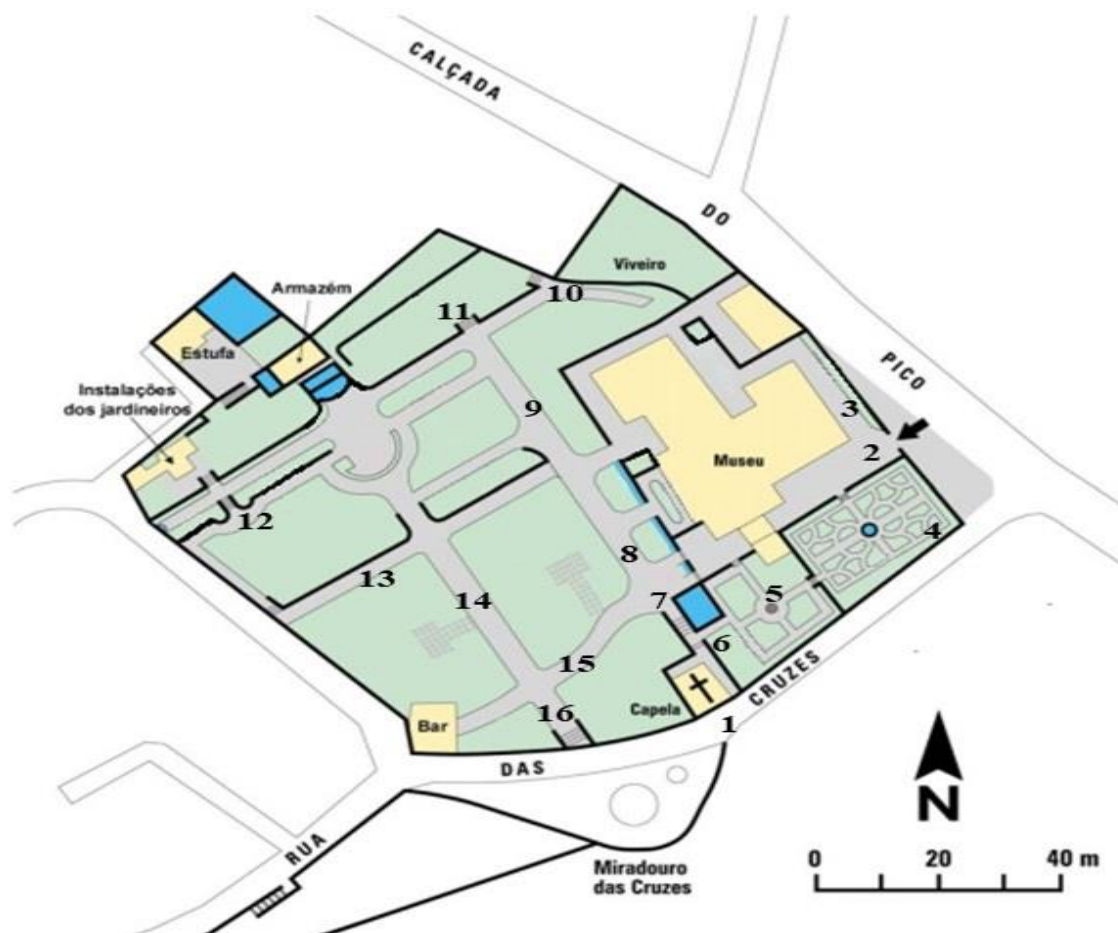


Figura 34-Planta da Quinta das Cruzes com o trajeto da visita guiada. **Fonte:** (Quintal, 2007) adaptado

Expomos de uma forma breve os tópicos a destacar em cada paragem. Em anexo (ver anexos 6.1 a 6.2) está uma descrição desses aspetos e as suas fotografias.

- 1-Capela de Nossa Senhora da Piedade
- 2-Casa principal
- 3-Buganvílea (*Bougainvillea sp.*)
- 4-Romãzeira (*Punica granatum*)
- 5-Núcleo arqueológico
- 6-Pitangueira (*Eugenia uniflora*)
- 7-Araucária da Queenslândia (*Araucaria bidwillii*)
- 8-Tipuana (*Tipuana tipu*)

9-Jambeiro (*Syzygium jambos*)

10-Azinheira (*Quercus ilex*), Bela Sombra (*Phytolacca dioica*)

11-Jasmin de Estrela (*Trachelospermum jasminoides*), Dragoeiro (*Dracaena draco*)

12-Cássia (*Senna didymobotrya*)

13-Estrelícia (*Strelitzia reginae*), Sumaúma (*Chorisia speciosa*)

14-Figueira-palhaço (*Ficus aspera parcelli*)

15-Borracheira (*Ficus elastica*)

16-Momento musical

3.2.3.4 Momento musical

O momento musical será proporcionado pelo emblemático orquestrofone, devido a ser um instrumento único com a capacidade de reproduzir músicas através da leitura automática de cartões.

O instrumento encontra-se junto à cafetaria do museu na parte inferior do jardim, onde existe um espaço próprio para o mesmo. Em questões de orientação do momento musical, o instrumento fica posicionado para o relvado da parte de trás da capela (figura 35 e 36), espaço esse com uma área de cerca de 52m² (calculado pelo *Google Earth*), destinado para os participantes poderem disfrutar do momento musical (figura 37).

Durante o momento os participantes serão ainda acompanhados por um convidado que fará uma breve introdução aos temas apresentados.

A nível de condições acústicas não será necessária amplificação, pois o orquestrofone tem potência suficiente para ser audível.

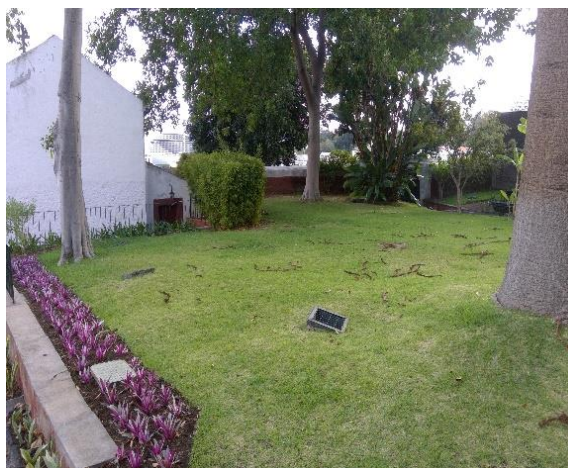


Figura 35-Espaço ajardinada na parte de trás da Capela de Nossa Senhora da Piedade na Quinta das Cruzes. **Fonte:** Miguel Dantas

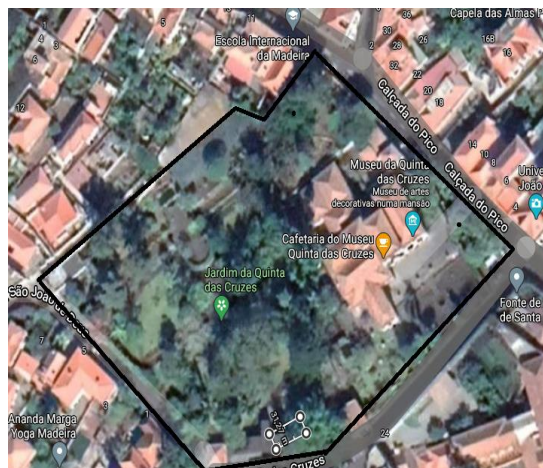


Figura 36- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta das Cruzes. **Fonte:** Google Earth



Figura 37-Momento musical na Quinta das Cruzes
Fonte: Museu das Cruzes (retirado da página web)

3.2.3.5 Correlação entre o ato musical e o tema

A temática escolhida centra-se no orquestrofone, assim foram seleccionados alguns temas que podemos ouvir a partir do mesmo.

Tendo em conta, o CD publicado pela Secretaria Regional de Turismo e Cultura em parceria com o Museu Quinta das Cruzes, fizemos uma seleção de alguns dos temas. Temas como o “The Whashington Post” do compositor português John Phillip Sousa ou o Hino do Visconde de Caongo de Filipe Fernandes Madeira (Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura, 2016).

A escolha do repertório concentra-se em música clássica, como marchas, valsas, polkas e hinos que datam dos finais do século XIX e início do século XX.

- “Au Revoir et Merci”

Polka-marcha muito utilizada nas danças de salão do início do século XX em França, composta por Edourd Jouve em 1906 (Daphy, 2020). Jouve foi um importante compositor entre o final do século XIX e início do século XX com cerca de 600 composições (Journal de François, 2019).

- “J`ai Tant Pleuré”

Valsa lenta com música de Joseph Rico e com letra de George Millandy, sendo um dos principais temas dos sucessos da Belle Époque (Profs-Edition, s.d.).

- “Valse Bleue”

Valsa francesa lançada no início do século XX, geralmente é tocada num ritmo acelerado e é da autoria de Alfred Margis (figura 38) (The University of Maine, s.d.).

- “The Whashington Post”

Marcha composta em 1889 pelo famoso compositor português de marcha John Phillip Sousa (figura 39), com a finalidade de comemorar os primeiros prémios apresentados pela Washington Post Amateur Authors Association (Kelly, 2014).

- “La Sorella/La Matichiche”

Canção da autoria de Charles Borel – Clerc, baseada numa canção popular de Badia (1903) cantada por Félix Mayol (IMSLP Petrucci Music Library, 2020). É conhecida como sendo um tango brasileiro, mas na realidade acaba por ser uma marcha devido à falta de sincopação (SecondHandSongs, s.d.).

- “Espanña”

“Espanña” é uma rapsódia para orquestra, que se tornou na composição mais famosa do compositor francês Emmanuel Chabrier, escrita em 1883 após uma viagem a Espanha. É conhecida por inaugurar a moda da música com sabor hispânico, inspirando compositores como Claude Debussy ou Maurice Ravel (Hafabra Music, 2020).

- “Frou Frou”

Escrita por Henri Chatau em 1898 é uma canção em estilo valsa (Bibliothèque Nationale de France, 2020).

- “Frangesa”

A “Frangesa” é uma marcha de Pasquale Mario Costa, publicada em 1894 (Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, 2020)

- “Soldiers in the Parc”

Lionel Monckton foi um dos compositores mais populares de comédias musicais britânicas da era eduardiana. “Soldiers in Parc” é uma marcha empolgante que conta a história de uma inglesa em que se junta a um grupo de músicos na Itália em que na realidade são bandidos e não músicos (Classic FM, s.d.).

- “Mes Adieux au 63” «pas redoublé pour défilé»

Música da autoria de Binot gravada em 1904, foi uma marcha muito utilizada em paradas e desfiles militares da época, interpretada pela fanfarra constituída por 11 músicos do “63e régiment d’infanterie” (SecondHandSongs, s.d.).

- “Hino do Visconde de Caçongo”

Hino da autoria de Filipe Fernandes Madeira, dedicado a João José Rodrigues Leitão-Visconde de Caçongo, que foi uma personalidade da elite funchalense no século XIX, responsável pela aquisição do orquestrófone na Exposição Universal de Paris de 1900 (Sardinha, 2016).

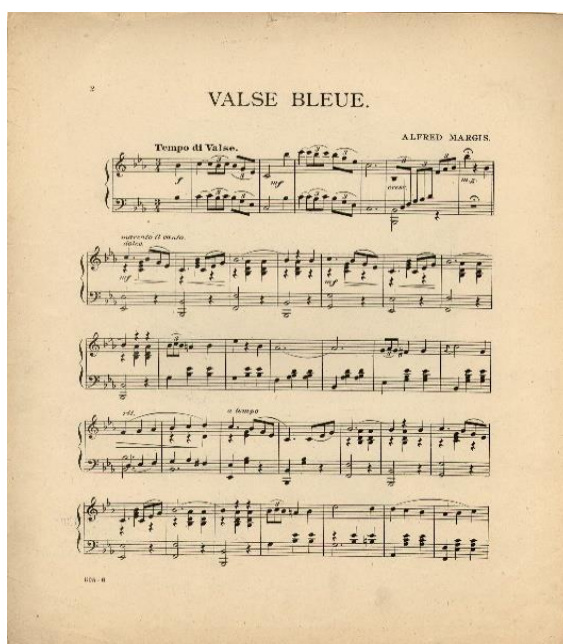


Figura 38- Partitura da música “Valse Bleue”.
Fonte: Duke University (retirado da página web)



Figura 39- John Philip Sousa em 1896. **Fonte:** Library of Congress Prints and Photographs Division (retirado da página web)

3.2.4 Quinta Jardins do Imperador - “Imperador Carlos I de Áustria: anfitrião de uma viagem pelas valsas e polkas de Johann Strauss II”

O motivo escolhido para a Quinta Jardins do Imperador está fundamentado na música de Johann Strauss II, que é um dos maiores compositores da terra natal do imperador Carlos I de Áustria que esteve exilado entre 1921 a 1922 na quinta.

Carlos I de Áustria foi o último imperador do império austro-húngaro, resultante do desmoronamento do mesmo em 1921, tendo sido obrigado a ser exilado na ilha da Madeira com a imperatriz Zita e os seus sete filhos. No entanto, durante o seu exílio na ilha Carlos I adoeceu devido ao clima húmido e fresco do Monte, acabando por falecer em 1 de abril de 1922 de pneumonia dupla (Leitão, 2007).

Johann Strauss II seguiu os passos de seu pai Johann Strauss I, embora contra a vontade dele (pai) começou a ter aulas às escondidas de violino, contraponto e harmonia com um violinista amigo do pai. Strauss I trocou a sua família por uma amante e assim Strauss II pode assumir a sua carreira apresentando obras da sua autoria no casino Dommayers. Aos poucos as suas peças foram ganhando boa apreciação pela crítica e daí foi construindo a sua carreira com tournées e concertos anuais em países como os Estados Unidos da América na década de 70, onde teve boa receptividade e ficou reconhecido como o “rei das valsas” (casa da música, s.d.; Medeiros, 2015).

3.2.4.1 Descrição do evento

Pretende-se com este penúltimo evento inserido no ciclo de música, visitar uma das quintas mais importantes da cidade do Funchal que foi outrora residência de príncipes, políticos, escritores e atores.

Esta quinta está agendada para o 4º evento do ciclo de música no dia 20 de maio de 2021 e está previsto a ter uma duração de cerca de 2h, tendo início no final da tarde entre as 16h00 e as 18h00. Tendo em conta, que o ciclo de música será realizado entre a primavera e o verão, significa que haverá luz suficiente e em termos de conforto será melhor devido ao calor que será menor.

O percurso pelos jardins terá uma duração de cerca de 1h30 e o momento musical cerca de 30 minutos.

3.2.4.2 Visita Guiada

A visita guiada terá início na entrada norte e o percurso será feito a partir daí, pelo facto de ser mais fácil em questões de orografia do terreno. Durante a visita destacaremos aspetos histórico-culturais e botânicos. Nos aspetos histórico-culturais haverá um destaque para a casa principal, a sua arquitetura e suas vivências.

Na botânica destacamos principalmente espécies arborescentes, devido a ser uma quinta antiga e ter estado ao abandono por um período. Destacamos na botânica espécies como a Faia-europeia (*Fagus sylvatica*), o Cedro da Madeira (*Juniperus cedrus*) ou o Loureiro (*Laurus novocanariensis*).

3.2.4.3 Guião

Para esta visita orientada foi realizado um guião, onde consta o itinerário com as paragens numeradas na Planta da quinta apresentada na figura 40.

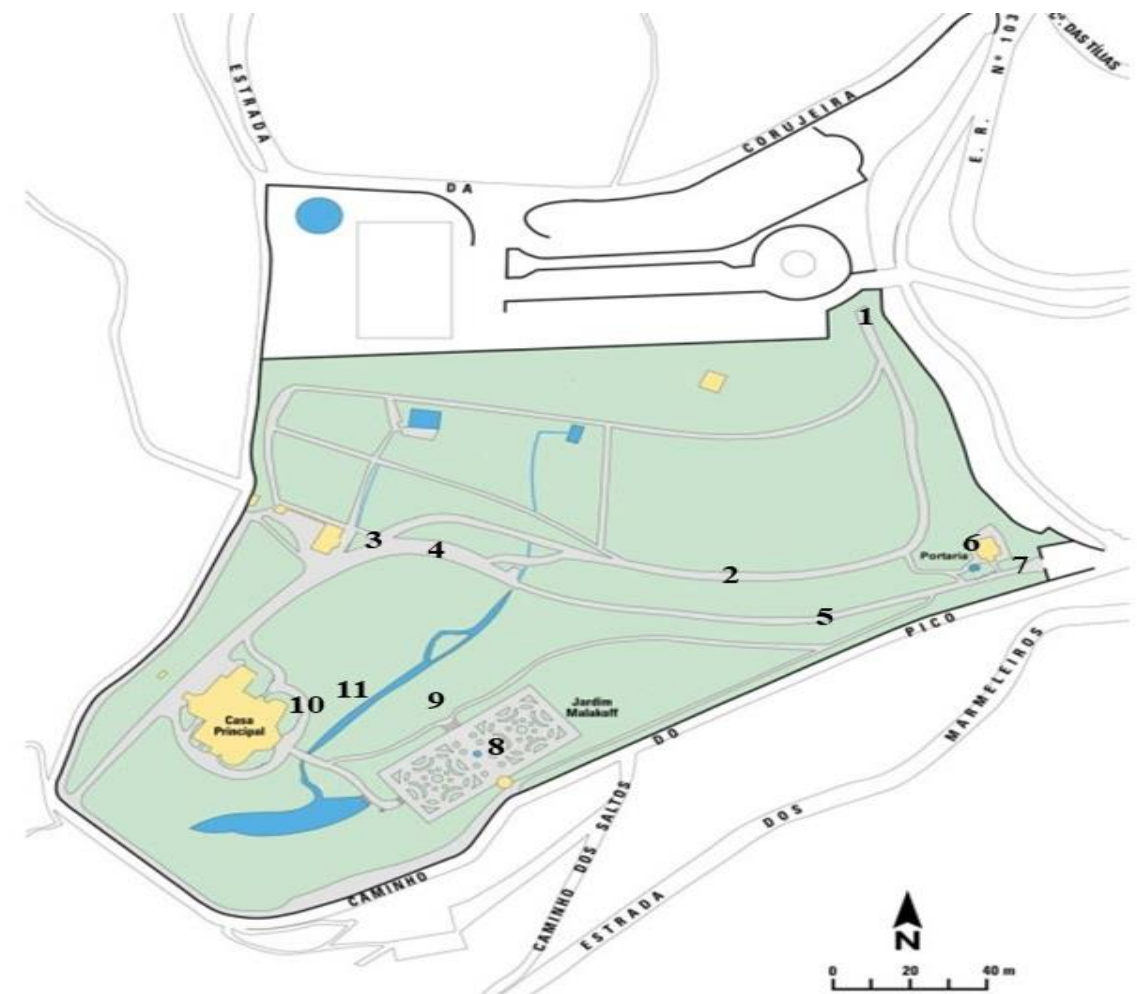


Figura 40- Planta da Quinta Jardins do Imperador com o trajeto da visita guiada. **Fonte:** (Quintal, 2007) adaptado

Mostramos de uma forma breve os pontos a destacar em cada paragem. Em anexo está uma descrição desses aspetos e as suas fotografias.

1-Carvalho (*Quercus robur*)

2-Incenseiro (*Pittosporum undulatum*)

3-Mocano (*Pittosporum coriaceum*)

4-Sequóia (*Sequoia sempervirens*)

5-Medronheiro (*Arbutus unedo*), Camecíparas (*Chamaecyparis lawsoniana*)

6-Figueira-do-inferno (*Euphorbia mellifera*), Ácer-do-Japão (*Acer palmatum*)

7-Brunfêlsia (*Brunfelsia pauciflora*), Ligustro do Japão (*Ligustrum japonicum*), Planta do Rato Mickey (*Ochna serrulata*)

8- Rosa do Japão (*Magnolia x soulangeana*), Cedro da Madeira (*Juniperus cedrus*), Casinha do prazer

9-Loureiro (*Laurus novocanariensi*), Criptoméria (*Cryptomeria japonica*)

10-Urze de jardim (*Leptospermum scoparium*), Palacete

11-Momento musical

3.2.4.4 Momento musical

O agrupamento musical escolhido para o momento musical foi a Orquestra de Cordas da Madeira Camerata.

Fundada em 1997 esta orquestra faz parte da Orquestra Clássica da Madeira, tendo-a representado no exterior em festivais internacionais de música, como no “Festival de Artes de Macau”, “Festival de Música de Ferrol” em Galiza e no “Centro Cultural de Belém” em Lisboa. Já tocou com vários maestros e solistas, tais como Carlos Guilherme, Milko Pravdic, Luís Izquierdo, entre outros (Gonçalves, 2020).

O local escolhido para o momento musical foi o relvado junto à casa principal (figura 41 e 42), pois é um espaço amplo e agradável com uma área cerca de 231m² (calculado pelo *Google Earth*) para se disfrutar de uma atuação musical. Os músicos

ficaram virados para norte, enquanto que os espetadores ficam voltados para o palacete, desta forma os encadeamentos dos raios solares serão menores.

As condições acústicas são boas, devido a ser um espaço rodeado por árvores, no entanto, será necessária amplificação dos instrumentos, pois não têm capacidade sonora suficiente para o espaço.



Figura 41- Área escolhida para o momento musical na Quinta Jardins do Imperador. **Fonte:** Miguel Dantas

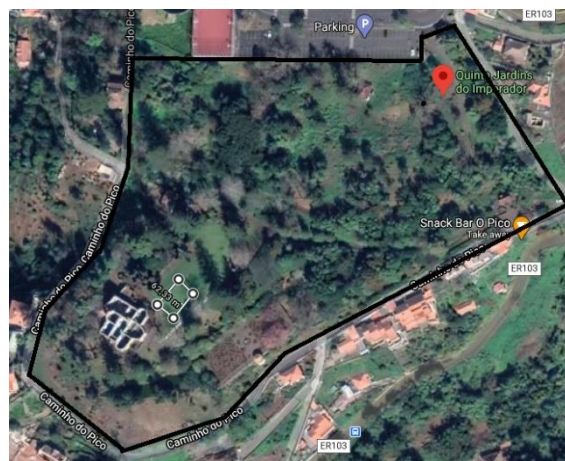


Figura 42- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta Jardins do Imperador. **Fonte:** Google Earth



Figura 43- Montagem fotográfica do momento musical na Quinta Jardins do Imperador. **Fonte:** Miguel Dantas

3.2.4.5 Correlação entre o ato musical e o tema

O nome da quinta foi dado em honra de Carlos I de Áustria, assim seleccionamos um compositor do seu país de origem (Áustria). O compositor escolhido foi Johann Strauss II, que viveu e compôs no século XIX numa época em que ainda o império austro-húngaro estava no seu auge.

O repertório escolhido para o momento musical foi:

- “The Blue Danube”

É a valsa mais famosa de Johann Strauss II e considerada como o segundo hino da Áustria. Composta em 1866 e apresentada oficialmente a 15 de fevereiro de 1867, mas com pouco êxito que só no final desse ano, com a versão para orquestra apresentada em Paris na Exposição Mundial, recebeu o devido crédito (Classic FM, s.d.).

- “Tritsch-Tratsch-Polka”

Polka de Johann Strauss II do ano de 1858 que se diferencia das suas valsas, por ser mais curta, mais ligeiras e direta, assumindo atualmente um papel de número orquestral do que uma música para dança (MacLeish et al., 1986).

- “Emperor Waltz”

Escrita em agosto de 1888 em homenagem aos imperadores da Alemanha e Áustria. A obra vai se montando aos poucos com uma valsa grandiosa em homenagem ao imperador Francisco José (casa da música, 2019).

- "Voices of Spring"

Valsa de Johann Strauss II escrita em 1882 para a famosa soprano da época Bertha Schwarz que era membro da Vienna Court Opera House. Strauss pretendia escrever uma valsa para voz, tornando-se uma das valsas mais famosas do repertório clássico (HeBu Musikverlag GmbH, s.d.).

- “Viennese Blood”

Composta em 1871 e publicada em 1873 em Viena é uma valsa madura de Strauss II, que reflete uma melodia estendida com várias variações que se vão desenvolvendo ao longo da obra (Palmer, s.d.).

- “Lagoon Waltz”

“Lagunen-Waltz” é uma valsa de Johann Strauss II com uma melodia extraída da sua obra “Eine Nacht in Venedig” (1883). Resultou numa valsa muito dinâmica e colorida em termos rítmicos, que funcionavam como uma preparação para um caráter modesto de toda a peça (Cummings, s.d.).

3.2.5 Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira - “A música de Cândido Drumond de Vasconcelos, nas quintas e clubes da alta sociedade funchalense, tocadas pelo braguinha no século XIX”

Para este evento o tema escolhido é baseado na música para o braguinha e a sua importância em saraus e bailes da sociedade funchalense no século XIX.

O braguinha, ou machete é um cordofone tradicional madeirense de 4 cordas simples ou duplas (em alguns casos triplas) com a afinação ré, si, sol, ré (nos de 4 cordas) e teve a sua origem no cavaquinho continental. A sua construção difere do cavaquinho continental na parte do braço e nos vários tipos de madeira utilizados na construção como o mogno, o plátano e madeira endémica da macaronésia (Morais, s.d.).

Terá sido um instrumento muito popular no século XIX, como demonstram manuscritos de peças para Machete (acompanhado pela Guitarra ou Viola Francesa) datadas de 1846, descobertas na década de 90 do século XX. Trata-se de peças em estilo de polkas, quadrilhas, valsas, boleras e danças de salão europeia, do compositor-machetista Cândido Drumond de Vasconcelos. O grande grau de sofisticação do repertório é comprovado pelo facto das peças serem apresentadas em bailes e saraus da alta sociedade funchalense (CEPAM, 2017; Moraes, 2003).

De facto, na primeira metade do século XIX, começaram a realizar-se concertos e bailes nas quintas e clubes madeirenses, sendo um momento de convívio onde a comunidade estrangeira e local aproveitava para dançar e conversar (Morais, s.d.).

A Quinta do Bom Sucesso foi, desde a sua origem, um espaço ligado ao turismo. De facto, esta quinta pertenceu à família Reid`s, ligada ao turismo de uma forma indelével e à atividade turística da Madeira (Gouveia et al, 2010).

O JBM é, de longe, o espaço mais visitado na RAM com uma média anual de 350 000 visitantes.

3.2.5.1 Descrição do evento

O Jardim Botânico é um espaço muito procurado durante todo o ano, funcionando como uma grande referência em termos turísticos devido à sua riqueza florística.

O conceito de jardim botânico está associado ao cultivo e a preservação, bem como exposições botânicas e coleções de plantas cuidadosamente selecionadas e catalogadas, geralmente dentro de uma cidade em que são de acesso público (Royal Botanic Garden Kew, 2021).

Segundo a International Association of Botanic Gardens (2012), a partir de 1963 um jardim botânico é um lugar "aberto ao público, no qual as plantas são rotuladas".

Em 2019, a Botanic Gardens Conservation International (2021), define um jardim botânico atendendo a uma lista de critérios, seja em parte ou no seu todo, como:

- Ter um grau razoável de permanência;
- Uma base científica subjacente para as coleções;
- Documentação adequada das coleções, incluindo origem selvagem;
- Monitoramento das plantas nas coleções
- Rotulagem adequada das plantas;
- Aberto ao público;
- Comunicação de informações a outros jardins, instituições e ao público;
- Troca de sementes ou outros materiais com outros jardins botânicos, arboretos ou instituições de pesquisa;
- Realização de pesquisas científicas ou técnicas sobre as plantas das coleções
- Manutenção de programas de pesquisa em taxonomia vegetal em herbários associados.

O evento nesta quinta está agendado para o último dia do ciclo de música no dia 30 de maio de 2021 e está previsto a ter uma duração aproximada de 2h, tendo início no final da tarde pelas 16h00, até às 19h00.

Tendo em conta que o ciclo de música será realizado entre a primavera e o verão, significa que haverá luz suficiente e em termos de conforto será melhor devido ao calor que será menor.

Para o início do ciclo, o ponto de encontro será junto à entrada principal 10 minutos antes de começar a visita guiada, de modo a ser mais facilitada a organização da visita guiada.

A visita guiada pelos jardins terá uma duração de 1h30, seguindo-se para o momento musical com a duração aproximadamente de 30 minutos.

3.2.5.2 Visita Guiada

A visita pelo espaço engloba duas vertentes distintas, uma relativamente à riqueza florística e a outra ao património histórico-cultural.

No que concerne à diversidade florística merece destaque a flora endémica e indígena da ilha da Madeira. A norte do edifício principal podem observar-se as espécies arbustivas indígenas e endémicas como o Alegria-Campo (*Semele androgyna*), o Gerânio da Madeira (*Geranium maderense*) ou o Funcho (*Foeniculum vulgare*). Mais a sul junto ao anfiteatro pontuam as espécies arbóreas nativas ou endémicas, tais como, o Teixo (*Taxus baccata*), o Massaroco (*Echium nervosum*) e o Pau Branco (*Picconia excelsa*).

No que respeita ao património histórico-cultural merece realce o edifício principal e a sua história, bem como o herbário Padre Manuel Nóbrega e o Museu de História Natural.

Para um melhor entendimento do evento para esta quinta, criamos um guião com as paragens assinaladas na Planta da quinta abaixo apresentada (figura 44), cada número representa uma paragem.



Figura 44-Planta do Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira. **Fonte:** IFCN IP-RAM adaptado (retirado da página web)

Destacam-se, brevemente, os pontos a referir em cada paragem. Em anexo (ver anexos 6.1 a 6.2) apresenta-se uma descrição desses pontos complementados com imagens.

1-Edifício principal, Herbário Padre Manuel Nóbrega, Museu de História Natural

2-Alegra-Campo (*Semele androgyna*), Aipo do Gado (*Melanoselinum decipiens*), Erva Redonda (*Sibthorpia peregrina*), Gerânio da Madeira (*Geranium madeirense*), Funcho (*Foeniculum vulgare*), Malfurada (*Globularia salicina*), Norça (*Tamus edulis*), Cenoura da rocha (*Monizia edulis*), Múchia Dourada (*Musschia aurea*).

3-Paragem na parte central da quinta, para uma contemplação sobre a antiga mata da Quinta do Bom Sucesso

4-Ameixieira de Espinho (*Berberis maderensis*), Teixo (*Taxus baccata*), Urze das Vassouras (*Erica platycodon ssp. maderinicola*), Massaroco (*Echium nervosum*), Pau Branco (*Picconia excelsa*), Folhado (*Clethra arborea*), Faia-das-Ilhas (*Myrica faya*), Oliveira Brava (*Olea maderensis*).

5-Momento musical

3.2.5.3 Momento musical

O agrupamento musical escolhido foi o Grupo Xarabanda, da AMCX. Este grupo surgiu em 1981 com o nome de Algozes e depois alterado para Xarabanda⁵, como uma missão de preservar e divulgar o quase irrecuperável património musical madeirense. Em 1989 lançaram o primeiro disco intitulado “Tocares e cantares tradicionais da Madeira”, participaram em vários festivais tais como “Raízes do Atlântico”. Destacam-se pelo seu estilo de interpretação dos temas, devido à procura de “estilizações heterogéneas” sem desvitalizar o material (Associação Musical e Cultural Xarabanda, s.d.).

A área selecionada para o momento musical foi o anfiteatro (figura 45 e 46) na parte inferior da quinta, pois é um espaço agradável e com condições específicas para o mesmo. É um espaço que conta com uma área aproximada de 100m² (calculado através do *Google Earth*).

Em termos de repertório apresenta-se obras para braguinha com composições de Cândido Drumond de Vasconcelos do século XIX.

Pretende-se na atuação do agrupamento, recriar de alguma forma o tipo de música que era tocado nos bailes, concertos e saraus no século XIX.

As condições acústicas são boas, por se tratar de um espaço concebido para atuações musicais, no entanto, será necessário a amplificação do som para o instrumento solista. É importante frisar que este espaço já foi alvo de diversos espetáculos.

O agrupamento musical ficará orientado para sul (figura 47) e a plateia virada para norte, ficando com a antiga Mata do Quinta da Bom Sucesso como pano de fundo.

⁵ O nome Xarabanda resulta da união entre xaramba e banda.



Figura 45-Anfiteatro na Quinta da Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira. **Fonte:** Miguel Dantas

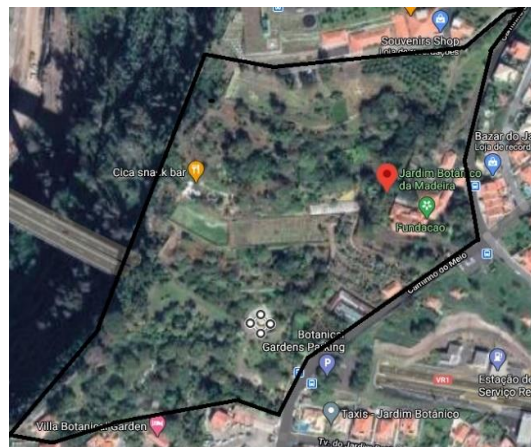


Figura 46- Área escolhida vista por imagens de satélite, delimitada pelas linhas a branco na Quinta da Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira. **Fonte:** Google Earth



Figura 47-Montagem fotográfica do momento musical na Quinta da Bom Sucesso. **Fonte:** Miguel Dantas

3.2.5.4 Correlação entre o ato musical e o tema

O momento musical está direcionado para a música do braguinha, onde o agrupamento musical acompanhará um solista convidado que tocará o instrumento (braguinha). O repertório exibido foi retirado da obra “Colecção de Peças para Machete (1846)” publicada por Manuel Morais (2003) (figura 48). Esta coleção corresponde a peças do século XIX para machete da autoria de Cândido Drumond Vasconcelos.

- “Clara Polka N.º29”

Polka de compasso binário, com andamento *Andante*.

- “Roza Polka N.º30”

Polka de compasso binário, com andamento *Allegro* (figura 49).

- “Bollera N.13”

Dança com compasso ternário de pulsação binária.

- “Quadrilha N.º27 (1)”

Escrita no compasso 2/4 é uma dança com uma entrada em anacrusa.

- “Waltz N.º 8”

Valsa de andamento aproximado ao *alegretto*.

- “Marcha N.º4”

Marcha com compasso 2/4, que deverá ser interpretada de uma forma jovial.

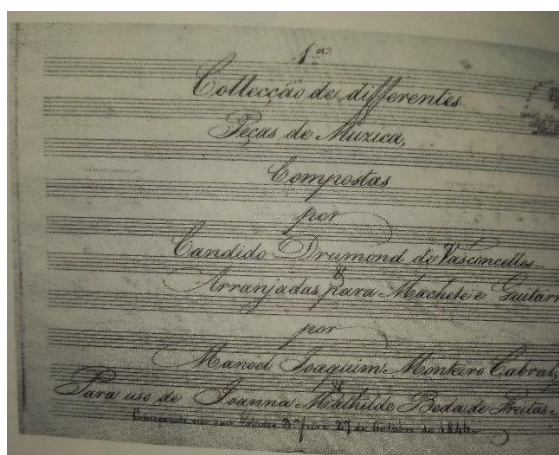


Figura 48-Coleção das Peças de Cândido Drumond Vasconcelos. **Fonte:** (Morais, 2003)

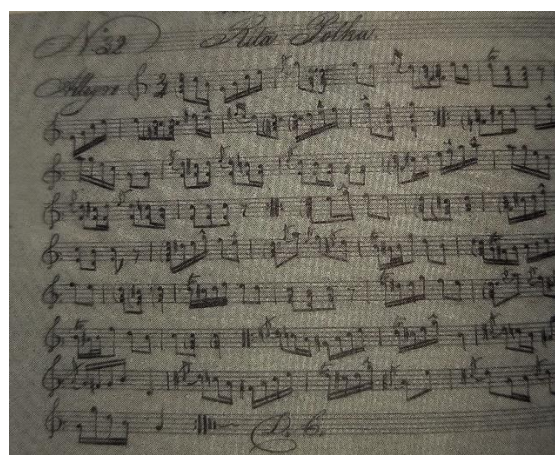


Figura 49-Partitura da obra “Rita Polka N.º32” de Cândido Drumond Vasconcelos. **Fonte:** (Morais, 2003)

3.3 Proposta de ciclo de música nos jardins no Funchal/Modelo de elaboração do projeto

Nome /Designação do Projeto

🎵 “Música nos jardins, percurso histórico-botânico na cidade do Funchal”

Promotor/Líder da Parceria ou Consórcio

🎵 Associação Musical e Cultural XARABANDA

Promotor/Missão

🎵 Implementar o conceito de ecoturismo na cidade do Funchal, conciliando os jardins das quintas públicas, a música, o património histórico-cultural e a botânica. Criando uma conta participação para o Instituto das Florestas e Conservação da Natureza e Grupo de Botânica da Madeira, através de donativos.

Promotor/Visão

- 🎵 Criar um projeto inovador para a região, criando uma relação com um tema relacionado a cada quinta selecionada, com um repertório específico interpretado por um agrupamento musical selecionado.
- 🎵 Referência no cartaz turístico da ilha.
- 🎵 Possibilidade de ser aplicado em várias épocas do ano e em outros concelhos, devido à existência de floração todo ano (recomendação para primavera e verão).

Parceiros e Apoios Institucionais

Nome	Natureza Jurídica	Tipo de Participação	Tipo de Apoio
Secretaria Regional do Turismo e Cultura	Serviço da administração pública	Apoio institucional	Promoção e apoio financeiro

GBM-Grupo de Botânica da Madeira da UMa	Escola pública	Apoio institucional	Apoio na logística das visitas guiadas
CMF-Câmara Municipal do Funchal	Serviço da administração pública	Apoio institucional	Promoção e apoio financeiro
Conservatório-Escola Profissional das Artes da Madeira – Eng.º Luiz Peter Clode	Escola pública	Apoio institucional	Apoio na necessidade de algum instrumento musical específico
IFCN IP-RAM - Instituto das Florestas e Conservação da Natureza IP-RAM	Serviço da administração pública	Apoio institucional	-Cedência dos espaços -Disponibilização de recursos humanos para o funcionamento dos espaços e assistência na montagem da logística

Problema/Necessidade/Oportunidade

- 🎵 Inexistência de um programa específico para a área do ecoturismo, na cidade do Funchal.
- 🎵 Falta de valorização sistematizada do património natural das quintas públicas aliada à vertente musical.
- 🎵 Necessidade de valorizar com a finalidade de dar a conhecer e preservar o património histórico e botânico das quintas públicas.
- 🎵 Oportunidade de criar um projeto diferenciador com uma integração multidisciplinar.
- 🎵 Custos associados à conservação da Natureza.
- 🎵 Necessidade de financiamento das atividades de conservação da Natureza.

Descrição do projeto-Eventos

1. Ciclo de música na Quinta Magnólia, com momento musical proporcionado pelo Madeira Jazz Collective, com a temática “Magnólias, uma fonte de inspiração multicolor”.
2. Ciclo de música na Quinta Vigia, com momento musical sob a batuta da Orquestra Ponteado da Madeira, com o tema “Mirante de Dona Guiomar aos olhos do comércio de vinho Madeira, nos finais do século XVIII”.
3. Ciclo de música na Quinta das Cruzes, com momento musical em volta do emblemático orquestrofone, com o tema “Um singular orquestrofone nos jardins de uma emblemática Quinta Madeirense”.
4. Ciclo de música na Quinta Jardins do Imperador, com o acompanhamento do momento musical pela Orquestra de Cordas da Madeira Camerata, com a temática “Imperador Carlos I: anfitrião de uma viagem pelas valsas e polkas de Johann Strauss II”
5. Ciclo de música na Quinta do Bom Sucesso/Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira, com momento musical com a participação do Grupo Xarabanda, com o tema “A música de Cândido Drumond de Vasconcelos, nas quintas e clubes da alta sociedade funchalense, tocadas pelo braguinha no século XIX”

Resumo/Sinopse do Projeto

O projeto consiste num ciclo de música por cinco quintas públicas do concelho do Funchal, com a criação de uma nova abordagem para o turismo da região através da integração entre a música, o património florístico e histórico-cultural, promovendo os jardins das quintas e a sua sustentabilidade através do ecoturismo.

Os jardins das quintas selecionados foram: os da Quinta Magnólia, Quinta Vigia, Quinta das Cruzes, Quinta do Bom Sucesso/ Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira e os da Quinta Jardins do Imperador.

A proposta está agendada para a estação da primavera e verão, estações do ano em que se encontra muitas espécies em floração e com condições climatéricas geralmente ideais

para a realização do projeto. No entanto, o conceito poderá ser aplicado a qualquer momento e em outros concelhos.

A inovação e a oferta de experiências novas são pilares deste projeto, pois em cada ciclo haverá a visita guiada pelos jardins das quintas com a finalidade pedagógica de dar outra perspetiva das áreas abordadas durante a visita dos participantes.

O evento em cada quinta consiste numa visita guiada que terá uma duração máxima de 1h30, considerando um mínimo de participantes entre 10 a 15 pessoas e máximo indicativo de 25 a 30, consoante a capacidade dos espaços.

Durante a visita os participantes poderão realizar uma contribuição para a conservação da flora, através da forma um donativo ao IFCN IP-RAM e/ou GBM.

Após a visita guiada haverá um momento musical que terá a particularidade de ter uma integração com o espaço, ou seja, o repertório terá uma ligação entre uma referência histórica ou botânica do local referida na visita guiada, como por exemplo, uma espécie da flora emblemática dos jardins. A duração de cada ciclo será de cerca de 1h45 a 2h dependendo de cada espaço.

Os propósitos referidos precedentemente são coincidentes com a missão para o Turismo da Madeira Objetivos 2020 da Associação Comercial e Industrial do Funchal (ACIF) e Câmara de Comércio e Indústria da Madeira (CCIM) que visa:

“Proporcionar aos nossos visitantes uma oferta de experiências inovadoras, diversificadas e autênticas de soluções turísticas, que capitalize o talento das nossas pessoas, a essência dos valores e as tradições locais e que acelere o desenvolvimento económico, ambiental e social do Arquipélago da Madeira”.

Caraterização dos Territórios e Comunidades

A cidade do Funchal foi uma das capitánias atribuídas aquando do povoamento da ilha em 1424 a João Gonçalves Zarco, tendo sido mais tarde elevada a cidade em 1508 por D. Manuel I.

O seu nome teve origem na planta do Funcho (*Foeniculum vulgare Miller*), devido à sua abundância na área quando foi descoberta, sendo esta uma planta caraterística da Macaronésia.

O Funchal foi sempre um ponto importante no Oceano Atlântico, nomeadamente no abastecimento dos navios, no comércio de vinho e açúcar e no turismo terapêutico em que muitas das quintas distribuídas ao longo do anfiteatro regional eram procuradas para a cura de doenças.

O concelho está dividido em 10 freguesias com uma população de 111 892 (censos 2011), representando cerca de 41,8 % de toda a população da Região Autónoma da Madeira.

Destinatários/Público-alvo [diretos e indiretos]⁶

- 🎵 População Residente (a partir dos 5 anos)⁷
- 🎵 Turistas (a partir dos 5 anos)

Temporalidade do Projeto⁸

Duração do Projeto	Data de Início	Data de Fim
1 mês	2-05-2021	30-05-2021

Objetivo Geral/Mudança pretendida

- 🎵 Produção de um ciclo de música para a cidade do Funchal pelos jardins das quintas (espaços públicos geridos pelo IFCN IP-RAM), realizando uma integração entre o ato musical e o espaço com os aspetos do património histórico-cultural e botânico de cada um, alcançando uma meta de 25 a 30 pessoas por cada espaço.

Objetivos específicos

- 🎵 Valorizar as quintas da cidade do Funchal
- 🎵 Oferecer uma nova experiência aos visitantes no âmbito da botânica e história de cada espaço
- 🎵 Promover os espaços e a sua sustentabilidade
- 🎵 Interligar as atividades turísticas com a conservação da Natureza

⁶ Requer boa condição física em termos de mobilidade

⁷ Sem limite de idade

⁸ Datas são meramente demonstrativas, devido à necessidade de aprovação do projeto

- 🎵 Propor um programa/repertório para o momento musical que se enquadre com o tema de cada visita
- 🎵 Realizar um projeto diferenciador para a cidade do Funchal

Pressupostos e Condicionantes [internas e externas]

Forças	Inovação	Fraquezas	Recursos financeiros e materiais limitados
	Equipa experiente		Dependência de apoios institucionais
	Natureza descentralizada		
	Conhecimento do segmento		
Oportunidades	Importância para o turismo da região	Ameaças	Recursos limitados
	Novas opções para o turismo da região		Dependência de boas condições meteorológicas
	Mercado de nicho		Disponibilidade das pessoas envolvidas

Fatores Diferenciadores e Inovadores

- 🎵 Utilizar o jardim para enriquecer um momento musical
- 🎵 Proporcionar uma ligação entre a música, história e botânica através de uma determinada referência cultural/histórica ou botânica

Vulnerabilidades/Riscos

- 🎵 Deverá ser apoiado por entidades governamentais e não-governamentais

Equipa de Projeto

Nome	Função
Miguel Ângelo Mendonça Marques Ornelas Dantas	Coordenador-Chefe
(a definir)	Tesoureiro
(a definir)	Produção
(a definir)	Diretor de comunicação
(a definir)	Designer gráfico

Serviços a Contratar/Outsourcing⁹

Serviço	Empresa/Concurso	Valor
Técnico de som	DeltaSom	2000 euros
Pessoal de apoio	A definir ¹⁰	1000 euros
Agrupamento musical	Madeira Jazz Collective	700 euros
Agrupamento musical	Orquestra de Ponteado	600 euros
Agrupamento musical	Grupo Xarabanda	600 euros
Agrupamento musical	Orquestra de Cordas da Madeira Camerata	700 euros

⁹ A tabela apresenta apenas uma previsão dos serviços necessários

¹⁰ Equipa multivariada que dependerá de várias instituições públicas e privadas

Plano de Intervenção/Atividades¹¹

Atividades	Início	Fim	Responsável	Objetivo (s) a que dá resposta
“Magnólias, uma fonte de inspiração multicolor”	2-05-21	2-05-21	Miguel Dantas	-Dar a conhecer o património histórico-cultural e botânico com destaque para as Magnólias -Momento musical, com repertório específico relacionado com as magnólias
“Mirante de Dona Guiomar aos olhos do comércio de vinho Madeira, nos finais do século XVIII”	9-05-21	9-05-21	Miguel Dantas	-Conceder uma visita guiada pelo património histórico-cultural e botânico do espaço -Momento musical, com repertório específico relacionado com o vinho Madeira
“Um singular orquestrofone nos jardins de uma emblemática Quinta Madeirense”	16-05-21	16-05-21	Miguel Dantas	-Dar a conhecer o património histórico-cultural e botânica do espaço -Momento musical, único através do orquestrofone

¹¹ As datas apresentadas são apenas demonstrativas.

“Imperador Carlos I: anfitrião de uma viagem pelas valsas e polkas de Johann Strauss II”	23-05-21	23-05-21	Miguel Dantas	-Proporcionar uma visita guiada pelo património histórico-cultural e a botânica do espaço -Momento musical, com repertório exclusivo de Johann Strauss II
“A música de Cândido Drumond de Vasconcelos, nas quintas e clubes da alta sociedade funchalense, tocadas pelo braguinha no século XIX”	30-05-21	30-05-21	Miguel Dantas	-Promover uma visita guiada com a finalidade de conhecer o património histórico-cultural e a botânica do espaço -Momento musical, com repertório de música tradicional madeirense

Plano de Comunicação

Projeto desenvolvido em parceria com a Associação Musical e Cultural Xarabanda com a finalidade de realizar uma proposta de um ciclo de música pelos jardins públicos das quintas na cidade do Funchal, intitulado “Música nos jardins, percurso histórico-botânico na cidade do Funchal” juntando visitas guiadas nas áreas do património histórico-cultural e botânica com a realização no final de cada evento de um momento musical relacionando aspetos abordados durante a visita guiada.

O ciclo de música pretende valorizar e divulgar os espaços, promover a sustentabilidade e oferecer uma nova perspetiva aos visitantes no âmbito da botânica e do património histórico-cultural, estabelecendo a integração entre o ato musical e o espaço. O projeto destina-se a toda a população residente e turistas.

Parceiros para comunicação

- 🎵 RTP
- 🎵 JM 88.8
- 🎵 RDP
- 🎵 Diário de Notícias da Madeira
- 🎵 JM
- 🎵 Funchal Notícias

Indicadores de Desempenho| Performance

- 🎵 Cumprimento dos prazos estabelecidos
- 🎵 Produtividade
- 🎵 Orçamento
- 🎵 Utilização dos recursos

Indicadores de Realização

- 🎵 Número de notícias nos média locais antes e depois da realização do ciclo de música
- 🎵 Donativos ao IFCN IP-RAM dos participantes

Indicadores de Impacto| Efeitos

- 🎵 Satisfação dos participantes
- 🎵 Número de participantes inscritos

Fatores de Sustentabilidade do Projeto

- 🎵 Criação de parcerias
- 🎵 Reconhecimento e apoio pelos parceiros

Potencial de Disseminação do Projeto

- 🎵 Possibilidade de poder ser aplicado em outras quintas públicas ou privadas, dentro e fora do concelho do Funchal
- 🎵 Capacidade de ampliação para outros concelhos

Estrutura de Financiamento

CÂMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL:

- **APOIOS FINANCEIROS AO ASSOCIATIVISMO E A ATIVIDADES DE INTERESSE MUNICIPAL**

Podem candidatar-se a estes apoios entidades legalmente existentes, que tenham ou não sede no Município do Funchal, desde que desenvolvam atividades relevantes de interesse cultural para o município do Funchal¹². Assim, com este apoio pretendemos apoio financeiro para as despesas relacionadas com tudo o que envolva a nível de logística, desde os agrupamentos musicais às licenças. Solicita-se o valor de 4.450 euros.

Orçamento:..... 4.450€

INSTITUTO DAS FLORESTAS E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA IP-RAM

- **PROTOCOLO**

Pretende-se com este protocolo a cedência dos espaços e disponibilização de recursos humanos para o funcionamento dos espaços e assistência na montagem da logística

Orçamento:.....Sem Custos¹³

SECRETARIA REGIONAL DE TURISMO E CULTURA:

- **CONTRATO-PROGRAMA OU PROTOCOLO**

Contrato-programa, tendo em vista a comparticipação financeira das despesas do projeto e funcionamento dos espaços sob tutela do governo regional, abrangendo as suas despesas ordinárias no que respeita à atividade e às instalações, pessoal, equipamentos e outras congéneres. Este projeto é de elevado interesse para o cartaz turístico da Região Autónoma da Madeira. Solicita-se o valor de 6.000 euros.

Orçamento:..... 6000€

¹² Disponível em: <https://www.cm-funchal.pt/pt/revitalizacao-do-comercio/3006-candidaturas-apoios-associativismo.html>

¹³ É pedido apenas a cedência dos espaços e disponibilização de recursos humanos pelo IFCN IP-RAM

Custos com:

1. Económico.....	100€
2. Equipa de produção.....	1000€
3. Contratação de serviços Outsourcing.....	5600€
4. Bens de consumo.....	50€
5. Alimentação.....	1000€
6. Impressão gráfica de Edições/folhetos.....	500 €
7. Seguros e licenças.....	Sem custos
8. Direitos de autor.....	700€
9. Imprevistos Margem de conforto.....	1500€

Sub-total:

Orçamento CMF:.....4.450€

Orçamento IFCN IP-RAMsem custos

Orçamento da SRTC:6000€

Orçamento total: **10.450€**

Projeto elaborado com base em:



3.4 Logótipo

O logótipo é uma das principais ferramentas para a divulgação de uma marca, pois é das primeiras coisas que se observa, ou seja, é algo que fica de imediato gravado na memória.

A intenção de criar um logótipo foi de atrair o público-alvo, de modo a dar maior consistência e credibilidade ao projeto. No processo de criação foi tido em mente conceber um que proporcionasse de uma forma simples o caráter do projeto.

A ideia partiu de criar uma clave de sol acoplada com uma folha verde. Estes dois símbolos juntos criam uma interligação harmoniosa entre a música e a natureza, que é o propósito deste projeto de música nos jardins, assim a clave de sol representa a música e a folha verde a flora dos jardins das quintas (figura 50).



Figura 50-Logótipo do projeto. **Fonte:** Miguel Dantas

3.5 Folheto

A elaboração de um folheto para este projeto é muito importante principalmente a nível de divulgação, devido a ser um meio que passa de mão em mão facilmente e também é algo que vai estar disponível em lugares estratégicos como em hotéis ou postos de turismo.

Elaborou-se um protótipo de um folheto para o projeto (figura 51), tendo em conta que deverá ser apelativo, simples e de fácil compreensão para quem o consulta.

1. Logotipo Título do projeto Imagem Ilustrativa Local/Data/Hora Idioma (colocar bandeira do idioma) Resenha do programa Redes sociais	2. Descrição cronológica do programa Mapa da quinta com o trajeto da visita guiada Pequena descrição de cada paragem juntamente com imagens	3. Pequena descrição de cada paragem juntamente com imagens (continuação)
4. Pequena descrição de cada paragem juntamente com imagens (continuação) Momento Musical Tema Pequena descrição do agrupamento musical Repertório Recomendações		

Figura 51-Protótipo do folheto.
Fonte: Miguel Dantas

3.6 Roteiro

A elaboração de um roteiro é essencial para dar uma visão geral do projeto em termos de distribuição pelo espaço, assim como para fornecer informações. O roteiro (figura 52) foi elaborado do centro para a periferia da cidade do Funchal, mostrando a distribuição dos espaços escolhidos pela orografia da cidade.



Figura 52-Roteiro do ciclo de música. Fonte: Miguel Dantas

4. Conclusões

O percurso de aprendizagem no âmbito do Mestrado em Ecoturismo da Universidade da Madeira foi bastante enriquecedor, pois forneceu ferramentas que ajudaram na elaboração da proposta de projeto.

Após a elaboração da proposta de música pelos jardins das quintas da cidade do Funchal, resta a consciência que existem várias alternativas para um turismo sustentável.

Apresentou-se um projeto inovador e exequível para a cidade do Funchal, de maneira a melhorar a qualidade do produto turístico, privilegiando a música, a natureza e o património histórico-cultural. O projeto poderá ainda ser alargado a outras quintas do concelho do Funchal, ou ainda a outros concelhos.

A experiência da AMCX na realização de projetos de cariz cultural foi sem dúvida muito importante na elaboração desta proposta de projeto. A coragem e a capacidade de adaptação da associação foram outros aspetos essenciais, pelo facto de nunca terem participado num projeto na área do ecoturismo. A colaboração do Grupo de Botânica da Madeira inserido na Faculdade de Ciências da Vida da Universidade da Madeira, foi também fundamental na criação deste projeto.

Atendendo que vivemos numa sociedade cada vez mais tecnológica e sedentária, é importante valorizar os espaços verdes dentro da cidade, pois são nos dias de hoje muito procurados, mas por outro lado são pouco conhecidos.

Com este trabalho pretendeu-se valorizar, divulgar e preservar as quintas e todo o seu património natural e histórico-cultural, porque apesar de muitas das quintas da cidade do Funchal estarem sob a tutela do governo regional, algumas ainda estão longe do seu potencial, talvez pela falta de procura e preservação. Por outro lado, verifica-se uma preocupação em preservar o nosso património natural pela grande diversidade florística, incluindo plantas indígenas e endémicas, às árvores de frutos e às de uso tradicional na medicina popular e gastronomia madeirense que se encontra nos jardins das quintas.

O ecoturismo é sem dúvida um caminho a adotar no Funchal e em toda a região, pois não necessitamos de um turismo de massas e sim um de qualidade e sustentável. Os mercados cada vez são mais exigentes e é crucial oferecer um produto turístico diferenciador dos outros mercados, desse modo esta proposta funcionaria perfeitamente no desenvolvimento desse tipo de turismo.

O estágio resultou num trabalho de descoberta e aprendizagem, porque sendo eu também músico, apenas tinha conhecimentos da atuação musical em si e não fazia ideia do trabalho moroso que é feito em prol da elaboração de um projeto. Percebi ainda que é possível criar um roteiro turístico diferenciador, com uma interligação entre várias áreas que poderão ajudar na promoção da ilha para o exterior e cativar novos mercados.

4.1 Autoavaliação das competências e conhecimentos adquiridos

Fazendo um balanço geral das competências adquiridas foram as seguintes:

- Aprendizagem e criação de mecanismos de elaboração de um projeto. Numa fase pioneira do estágio fui aprendendo os procedimentos indispensáveis na realização de um projeto, como a formulação de uma candidatura e os tipos de apoios financeiros necessários.
- Crescimento enquanto pessoa, pois o sucesso da elaboração do trabalho dependeria inteiramente da minha dedicação e envolvimento.
- Experiência no mercado de trabalho, que culminou em nove meses inserido num contexto laboral.
- Conhecimento e partilha de informação, resultante das várias reuniões com pessoas de diferentes áreas.
- Capacidade de organização de saídas de campo.
- Aquisição de conhecimentos em termos de botânica e de património histórico-cultural dos espaços visitados.
- Motivação para a criação de projetos inovadores.

Referências Bibliográficas

Abreu, J. M. (2004). *George Day Welsh nas relações entre a madeira e os estados unidos da américa (primeira metade do século XIX)*. Tese de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas-Universidade da Madeira, Departamento de Estudos Anglísticos e Germanísticos, Funchal: 136.

Albergaria, I. S. (2016). *turismo de jardins na madeira e nos açores: da dimensão histórica à situação atual*. Em D. N. Chaves, Açores e Madeira, Percursos de Memória e Identidade. S. Jorge, Açores: Santa Casa da Misericórdia das Velas: 187-207

Andrade, S. L. (2018). *Do terapêutico ao lazer: O caso das quintas da Madeira*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa: 257.

Associação Musical e Cultural Xarabanda. (2019). *Discografia Completa do XARABANDA e sua história*. (A. Xarabanda, Ed.) Portugal: Tradisom Produções Culturais.

Avellar, F. (1998). *Casa da Quinta das Cruzes/ Museu da Quinta das Cruzes*. Obtido em 18 de março de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6987

Brown, B. J. (2016). *Gardens and music: an initial survey, probing potentials*. University of Manitoba, Winnipeg, Manitoba R2M 2W6: 55-60.

Carita, R. (2017). *quinta do monte-história da arte, história militar e património / Arquitetura, Cossar Gordon, Ingleses, Jardins do Imperador*. Obtido em 18 de janeiro de 2020, de aprender madeira: <http://aprenderamadeira.net/quinta-do-monte/>

Carita, R. (1998). *Casa da Quinta das Cruzes/ Museu da Quinta das Cruzes*. Obtido em 18 março de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6987

Carita, R. (1999). *Quinta Vigia / Quinta das Angústias / Presidência do Governo Regional*. Obtido em 17 de fevereiro de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6987

Casa da música. (2019). *Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música-Concerto de Ano Novo*. Obtido em 6 de outubro de 2020, de <https://www.casadamusica.com/pt/media/11737633/2019-01-05-os-concertodeanonovo.pdf?lang=pt>

Esteireiro, P. (2020). *música*. Obtido em 21 de junho de 2021, de Aprender Madeira: <http://aprenderamadeira.net/article/musica>

Fennell, D. (2008). *Ecotourism* (3ª edição ed.). Wolverhampton: Routledge: 16.

Franco, E. (2020). "*Madeira Jazz Collective*" sexta-feira nos jardins do Museu Quinta das Cruzes. Diário de Notícias da Madeira. Obtido em 27 de agosto de 2020, de <https://www.dnoticias.pt/2020/8/26/71719-madeira-jazz-collective-sexta-feira-nos-jardins-do-museu-quinta-das-cruzes>

Freitas, F. I., & Mateus, M. (2013). *Plantas e seus usos tradicionais* (1ª ed.). Funchal: Serviço do Parque Natural da Madeira: 95.

Gibson, C., & Connell, J. (2005). *Music and Tourism On The Road Again*. Cromwell Press: 1-12.

Gonçalves, S. (2020). *Concerto da Orquestra de Cordas Madeira Camerata no Belmond Reid's Palace*. Diário de Notícias Madeira. Obtido em 15 de setembro de 2020, de <https://www.dnoticias.pt/2020/3/2/66400-concerto-da-orquestra-de-cordas-madeira-camerata-no-belmond-reids-palace>

Gouveia, L., Carvalho, J., Fernandes, F., & Lobo, C. (eds). (2010). *50 Anos - Jardim Botânico da Madeira Engº Rui Vieira*. Direção Regional de Florestas. Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais: 133.

Governo Regional da Madeira. (2003). *50 anos a servir a floresta*. Governo Regional da Madeira. Direção Regional de Florestas. Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais: 127-139.

Honey, M. (2008). *Ecotourism and Sustainable Development* (2ª edição ed.). Unites States of America: Island Press: 5-24.

Jardim, R., & Francisco, D. (2000). *Flora Endémica da Madeira* (1ª ed.). Múchia Publicações: 339.

Joppe, M., & Dodds, R. (1998). *Urban Green Tourism: Applying ecotourism principles to the city*. Toronto: Travel and Tourism Research Association-Canada.

Journal de François. (2019). "*Récital Edouard Jouve*" par le comédien-chanteur Thierry Leclerc. Journal de François. Obtido em 13 de novembro de 2020, de <https://www.journaldefrancois.fr/-recital-edouard-jouve-par-le-comedien-chanteur-thierry-leclerc.htm>

Kelly, J. (2014). *Here's the story behind Sousa's famous 'Washington Post March'*. Obtido em 15 de novembro de 2020, de The Washington post: https://www.washingtonpost.com/local/heres-the-story-behind-sousas-famous-washington-post-march/2014/06/14/c804553e-f23b-11e3-914c-1fbd0614e2d4_story.html

Leitão, C. (2007). *Madeira, O Livro* (1ª ed.). Funchal, Portugal: Funchal Publications: 130-52.

Lessa, E. (2014). *O jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho: 28-32.

Library of Congress. (2020). *Madeira wine a parody on the Willow*. Obtido em 15 de novembro de 2020, de United States Copyright Office: <https://www.loc.gov/item/2015562175/>

MacLeish, K., Silveira, E., Horta, P., MacLeish, V., & Alves, F. (1986). *Guia do Ouvinte de Música Clássica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda: 199.

Maund, B. (s.d.). *The Botanic Garden: Consisting of Highly Finished Figures of Hardy* (6ª ed.). (J. C. Niven, Ed.) University of Michigan Libraries: 4.

Matos, R. C. (2016). *A Arquitetura do Turismo Terapêutico*. Lisboa: Universidade de Lisboa-Faculdade de Arquitetura: 398.

Mayson, R. (2015). *Madeira: The Islands and their Wine*. United Kingdom: Infinite Ideas Limited: 265.

Medeiros, P. P. (2015). *Mestres Da Música Clássica* (2ª ed.). Brasil: 57.

- Menino, T. J. R. (2016). *Turismo de Natureza no Parque Natural do Douro Internacional-Reflexão sobre os desafios da fuga à massificação e os limites da utilização do território*. Tese de Mestrado em Turismo-Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto: 9-10.
- Mondin, C. A., Eggers, L., & Ferreira, P. (2010). *Catálogo ilustrado de plantas: espécies ornamentais da PUCRS*. Brasil: EDIPUCRS: 13-113.
- Morais, M. (Ed.). (2003). *Cândido Drumond de Vasconcelos. Coleção de Peças para Machete (1846)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio: 265.
- Morais, M. (s.d.). *O Machete Madeirense*. Évora: Universidade de Évora: 18.
- Neves, H. C., & Valente, A. (1992). *Conheça o Parque Natural da Madeira*. Funchal: 73.
- Oliveira, M. J. (2000/2001). Metalúrgica João de Freitas Sucrs. Lda - Excertos da Indústria de Fundição na Madeira. Em *Revista Xarabanda* nº13: 54 -72.
- Press, J.R., Short, M.J. (1994). *Flora of Madeira*. The Natural History Museum (HMSO). London: 574.
- Quintal, R. (2003). *Madeira, a Descoberta da Ilha de Carro e a Pé*. Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal: 268-295.
- Quintal, R. (2007). *Estudo fitogeográfico dos jardins, parques e quintas do concelho do Funchal*. Tese de Doutoramento em Geografia Física-Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa: 536.
- Quintal, R. (Produtor), & Paulino, F. F. (Realizador). (2008). *Jardins do Funchal* [Registo vídeo]. Funchal: edicarte
- Quintal, R., & Braga, T. (2018). *Jardim Botânico José do Canto - 100 Árvores*. Lisboa: The Book Hut: 200.
- Quintal, R., & Braga, T. (2019). *Árvores dos Açores Ilha de São Miguel*. Ponta Delgada: Letras Lavadas edições: 240.
- Quintal, R., & Groz, M. P. (2001). *Parks and Gardens of Funchal*. (J. G. Quinn, Trad.) Funchal: Organ Impressores: 161.

- Quintal, R., (2009). *A importância dos jardins como nicho*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Lisboa (2009): 71-93.
- Robinson, J. (2015). *The Oxford Companion to Wine* (4º ed.). Oxford University Press: 849.
- Rodrigues, M. (2011). *As Artes Performativas no Funchal Oitocentista (1820-1913)*. Dissertação de Mestrado- Universidade da Madeira, Funchal:133.
- Sardinha, V. (2016). *O repertório do orquestrofone-Música com História*. Funchal: Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura/ Direção Regional da Cultura/ DSMPC - Museu Quinta das Cruzes: 3-7.
- Secretaria Regional do Turismo e Cultura. (2017). *Estratégia para o Turismo da Madeira, Região Autónoma da Madeira, 2017-2021*. Governo Regional da Madeira.
- Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura. (2016). *Orquestrofone Música com História* [CD-ROM]. Funchal: DSMPC
- Gouveia, L. (Ed) (2005). *A Floresta Laurissilva Património Mundial*. (L. M. Gouveia, Ed.). Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais-Serviço do Parque Natural da Madeira: 104.
- Sequeira, M. M., Fontinha, S., Freitas, F., Ramos, L., & Mateus, M. (2006). *Plantas e Usos Tradicionais nas Memórias de Hoje* (2ª ed.). Funchal: Casa do Povo da Ilha. Parque Natural da Madeira: 199.
- Silva, S. &, Carvalho, P. (2015). *The Portuguese (historic) gardens as strategic tourism resources in the 21st century. An opportunity to promote, to develop and to preserve*. Em gardens and tourism: 93.
- Silva, S. &, Carvalho, P. (2017). Lazer e turismo nos jardins históricos. *Revista Turismo & Desenvolvimento* | n. o, 27(28): 629-639.
- Vieira, A. (2003). *A Vinha e o vinho na História da Madeira, Séculos XV a XX*. CEHA-Bblioteca digital: 415.
- Vieira, A. (2008). Das ilhas jardins aos jardins das ilhas. IN FRANCO, J., E. e GOMES, A., C., da C.(coords.)–*Jardins do Mundo–Discursos e Práticas*. Gradiva. Lisboa: 91-106.

Vieira, A. (2017). *jardins*. Obtido em 1 de fevereiro de 2021, de <http://aprenderamadeira.net/article/jardins>

Vieira, R. (1992). *Flores da Madeira*. (G. E. Maul, Trad.): 281.

Vieira, R. M. (2002). *Flora da Madeira*. Funchal, Madeira: Câmara Municipal do Funchal. *Boletim do Museu Municipal do Funchal (História Natural)* Suplemento N° 8: 7-53.

Webgrafia

Associação Musical e Cultural Xarabanda. (2019). *Historial do projeto Algozes / Xarabanda*. Obtido em 4 março de 2020, de <https://xarabanda.pt/xarabanda-historial/>

Associação Musical e Cultural Xarabanda. (s.d.). *Grupo Xarabanda*. Obtido em 11 de setembro de 2020, de <http://xarabanda.pt/grupo-xarabanda/>

Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. (s.d.). *Frangesa*. Obtido em 16 de novembro de 2020, de <http://www.bncrm.beniculturali.it/>

Bibliothèque Nationale de France. (2020). *Frou Frou*. Obtido em 15 de novembro de 2020, de https://data.bnf.fr/fr/15562955/henri_chatau_frou_frou/

Botanic Gardens Conservation International. (2021). *About Botanic Gardens*. Obtido em 29 de junho de 2021, de <https://www.bgci.org/about/about-botanic-garden/>

Câmara Municipal de Lisboa. (2020). *Cultura na rua*. Obtido em 15 de setembro de 2020, de <https://www.culturanarua.pt/programacao/lisboa-na-rua/>

Casa da música. (s.d.). *Johann Strauss II*. Obtido em 15 de setembro de 2020, de <https://www.casadamusica.com/artistas-e-obras/compositores/s/strauss-ii-johann/#tab=0>

Classic FM. (s.d.). *Lionel Monckton: Soldiers in the Park*. Obtido em 17 de novembro de 2020, de <https://www.classicfm.com/radio/shows-presenters/alan-titchmarsh/great-british-discovery/household-cavalry-hyde-park/>

CEPAM-Conservatório-Escola Profissional das Artes da Madeira – Eng.º Luiz Peter Clode. (2017). *A música de Cândido Drumond de Vasconcelos (CD): Machete e Guitarra*. Obtido em 07 de setembro de 2020, de <https://lojaconservatorio.pt/product/a-musica-de-candido-drumond-de-vasconcelos-cd/>

Cummings, R. (s.d.). *Johann Strauss II Lagunen-Walzer (Lagoon Waltz), for orchestra, Op. 411*. Obtido em 16 de outubro de 2020, de ALLMUSIC: <https://www.allmusic.com/composition/lagunen-walzer-lagoon-waltz-for-orchestra-op-411-rv-411-mc0002379359>

Daphy, É. (17 de junho de 2020). *Au r'voir et merci ! Nouvelle danse de salon sur les motifs du gros succès créée par Dalbret [couverture de la partition grand format piano seul] [illustration couleurs Léon Pousthomis]*. Obtido em 14 de novembro de 2020, de Le Centre pour la Communication Scientifique Directe: <https://hal.archives-ouvertes.fr/medihal-01177455>

Green Gardens Azores. (2019). *Observatório do Turismo dos Açores*. Obtido em 30 outubro de 2019, de Green Gardens Azores: <https://www.otacores.com/greenga/>

Hafabra Music. (2020). *Espanã*. Obtido em 16 de novembro de 2020, de <http://www.hafabramusic.com/product-score/111/fr>

HeBu Musikverlag GmbH. (s.d.). *Frühlingsstimmen Opus 410*. Obtido em 8 de outubro de 2020, de <https://www.hebu-music.com/de/artikel/johann-strau%25C3%259F-strauss-sohn/baton-music/fruehlingsstimmen-opus-410.232933/>

International Association of Botanic Garden. (2012). *IABG*. Obtido em 29 de junho de 2021, de <http://iabg.scbg.cas.cn/aboutus/aboutiabg/>

IMSLP Petrucci Music Library. (2020). *La Matichiche (Borel-Clerc, Charles)*. Obtido em 21 de outubro de 2020, de [https://imslp.org/wiki/La_Matichiche_\(Borel-Clerc%2C_Charles\)](https://imslp.org/wiki/La_Matichiche_(Borel-Clerc%2C_Charles))

Instituto das Florestas e Conservação da Natureza. (2017). *Quintas*. Obtido em 3 de dezembro de 2019, de <https://ifcn.madeira.gov.pt/quintas-e-jardins/quintas.html>

Institut Européen des Jardins & Paysages. (2017). *Inventário de jardins e paisagens em Portugal*. Obtido em 16 de junho de 2020, de Université de Caen Normandie: <http://europeangardens.eu/inventories/pt/pages/index.html>

irBarcelona. (2019). *Música Als Parcs (Música en los Parques) 2019 en Barcelona*. Obtido em 30 outubro de 2019, de irBarcelona: <https://irbarcelona.com/agenda-eventos-barcelona/musica-parques/>

Merriam-Webster Dictionaries. (2019). *Garden*. Obtido em 18 de janeiro de 2020, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/garden>

Orquestra de Ponteado. (2020). *Historial*. Obtido em 8 de setembro de 2020, de http://orquestradeponteado.pt/1/historial_910788.html

Palmer, J. (s.d.). *Johann Strauss II Wiener Blut (Vienna Blood), waltz for orchestra, Op. 354*. Obtido em 16 de outubro de 2020, de ALLMUSIC: <https://www.allmusic.com/composition/wiener-blut-vienna-blood-waltz-for-orchestra-op-354-rv-354-mc0002435293?cmpredirect>

Profs-Edition. (s.d.). *J'ai tant pleuré - Joseph Rico*. Obtido de Profsédition.com: Obtido em 29 de outubro de 2020, de <https://www.profs-edition.com/partition-2e-cycle/j-ai-tant-pleure>

Retoíça - Associação Cultural, Desportiva e Recreativa. (s.d.). *Ecomusicalis*. Obtido em 16 de junho de 2020, de Retoíça: <https://www.retoica.com/ecomusicalis>

Royal Botanic Garden Kew. (2021). *What is a botanic garden?* Obtido em 29 de junho de 2021, de <https://www.kew.org/read-and-watch/what-is-a-botanic-garden>

SecondHandSongs. (s.d.). *La matthiche*. Obtido em 14 de novembro de 2020, de <https://secondhandsongs.com/work/178363/all>

The University of Maine. (s.d.). *Parlor Salon sheet music collection*. Obtido em 14 de novembro de 2020, de <https://digitalcommons.library.umaine.edu/mmb-ps/1152/>

TIES. (2019). *The International Ecotourism Society*. Obtido em 6 de novembro de 2019, de <https://ecotourism.org/>

Wardropper, I. (2008). *"Gardens in the French Renaissance"*. Obtido em 17 fevereiro de 2020, Heilbrunn Timeline of Art History: https://www.metmuseum.org/TOAH/hd/garf/hd_garf.htm

Williams, C. (s.d.). *History of Magnolias*. Obtido em 5 de julho de 2020, de Caerhays Estate: <https://visit.caerhays.co.uk/the-estate/the-gardens/history-of-magnolias/>

ANEXOS

Anexo I. Breve descrição botânica das espécies selecionadas

Quinta Magnólia:

-Magnólia¹⁴

Nome(s) comum(s):	Magnólia
Nome científico:	<i>Magnolia grandiflora</i> L.
Família:	Magnoliaceae
Floração:	maio a agosto
Origem:	América do Norte
Outras informações:	As Magnólias e os Carvalhos são das árvores mais antigas e nobres das velhas quintas madeirenses. As folhas da Magnólia são de cor branca, sendo os seus frutos muito interessantes parecidos com pinhas acastanhadas que, ao amadurecerem, se abrem e deixam ver as sementes de um vermelho-coral muito atraente.



Figura 53-Magnólia. Fonte: Miguel Dantas

¹⁴ **Fonte:** (Quintal, 2003); (Vieira, 1992).

-Estreleira¹⁵

Nome(s) comum(s):	Estreleira
Nome científico:	<i>Argyranthemum pinnatifidum</i> (L.f.) Lowe ssp. <i>pinnatifidum</i>
Família:	Asteraceae
Floração:	abril a julho
Origem:	Endêmica da Madeira
Outras informações:	Arbusto endêmico, que pode atingir mais de 1,5m sendo próprio da Floresta típica Laurissilva. Tem folhas persistentes, grandes, até perto de um palmo, recortadas e serradas, de um tom verde-tenro e pouco consistentes, floresce de abril a julho sendo as suas flores de cor branca e o disco.



Figura 54-Estreleira. **Fonte:** Miguel Dantas

¹⁵ **Fonte:** (Vieira, 1992); (Press & Short, 1994); (Jardim & Francisco, 2000).

-Árvore de Júpiter¹⁶

Nome(s) comum(s):	Árvore de Júpiter, ou Flor de Merenda
Nome científico:	<i>Lagerstroemia indica</i> L.
Família:	Lythraceae
Floração:	junho a agosto
Origem:	China
Outras informações:	Arbusto a pequena árvore muito ornamental, de copa bastante arredondada, de folha caduca e pequenas com as pétalas enrugadas de cor rosa, lilás ou branca, dispostas em cachos densos. É uma espécie muito cultivada em jardins, em pleno Sol até cerca de 500m, florindo abundantemente (quando podada) de junho a agosto



Figura 55-Árvore de Júpiter. **Fonte:** Miguel Dantas

¹⁶ **Fonte:** (Vieira, 1992).

-Estrelícia Gigante¹⁷

Nome(s) comum(s):	Estrelícia Gigante
Nome científico:	<i>Strelitzia nicolai</i> Reg. & Köm.
Família:	Strelitziaceae
Floração:	Todo o ano
Origem:	África do Sul
Outras informações:	Planta de porte elevado, com “troncos” robustos que ultrapassam 10m de altura e folhas muito grandes, semelhantes às da bananeira, mas dispostas em leque. Cultivada em jardins, sobretudo em altitudes inferiores a 400m. É muito confundida com a Árvore-do-Viajante (<i>Ravenala madagascariensis</i> Sonn.).



Figura 56-Estrelícia Gigante. **Fonte:** Miguel Dantas

¹⁷ **Fonte:** (Vieira, 1992); (Quintal, 2003).

-Mango¹⁸

Nome(s) comum(s):	Mangueiro
Nome científico:	<i>Mangifera indica</i> L.
Família:	Anacardiaceae
Floração:	junho
Origem:	Ásia Tropical
Outras informações:	É notória a presença de várias árvores de fruto nas quintas e jardins da Madeira, onde se dá especial ênfase a este bonito exemplar de Mangueiro. Os frutos comestíveis são deliciosos e muito apreciados tanto pela população local como pelos muitos turistas que visitam a Ilha. O fruto é também muito utilizado na elaboração de sobremesas e bebidas.



Figura 57-Mango. Fonte: Miguel Dantas

¹⁸ **Fonte:** (Quintal, 2007).

-Cica¹⁹

Nome(s) comum(s):	Cica
Nome científico:	<i>Cycas circinalis</i> L.
Família:	Cycadaceae
Origem:	Índia, Madagáscar e Nova Guiné
Outras informações:	Espécies dioicas, ou seja, cada exemplar tem apenas um sexo e não dois, como é frequente no Reino Vegetal, estas plantas são parecidas com as palmeiras, mas muito mais antigas na evolução das espécies.



Figura 58-Cica. Fonte: Miguel Dantas

¹⁹ **Fonte:** (Quintal, 2003, 2007, 2008).

-Pata de Elefante²⁰

Nome(s) comum(s):	Pata de Elefante
Nome científico:	<i>Nolina recurvata</i> (Lem.) Hemsl.
Família:	Agavaceae
Floração:	março a setembro
Origem:	México
Outras informações:	A forma peculiar do tronco faz com que este arbusto seja único a sua folhagem é semelhante à do Dragoeiro, embora seja menos coriácea e mais estreita. Pode atingir próximo de 5 metros, as suas flores são pequenas, brancas e estão dispostas em cachos grandes e ramificados.



Figura 59-Pata de Elefante. **Fonte:** Miguel Dantas

²⁰ **Fonte:** (Quintal & Braga, 2019); (Quintal, 2007); (Vieira, 1992).

-Casuarina²¹

Nome(s) comum(s):	Casuarina
Nome científico:	<i>Casuarina cunninghamiana</i> Miq.
Família:	Casuarinaceae
Floração:	novembro e dezembro
Origem:	Austrália
Outras informações:	Árvores predominantes do bosque ao longo do leito do circuito de manutenção do Ribeiro Seco na Quinta Magnólia. As suas raízes têm a particularidade de terem algumas bactérias capazes de captar o azoto do solo sendo indicadas para fertilizar solos pobres.



Figura 60- Casuarina. **Fonte:** Miguel Dantas

²¹ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Quintal, 2003, 2007, 2008).

-Pandano²²

Nome(s) comum(s):	Pandano
Nome científico:	<i>Pandanus utilis</i> Bory
Família:	Pandanaceae
Floração:	Todo o ano
Origem:	Madagáscar
Outras informações:	Espécie dioica, que curiosamente mantém-se de pé com a ajuda de raízes escoras que emergem diretamente do caule, acima do solo, com função de sustentação da planta. Poderá ser confundido com o Dragoeiro, árvore endêmica dos Arquipélagos da Macaronésia.

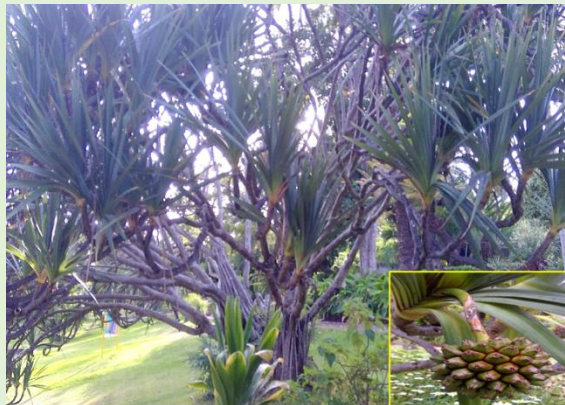


Figura 61-Pandano. **Fonte:** Miguel Dantas

²² **Fonte:** (Quintal, 2001, 2003, 2007).

-Árvore das Salsichas²³

Nome(s) comum(s):	Árvore das Salsichas ou Quigélia (Quintal, 2007).
Nome científico:	<i>Kigelia africana</i> (Lam.) Benth (Quintal, 2007).
Família:	Bignoniaceae (Quintal, 2007).
Floração:	junho e agosto (Quintal, 2007).
Origem:	África Tropical (Quintal, 2007).
Outras informações:	É uma árvore de pequeno porte, com folhas grandes, persistentes, divididas em muitos folíolos e de flores grandes avermelhadas ou acastanhadas que se encontram tendentes em compridos pedúnculos de onde depois surgem os seus frutos. Estes, são extremamente curiosos pois assemelham-se como que a grandes salsichas de casca muito resistente que permanecem presos mais de um ano à planta mãe (Vieira, 1992).



Figura 62-Árvore das Salsichas. **Fonte:** Miguel Dantas

²³ **Fonte:** (Vieira, 1992); (Quintal, 2007).

-Encefalartos²⁴

Nome(s) comum(s):	Encefalartos ou Cica-da-África-do-Sul
Nome científico:	Encephalartos altensteinii Lehm.
Família:	Zamiaceae
Origem:	África do Sul
Outras informações:	O crescimento dos Encefalartos é lento e a sua folhagem é parecida com as das palmeiras da África do Sul, destacam-se na Quinta Magnólia pela sua idade e pelo porte dos seus troncos bastante imponente.



Figura 63-Encefalartos. **Fonte:** Miguel Dantas

²⁴ **Fonte:** (Quintal, 2007, 2008).

-Árvore-da-Orelha-de-Elefante²⁵

Nome(s) comum(s):	Árvore-da-Orelha-de-Elefante ou Enterolóbio
Nome científico:	Enterolobium cyclocarpum (Jacq.) Griseb
Família:	Leguminosae
Floração:	junho a agosto
Origem:	América Tropical
Outras informações:	As suas folhas são recortadas e parecidas com as das mimosas, com pequenas flores entre a folhagem que dão origem aos frutos com forma de orelhas, daí o nome particular desta árvore



Figura 64-Árvore-da-Orelha-de-Elefante. **Fonte:** Miguel Dantas

²⁵ **Fonte:** (Quintal, 2003); (Quintal & Braga, 2018).

-Cedro-do-buçaco²⁶

Nome(s) comum(s):	Cedro-do-buçaco
Nome científico:	<i>Cupressus lusitanica</i> Mill.
Família:	Cupressaceae
Floração:	março
Origem:	América Central
Outras informações:	Podem atingir altura considerável (acima de 30 metros) e enorme grossura de tronco. É utilizada em termos ornamentais. Foi usada como árvore florestal nalgumas serras da Ilha da Madeira, pelo que se tem naturalizado em muitas áreas, principalmente nas proximidades de exemplares adultos.



Figura 65-Cedro-do-buçaco. **Fonte:** Miguel Dantas

²⁶ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002).

-Canforeira²⁷

Nome(s) comum(s):	Canforeira
Nome científico:	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl
Família:	Lauraceae
Floração:	fevereiro e março
Origem:	China, Formosa e Japão
Outras informações:	Árvores utilizadas na produção de madeira.



Figura 66-Canforeira. **Fonte:** Miguel Dantas

²⁷ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Quintal & Braga, 2018); (Quintal & Braga, 2019).

Quinta Vigia:

-Doce-de-Inverno²⁸

Nome(s) comum(s):	Doce-de-Inverno ou Arbusto das Setas Envenenadas
Nome científico:	<i>Acokanthera oblongifolia</i> (Hochst.) Benth. & Hook.f. ex B.D.Jacks.
Família:	Apocynaceae
Floração:	maio a julho
Origem:	Moçambique e África do Sul
Outras informações:	Planta utilizada pelos povos indígenas da África do Sul para envenenar as setas quando caçavam.

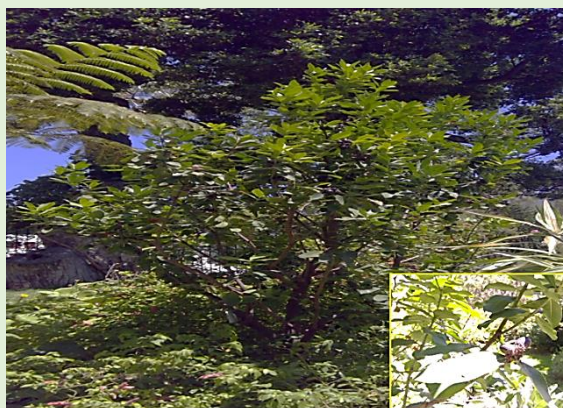


Figura 67-Doce-de-Inverno. **Fonte:** Miguel Dantas

²⁸ **Fonte:** (Quintal, 2007, 2008).

-Erva Caninha²⁹

Nome(s) comum(s):	Caninha ou Erva Caninha
Nome científico:	<i>Cymbopogon citratos</i> Staf
Família:	Poaceae
Origem:	Ásia
Outras informações:	Planta herbácea com forte cheiro a limão, cultivada frequentemente junto às habitações para fins medicinais. O chá está referido como calmante para dormir. Também usada para atenuar as dores de barriga juntamente com erva-cidreira. Em época de pouco alimento é dado às abelhas uma calda de erva-caninha.



Figura 68-Erva Caninha. **Fonte:** Miguel Dantas

²⁹ **Fonte:** (Sequeira et al., 2006).

-Til³⁰

Nome(s) comum(s):	Til
Nome científico:	<i>Ocotea foetens</i> (Aiton) Baill.
Família:	Lauraceae
Floração:	junho a agosto
Origem:	Endémica da Madeira e Canárias
Outras informações:	Apresenta-se como uma árvore de grande porte que pode atingir mais de 30m de altura e com grande longevidade, podendo chegar a um milénio, com a idade a sua madeira torna-se negra acastanhada, muito durável e de excecional qualidade. A sua madeira, foi muito utilizada na construção de habitações, nomeadamente no travejamento das mesmas.



Figura 69-Til. Fonte: Miguel Dantas

³⁰ **Fonte:** (Neves & Valente, 1992); (Press & Short, 1994).

-Planta dos Dentes³¹

Nome(s) comum(s):	Planta dos Dentes
Nome científico:	<i>Plumeria rubra</i> L. var. <i>acutifolia</i> (Poir.) L.H. Bailey
Família:	Apocynaceae
Floração:	janeiro a março
Origem:	México
Outras informações:	Árvore de pequeno porte, introduzida e cultivada para ornamento nas regiões mais baixas da Madeira. Suas flores grandes, vistosas e perfumadas de cor amarelo-rosa, sendo ainda muito comum em parques e jardins da Ilha da Madeira.



Figura 70-Planta dos Dentes. **Fonte:** Miguel Dantas

³¹ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Quintal, 2007).

-Polígala³²

Nome(s) comum(s):	Polígala
Nome científico:	<i>Polygala myrtifolia</i> L.
Família:	Polygalaceae
Floração:	abril a outubro
Origem:	África do Sul
Outras informações:	Pequeno arbusto com flores de cor roxo-violeta cultivado como planta ornamental nos jardins e parques da Ilha da Madeira.



Figura 71-Polígala. **Fonte:** Miguel Dantas

³² **Fonte:** (Press & Short, 1994).

-Pinheiro-de-Norfolk³³

Nome(s) comum(s):	Araucária ou Pinheiro-de-Norfolk
Nome científico:	<i>Araucaria heterophylla</i> (Salisb.) Franco
Família:	Araucariaceae
Floração:	fevereiro e março
Origem:	Ilha de Norfolk
Outras informações:	Crescem até uma altura de 60 metros.



Figura 72-Pinheiro-de-Norfolk. **Fonte:** Miguel Dantas

³³ **Fonte:** (Quintal, 2001, 2003, 2007); (Quintal & Braga, 2018, 2019).

-Fruto Delicioso³⁴

Nome(s) comum(s):	Costela de Adão ou Fruto Delicioso
Nome científico:	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.
Família:	Araceae
Floração:	outubro a janeiro
Origem:	Sul do México e América Central
Outras informações:	Arbusto trepador largamente cultivado ao longo do jardim da Quinta Vigia. As suas grandes folhas, profundamente recortadas fazem lembrar costelas. O seu fruto é comestível e saboroso, devendo, no entanto, ser consumido aquando bem maduro.



Figura 73-Fruto Delicioso. **Fonte:** Miguel Dantas

³⁴ **Fonte:** (Quintal, 2007).

-Figueira-da-Índia³⁵

Nome(s) comum(s):	Figueira-da-Índia
Nome científico:	<i>Ficus benjamina</i> (Miq.) Barrett
Família:	Moraceae
Floração:	fevereiro a abril
Origem:	Sudoeste da Ásia
Outras informações:	Árvore que merece igualmente destaque nos jardins da Quinta Vigia, pela sua imponência e que marcam igualmente a fisionomia da quinta.



Figura 74-Figueira-da-Índia. Fonte: Miguel Dantas

³⁵ **Fonte:** (Quintal, 2003); (Quintal & Braga, 2019).

-Flor do Paraíso³⁶

Nome(s) comum(s):	Flor do Paraíso ou Orgulho-de-barbados
Nome científico:	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Swartz
Família:	Leguminosae
Floração:	maio a junho
Origem:	América Central e Antilhas
Outras informações:	Planta arbustiva, que pode atingir mais de 3 metros de altura, de folhas compostas por inúmeros e pequeníssimos folíolos e lindíssimas flores vermelhas ou vermelho-alaranjadas, dispostas em cachos terminais. É uma planta pouco frequente na Madeira.



Figura 75-Flor do Paraíso. **Fonte:** Miguel Dantas

³⁶ **Fonte:** (Vieira, 1992); (Quintal, 2008).

-Barbusano³⁷

Nome(s) comum(s):	Barbusano
Nome científico:	<i>Apollonias barbujana</i> (Cav.) Bornm
Família:	Lauraceae
Floração:	outubro e maio
Origem:	Endêmica da Madeira e das Canárias
Outras informações:	Árvore igualmente designada de pau-ferro, porque a sua madeira era escolhida para estacadas dos vinhedos, onde era queimada na parte que penetrava na terra para maior longevidade. As folhas apresentam frequentemente protuberâncias semelhantes a verrugas, resultantes das picadas de um ácaro específico (<i>Eriophyes barbujana</i> Carmona).



Figura 76-Barbusano. Fonte: Miguel Dantas

³⁷ **Fonte:** (Press & Short, 1994).

Quinta das Cruzes:

-Buganvília³⁸

Nome(s) comum(s):	Buganvília
Nome científico:	<i>Bougainvillea sp.</i>
Família:	Nyctaginaceae
Floração:	Todo o ano
Origem:	Brasil
Outras informações:	Plantas trepadeiras muito comuns na Madeira e no Porto Santo. São plantas muito vigorosas, que florescem praticamente todo o ano, mas de uma forma mais abundante na primavera e no verão. As brácteas que envolvem as verdadeiras folhas têm cores diversas: desde o lilás, a uma forma de cor branca. Na Madeira as buganvílias não produzem semente.

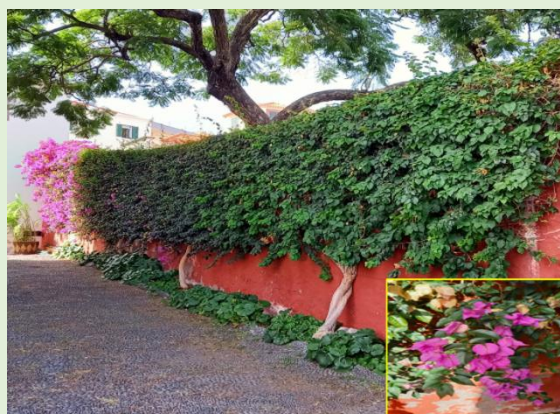


Figura 77-Buganvília. Fonte: Miguel Dantas

³⁸ **Fonte:** (Vieira, 1992).

-Romãzeira³⁹

Nome(s) comum(s):	Romãzeira
Nome científico:	<i>Punica granatum</i> L.
Família:	Lythraceae
Floração:	maio e setembro
Origem:	Mediterrâneo Oriental
Outras informações:	Árvores de fruto nas quintas da Madeira, assim sendo, e na entrada da Quinta das Cruzes podem ser observadas velhas e ainda produtivas romãzeiras.

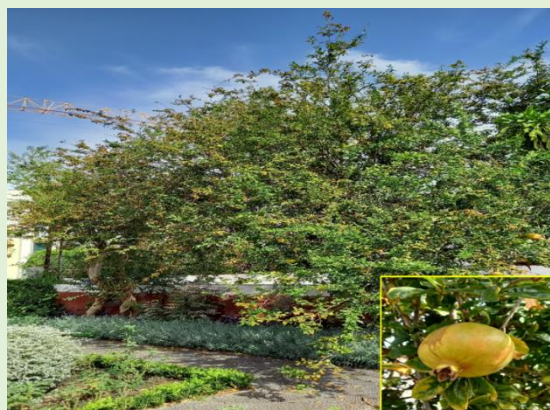


Figura 78-Romãzeira. Fonte: Miguel Dantas

³⁹ **Fonte:** (Quintal, 2003, 2007).

-Pitangueira⁴⁰

Nome(s) comum(s):	Pitangueira
Nome científico:	<i>Eugenia uniflora</i> L.
Família:	Myrtaceae
Floração:	setembro a dezembro
Origem:	Brasil
Outras informações:	Cultivada na Ilha da Madeira, onde é aproveitada pelos frutos acídulos, de sabor agradável e pela sua valia ornamental, também tem interesse na medicina popular sobretudo pelas suas propriedades antitússicas e tónicas.



Figura 79-Pitangueira. Fonte: Miguel Dantas

⁴⁰ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002).

-Araucária da Queenslândia⁴¹

Nome(s) comum(s):	Araucária da Queenslândia
Nome científico:	<i>Araucaria bidwillii</i> Hook.
Família:	Araucariaceae
Floração:	setembro a março
Origem:	Austrália
Outras informações:	Apresenta folhas espinhosas que podem atingir os 35 metros de altura.



Figura 80-Araucária da Queenslândia. **Fonte:** Miguel Dantas

⁴¹ **Fonte:** (Quintal, 2003, 2008).

-Tipuana⁴²

Nome(s) comum(s):	Tipuana ou Acácia Draco
Nome científico:	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O. Kuntze
Família:	Fabaceae
Floração:	junho a setembro
Origem:	América do Sul
Outras informações:	Árvore decorativa de grande interesse pelo colorido, forma e profusão das flores, de um bonito amarelo-forte. Utilizada como árvore de arruamento é também muito comum em parques e jardins.



Figura 81-Tipuana. **Fonte:** Miguel Dantas

⁴² **Fonte:** (Vieira, 2002).

-Jambeiro⁴³

Nome(s) comum(s):	Jambeiro ou Jamboeiro
Nome científico:	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston
Família:	Myrtaceae
Floração:	setembro a outubro
Origem:	Sul da China e do Sudeste Asiático à Austrália
Outras informações:	Árvore ornamental de bonita folhagem, densa e persistente com flores atraentes e de frutos invulgares, os chamados jambos. Introduzido na Ilha da Madeira sendo utilizado em parques e jardins, nas zonas baixas da costa sul, sobretudo no Funchal é também utilizado na medicina caseira madeirense, como anti-diabético.



Figura 82-Jambeiro. Fonte: Miguel Dantas

⁴³ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002).

-Azinheira⁴⁴

Nome(s) comum(s):	Azinheira (Press & Short, 1994).
Nome científico:	<i>Quercus ilex</i> L. (Press & Short, 1994).
Família:	Fagaceae (Press & Short, 1994).
Floração:	abril a junho (Press & Short, 1994).
Origem:	Região Mediterrânica (Press & Short, 1994).
Outras informações:	Árvore mediana a robusta com a sua copa arredondada e de folhas persistentes (Vieira, 2002). Segundo Vieira (2002), só em 1914 MENEZES assinalou esta espécie como cultivada em várias quintas da Madeira, no entanto a data de introdução da azinheira na ilha deverá ser bastante anterior, devido ao tamanho que apresentam alguns exemplares.



Figura 83-Azinheira. **Fonte:** Miguel Dantas

⁴⁴ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002).

-Bela Sombra⁴⁵

Nome(s) comum(s):	Bela Sombra
Nome científico:	<i>Phytolacca dioica</i> L.
Família:	Phytolaccaceae
Floração:	setembro e novembro
Origem:	América do Sul
Outras informações:	Árvore de grande porte com a copa larga e de folhagem persistente. O tronco é espesso, mas brando e com a sua base muito alargada. É conhecida por Bela Sombra uma vez que está associada à sombra da copa da árvore. Foi assinalada como introduzida e naturalizada na Madeira em 1894 por MENEZES, que afirmou, então ocorrer perto de alguns jardins do Funchal e entre o Seixal e a Ponta Delgada.

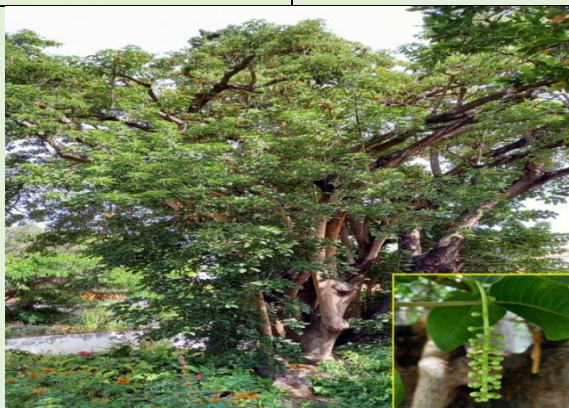


Figura 84-Bela Sombra. **Fonte:** Miguel Dantas

⁴⁵ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002); (Quintal, 2007, 2008).

-Jasmim de Estrela⁴⁶

Nome(s) comum(s):	Jasmim de Estrela
Nome científico:	<i>Trachelospermum jasminoides</i> (Lindl.) Lem.
Família:	Apocynaceae
Floração:	Final de março a maio
Origem:	China, Japão, Coreia e Vietnam
Outras informações:	Planta trepadeira de folhagem persistente e densa de cor verde-escura, muita antiga na Madeira e cultivada sobretudo pelas suas pequenas flores brancas em estrela, mas muito perfumadas.

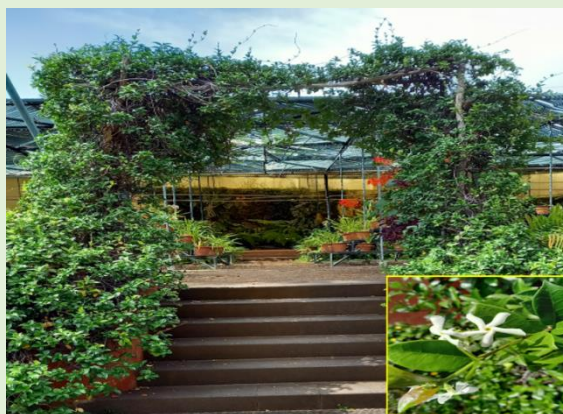


Figura 85-Jasmim de Estrela. **Fonte:** Miguel Dantas

⁴⁶ **Fonte:** (Vieira, 2003).

-Dragoeiro⁴⁷

Nome(s) comum(s):	Dragoeiro
Nome científico:	<i>Dracaena draco</i> (L.) L.
Família:	Agavaceae/Dracaenaceae
Floração:	agosto e outubro
Origem:	Madeira, Canárias e Cabo Verde
Outras informações:	Árvore endêmica dos Arquipélagos da Macaronésia, sendo atualmente extremamente rara no seu habitat natural na Ilha da Madeira. Foi uma espécie largamente utilizada, principalmente a sua seiva avermelhada, o “sangue-de-drago”, que era usada na medicina caseira, em tinturaria, e como verniz, muito procurado e cotado na Europa para o acabamento de violinos. O seu fruto é uma baga alaranjada/avermelhada quando madura.



Figura 86-Dragoeiro. **Fonte:** Miguel Dantas

⁴⁷ **Fonte:** (Neves & Valente, 1992); (Press & Short, 1994); (Gouveia et al, 2010).

-Cássia⁴⁸

Nome(s) comum(s):	Cássia
Nome científico:	<i>Senna didymobotrya</i> (Fresen.) Irwin & Barneby
Família:	Fabaceae
Floração:	Todo o ano (sobretudo na primavera e no verão)
Origem:	África Tropical
Outras informações:	Arbusto ou pequena árvore pouco frequente na Madeira, aparecendo em alguns jardins. Apresenta folhagem persistente, verde-escura, com flores de cor amarela em cachos direitos e eretos.



Figura 87-Cássia. Fonte: Miguel Dantas

⁴⁸ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 1992).

-Estrelícia⁴⁹

Nome(s) comum(s):	Estrelícia ou Ave-do-paraíso
Nome científico:	<i>Strelitzia reginae</i> Ait.
Família:	Strelitziaceae
Floração:	Todo o ano
Origem:	África do Sul
Outras informações:	Planta muito decorativa com hastes florais bastante curiosas de grande interesse comercial e de exportação para o estrangeiro, existem boas plantações na Madeira para fins comerciais, mas esta espécie é também usada em jardins como ornamento.



Figura 88-Estrelícia. **Fonte:** Miguel Dantas

⁴⁹ **Fonte:** (Vieira, 1992); (Press & Short, 1994).

-Sumaúma⁵⁰

Nome(s) comum(s):	Sumaúma
Nome científico:	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil.
Família:	Bombacaceae
Floração:	setembro a novembro
Origem:	Brasil e Nordeste da Argentina
Outras informações:	Apresenta um tronco bojudo cheio de fortes espinhos que são visíveis até nos ramos. As folhas caem no Inverno e as flores são grandes de cor rosada que cobrem abundantemente a enorme copa da árvore. O fruto quando maduro deixa cair sementes pretas envoltas em grandes pelos sedosos, como os do algodão.



Figura 89-Sumaúma. **Fonte:** Miguel Dantas

⁵⁰ **Fonte:** (Vieira, 1992).

-Figueira-palhaço⁵¹

Nome(s) comum(s):	Figueira-palhaço
Nome científico:	<i>Ficus aspera parcelli</i> G.Forst.
Família:	Moraceae
Origem:	Vanuatu (região sul do Pacífico)
Outras informações:	Esta planta apresenta bonitas folhas com textura marmoreada, os frutos quando jovens são verdes amarelados e com o tempo ficam vermelhos fazendo lembrar o nariz do palhaço, daí a associação ao seu nome vulgar.



Figura 90-Figueira-palhaço. **Fonte:** Miguel Dantas

⁵¹ **Fonte:** (Quintal, 2007, 2008).

-Borracheira⁵²

Nome(s) comum(s):	Árvore da Borracha (Press & Short, 1994).
Nome científico:	<i>Ficus elastica</i> Roxb. (Press & Short, 1994).
Família:	Moraceae (Press & Short, 1994).
Floração:	fevereiro e agosto (Press & Short, 1994).
Origem:	Índia e Malásia (Press & Short, 1994).
Outras informações:	Árvore perene de grande porte, com folhas inteiras, brilhantes e verdes-escuras na parte superior e é frequentemente plantada como ornamental e pela sombra que oferece (Press & Short, 1994).



Figura 91-Borracheira. Fonte: Miguel Dantas

⁵² **Fonte:** (Press & Short, 1994).

Quinta Jardins do Imperador

-Carvalho⁵³

Nome(s) comum(s):	Carvalho
Nome científico:	<i>Quercus robur</i> L.
Família:	Fagaceae
Floração:	
Origem:	Europeia
Outras informações:	Árvore foi muito cultivada em parques, jardins, e quintas madeirenses, atinge grandes dimensões sendo a sua copa ampla, com grandes e bonitas folhas, embora caducas. Os frutos são bem característicos em forma de grandes bolotas. Foi considerada por MENEZES em 1894 como subespontânea na ilha, mas atualmente encontra-se naturalizada.



Figura 92-Carvalho. **Fonte:** Miguel Dantas

⁵³ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002).

-Incenseiro⁵⁴

Nome(s) comum(s):	Incenseiro, Pitósporo ou Árvore do Incenso
Nome científico:	<i>Pittosporum undulatum</i> Vent.
Família:	Pittosporaceae
Floração:	março a junho
Origem:	Austrália
Outras informações:	Introduzida como árvore ornamental provavelmente no último quartel do século XIX foi-lhe atribuída a denominação vulgar de árvore do incenso e o estatuto de naturalizada por MENEZES em 1894. É uma árvore, sempre-verde e de flores brancas muito perfumadas tem a tendência a tornar-se uma verdadeira praga da floresta madeirense, revestindo-se igualmente das mesmas características de planta invasora que revela nos Açores.



Figura 93-Incenseiro. **Fonte:** Miguel Dantas

⁵⁴ **Fonte:** (Vieira, 2002); (Press & Short, 1994).

-Mocano⁵⁵

Nome(s) comum(s):	Mocano
Nome científico:	<i>Pittosporum coriaceum</i> Dryand. ex Aiton
Família:	Pittosporaceae
Floração:	maio a junho
Origem:	Endêmica da Madeira
Outras informações:	Árvore extremamente rara que vive em áreas rochosas e ravinas da Laurissilva.



Figura 94-Mocano. Fonte: Miguel Dantas

⁵⁵ **Fonte:** (Jardim & Francisco, 2000); (Press & Short, 1994).

-Sequóia⁵⁶

Nome(s) comum(s):	Sequóia
Nome científico:	<i>Sequoia sempervirens</i> (D. Don) Endl.
Família:	Cupressaceae
Floração:	janeiro e fevereiro
Origem:	Estados Unidos da América (Califórnia e Oregão)
Outras informações:	Árvore de folha perenifólia.



Figura 95-Sequóia. **Fonte:** Miguel Dantas

⁵⁶ **Fonte:** (Quintal & Braga, 2019).

-Medronheiro⁵⁷

Nome(s) comum(s):	Medronheiro
Nome científico:	<i>Arbutus unedo</i> L.
Família:	Ericaceae
Floração:	outubro a fevereiro
Origem:	Europa Mediterrânica e Sudoeste da Irlanda
Outras informações:	Espécie arbórea de pequeno porte que foi provavelmente introduzida na Madeira pela sua valia decorativa. A sua folhagem persistente e da sua floração branca, com tons rosados a verdes, mas também pelo interesse dos seus frutos de cor amarelo-escarlate a vermelho-escuros e comestíveis.



Figura 96-Medronheiro. Fonte: Miguel Dantas

⁵⁷ **Fonte:** (Vieira, 2002).

-Camecíperes⁵⁸

Nome(s) comum(s):	Camecíperes ou Cedro do Oregão
Nome científico:	<i>Chamaecyparis lawsoniana</i> (A. Murray) Parl.
Família:	Cupressaceae
Floração:	abril a junho
Origem:	América do Norte
Outras informações:	Árvore muito elegante e decorativa de copa piramidal e de raminhos comprimidos, com algumas variedades particularmente ornamentais é bastante cultivada em parques e jardins, bermas de estradas e mais recentemente em áreas montanhosas, até acima dos 1000m de altitude.



Figura 97-Camecíperes. **Fonte:** Miguel

⁵⁸ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002).

-Figueira-do-inferno⁵⁹

Nome(s) comum(s):	Figueira-do-inferno ou Alindres
Nome científico:	<i>Euphorbia melífera</i> Aiton
Família:	Euphorbiaceae
Floração:	fevereiro a julho
Origem:	Madeira e Canárias
Outras informações:	Espécie rara, mas característica da Laurissilva Madeirense, que cresce em locais húmidos, sombreados e em ravinas protegidas, espalhada por toda a Ilha principalmente entre os 400 e os 1100m de altitude.



Figura 98-Figueira-do-inferno. **Fonte:** Miguel Dantas

⁵⁹ **Fonte:** (Press & Short, 1994).

-Ácer-do-Japão⁶⁰

Nome(s) comum(s):	Ácer-do-Japão
Nome científico:	<i>Acer palmatum</i> Thunb.
Família:	Sapindaceae
Floração:	março e abril
Origem:	Japão, China e Coreia
Outras informações:	Árvore ornamental de folha caducifólia.



Figura 99-Ácer-do-Japão. Fonte: Miguel Dantas

⁶⁰ **Fonte:** (Quintal & Braga, 2019).

-Brunfelsia⁶¹

Nome(s) comum(s):	Brunfelsia
Nome científico:	<i>Brunfelsia pauciflora</i> (Cham. & Schlecht.
Família:	Solanaceae
Floração:	abril a junho
Origem:	Brasil
Outras informações:	Pequeno arbusto com flores de cor violeta a violeta esbranquiçadas com o centro branco sendo muitas vezes tão abundantes que chegam a encobrir as folhas.



Figura 100-Brunfelsia. **Fonte:** Miguel Dantas

⁶¹ **Fonte:** (Vieira, 1992).

-Ligustro do Japão⁶²

Nome(s) comum(s):	Alfenheiro, o Ligustro do Japão
Nome científico:	<i>Ligustrum japonicum</i> Thunb.
Família:	Oleaceae
Floração:	maio a julho
Origem:	Japão e Coreia
Outras informações:	Planta arbustiva a mediana árvore é comumente cultivada como planta ornamental e também pela sua sombra nos jardins e parques nas zonas mais baixas da Ilha da Madeira.



Figura 101-Ligustro do Japão. Fonte: Miguel Dantas

⁶² **Fonte:** (Press & Short, 1994).

-Planta do Rato Mickey⁶³

Nome(s) comum(s):	Ócna ou Planta do Rato Mickey
Nome científico:	<i>Ochna serrulata</i> (Hochst.) Walp.
Família:	Ochnaceae
Floração:	março a maio
Origem:	África do Sul
Outras informações:	Arbusto sempre-verde, muito decorativo que atinge até mais de 2m de altura e com flores muito curiosas. Foi introduzida na Madeira, talvez nos fins do último quartel do século XX, sendo desde então muito cultivada em parques, quintas e jardins das zonas baixas da Madeira até mais de 400m de altitude e sobretudo no Funchal, devido à forma peculiar das flores chamam-lhe curiosamente Planta do Rato Mickey.



Figura 102-Planta do Rato Mickey. **Fonte:** Miguel Dantas

⁶³ **Fonte:** (Quintal, 2007); (Vieira, 2002).

-Rosa do Japão⁶⁴

Nome(s) comum(s):	Magnólia ou Rosa do Japão
Nome científico:	<i>Magnolia x soulangeana</i> Soul.-Bod.
Família:	Magnoliaceae
Floração:	fevereiro a abril
Origem:	França
Outras informações:	Árvore de folha caduca de flores rosa-violetas que aparecem sobretudo nos jardins e parques, mas menos frequentemente que a <i>Magnolia grandiflora</i> .



Figura 103-Rosa do Japão. **Fonte:** Miguel Dantas

⁶⁴ **Fonte:** (Quintal & Braga, 2019).

-Cedro da Madeira⁶⁵

Nome(s) comum(s):	Cedro da Madeira
Nome científico:	<i>Juniperus cedrus ssp. maderensis</i> Menezes
Família:	Cupressaceae
Floração:	janeiro a março
Origem:	Madeira e Canárias
Outras informações:	O Cedro contém na sua baga o óleo de cade referido como medicinal para a pecuária. Raízes deste cedro com mais de 800 anos descobertas no Pico do Areeiro foram examinadas e a sua madeira é inalterável devido à riqueza em óleos. A título de curiosidade, esta madeira foi escolhida para o artesanato do teto da Sé e da alfândega primitiva do Funchal, que nunca foram atacadas por insetos.



Figura 104-Cedro da Madeira. **Fonte:** Miguel Dantas

⁶⁵ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Neves & Valente, 1992).

-Loureiro⁶⁶

Nome(s) comum(s):	Loureiro
Nome científico:	<i>Laurus novocanariensis</i> Rivas Mart.
Família:	Lauraceae
Floração:	novembro a abril
Origem:	Endémico da Madeira e Canárias
Outras informações:	Árvore dominante da Laurissilva que pode atingir 15m de altura. O seu fruto é uma baga negra quando madura utilizada pelas populações locais do norte da Madeira na fabricação do “azeite de louro” de grandes propriedades farmacêuticas. As folhas são muito utilizadas na culinária como tempero.



Figura 105-Loureiro. Fonte: Miguel Dantas

⁶⁶ **Fonte:** (Freitas & Mateus, 2013); (Neves & Valente, 1992); Lauraceae (Press & Short, 1994).

-Criptoméria⁶⁷

Nome(s) comum(s):	Criptoméria
Nome científico:	<i>Cryptomeria japonica</i> (L.f.) D. Don
Família:	Taxodiaceae
Floração:	fevereiro a abril
Origem:	Japão
Outras informações:	Árvore florestal, introduzida na Madeira como espécie ornamental. Tem vindo a naturalizar-se em alguns locais (Madeira), mas apenas após ter sido utilizada pelos Serviços Florestais em 1955 e anos seguintes na arborização de algumas serras madeirenses. A ramagem desta bonita árvore sempre-verde é utilizada em decorações e arranjos florais sendo a sua madeira de excelente qualidade.



Figura 106-Criptoméria. Fonte: Miguel Dantas

⁶⁷ **Fonte:** (Vieira, 2002).

-Urze de Jardim⁶⁸

Nome(s) comum(s):	Urze de Jardim
Nome científico:	<i>Leptospermum scoparium</i> J. R. & G.Forst.
Família:	Myrtaceae
Floração:	abril a junho
Origem:	Austrália e Nova Zelândia
Outras informações:	Arbusto ornamental de pequenas folhas e flores, cultivado há já muito tempo em quintas e jardins da ilha, quer como planta isolada, quer em maciço, cortina de abrigo, sebe decorativa ou simplesmente arbusto de jardim. Encontra-se perfeitamente naturalizado há mais de 40 anos sobretudo em locais húmidos, terrenos incultos ou cultivados.



Figura 107-Urze de Jardim. Fonte: Miguel Dantas

⁶⁸ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Vieira, 2002).

Quinta do Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira- Eng.º Rui Vieira

-Alegra-Campo⁶⁹

Nome(s) comum(s):	Alegra-Campo (Press & Short, 1994).
Nome científico:	<i>Semele androgyna</i> (L.) Kunth (Press & Short, 1994).
Família:	Liliaceae (Press & Short, 1994).
Floração:	abril e maio (Vieira, 1992).
Origem:	Endémica da Madeira e Canárias (Vieira, 1992).
Outras informações:	Trepadeira muito conhecida em toda a ilha e bastante cultivada em quintas, jardins e junto das habitações. O seu crescimento é rápido e é uma planta ornamental. No seu estado natural é hoje muito rara, mas ainda é encontrada como parte integrante da Laurissilva Madeirense (Vieira, 1992).



Figura 108-Alegra-Campo. **Fonte:** Miguel Dantas

⁶⁹ **Fonte:** (Vieira, 1992); (Press & Short, 1994).

-Aipo do Gado⁷⁰

Nome(s) comum(s):	Aipo do Gado ou Aipo da Serra
Nome científico:	<i>Melanoselinum decipiens</i> (Schrad. & Wendl.) Hoffm.
Família:	Apiaceae Apiaceae
Floração:	abril a agosto
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	É uma espécie rara que habita nas escarpas rochosas do interior da Madeira, desde a Laurissilva até às altitudes mais elevadas e é cultivada a altitudes médias.



Figura 109-Aipo do Gado. **Fonte:** Miguel Dantas

⁷⁰ **Fonte:** (Jardim & Francisco, 2000); (Press & Short, 1994).

-Erva Redonda⁷¹

Nome(s) comum(s):	Erva Redonda ou Hera Terrestre
Nome científico:	<i>Sibthorpia peregrina</i> L.
Família:	Scrophulariaceae
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	É muito comum encontrar na Laurissilva em outros locais húmidos e sombrios, dos 150 aos 1400m de altitude.

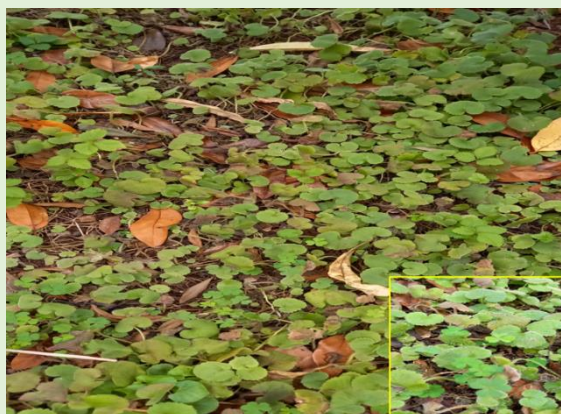


Figura 110-Erva Redonda. **Fonte:** Miguel Dantas

⁷¹ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Jardim & Francisco, 2000).

-Gerânio da Madeira⁷²

Nome(s) comum(s):	Gerânio da Madeira
Nome científico:	<i>Geranium maderense</i> P.F. Yeo
Família:	Geraniaceae
Floração:	fevereiro a setembro
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	Planta muito rara que parece viver nas zonas altas da Laurissilva e noutros locais húmidos da região montanhosa do centro e norte da Madeira. Tem grande interesse decorativo sendo também cultivada em jardins, adaptando-se bem a sítios quentes e soalheiros.



Figura 111-Gerânio da Madeira. **Fonte:** Miguel Dantas

⁷² **Fonte:** (Jardim & Francisco, 2000); (Press & Short, 1994); (Vieira, 1992).

-Funcho⁷³

Nome(s) comum(s):	Funcho
Nome científico:	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.
Família:	Apiaceae
Floração:	julho a agosto
Origem:	Mediterrâneo
Outras informações:	Planta que deu lugar à toponímica da cidade do Funchal por ser bastante frequente quando os povoadores chegaram à ilha da Madeira. Está descrita no uso da medicina tradicional para a tosse, dormir, diabetes e também para as crianças em forma de chá e por vezes, com mel de abelha.



Figura 112-Funcho. Fonte: Miguel Dantas

⁷³ **Fonte:** (Freitas & Mateus, 2013); (Press & Short, 1994).

-Malfurada⁷⁴

Nome(s) comum(s):	Malfurada
Nome científico:	<i>Globularia salicina</i> Lam.
Família:	Globulariaceae
Floração:	abril a setembro
Origem:	Endémica da Madeira e Canárias
Outras informações:	Planta muito comum no litoral, nas arribas à beira-mar e característica do primeiro andar da vegetação natural da ilha.



Figura 113-Malfurada. Fonte: Miguel Dantas

⁷⁴ **Fonte:** (Neves & Valente, 1992); (Press & Short, 1994).

-Norça⁷⁵

Nome(s) comum(s):	Norça
Nome científico:	<i>Tamus edulis</i> Lowe
Família:	Dioscoraceae
Origem:	Endêmica da Madeira e Canárias
Outras informações:	Planta muito rara na natureza ocorrendo apenas nas falésias a leste da Ilha da Madeira no Porto da Cruz e no Garajau. As folhas são em forma de coração e tem um rizoma tuberoso que é comestível, razão pela qual foi outrora cultivada em zonas circunscritas às Achadas da Cruz e Ribeira da Janela.



Figura 114-Norça. Fonte: Miguel Dantas

⁷⁵ **Fonte:** (Press & Short, 1994).

-Cenoura da rocha⁷⁶

Nome(s) comum(s):	Cenoura da rocha ou Nozela
Nome científico:	<i>Monizia edulis</i> Lowe
Família:	Apiaceae
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	Espécie é muito rara e habita em escarpas rochosas até próximo dos 1500m de altitude na Madeira.



Figura 115-Cenoura da rocha. **Fonte:** Miguel Dantas

⁷⁶ **Fonte:** (Press & Short, 1994); (Jardim & Francisco, 2000).

-Múchia Dourada⁷⁷

Nome(s) comum(s):	Múchia Dourada
Nome científico:	<i>Musschia aurea</i> (L.f.) Dumort.
Família:	Campanulaceae
Floração:	agosto e setembro
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	Planta rara que habita em escarpas rochosas do litoral e interior da Madeira e das Desertas. Típica do andar da flora basal e está muito bem-adaptada à secura extrema e aos tórridos calores estivais, próprios do seu habitat. As suas folhas são muito luzidias e as suas flores são amarelas, muito graciosas.



Figura 116-Múchia Dourada. Fonte: Miguel Dantas

⁷⁷ **Fonte:** (Jardim & Francisco, 2000); (Neves & Valente, 1992); (Press & Short, 1994); (Vieira, 1992).

-Ameixieira de Espinho⁷⁸

Nome(s) comum(s):	Ameixieira de Espinho ou Fusete
Nome científico:	<i>Berberis maderensis</i> Lowe
Família:	Berberidaceae
Floração:	maio e junho
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	Arbusto muito raro que vive na Laurissilva e escarpas rochosas de altitudes mais elevadas na região central da Madeira.



Figura 117-Ameixieira de Espinho. **Fonte:** Miguel Dantas

⁷⁸ **Fonte:** (Jardim & Francisco, 2000); (Press & Short, 1994).

-Teixo⁷⁹

Nome(s) comum(s):	Teixo
Nome científico:	<i>Taxus baccata</i> L.
Família:	Taxaceae
Floração:	março a abril
Origem:	Espécie indígena da Madeira, Europa, Ásia ocidental e Norte de África
Outras informações:	Os exemplares femininos são mais interessantes devido aos seus frutos vermelhos. As sementes estão rodeadas por um arilo carnudo, vermelho quando maduro, que não é tóxico.



Figura 118-Teixo. **Fonte:** Miguel Dantas

⁷⁹ **Fonte:** (Press & Short, 1994).

-Urze das Vassouras⁸⁰

Nome(s) comum(s):	Urze das Vassouras
Nome científico:	<i>Erica scoparia</i> L. ssp. <i>maderinicola</i> D.C. McClint.
Família:	Ericaceae
Floração:	dezembro a agosto
Origem:	Endémica da Madeira e Canárias
Outras informações:	Arbusto é muito comum na Madeira desde praticamente a beira-mar ao limite superior da Floresta Laurissilva. Desempenha um papel muitíssimo importante na fixação dos nevoeiros, provocando a sua condensação e posterior infiltração da água no solo. Outrora foi muito utilizado no fabrico de vassouras, em estacas para sustentação das vinhas e em vedações na agricultura para a proteção das culturas contra a ação do vento.



Figura 119-Urze das Vassouras. **Fonte:** Miguel Dantas

⁸⁰ **Fonte:** (Neves & Valente, 1992); (Press & Short, 1994).

-Massaroco⁸¹

Nome(s) comum(s):	Massaroco
Nome científico:	<i>Echium nervosum</i> Dryand. in Ait.
Família:	Boraginaceae
Floração:	fevereiro a maio
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	Arbusto frequente e característico das zonas baixas e em escarpas rochosas da Madeira até cerca de 300m, as flores são de cor azulada. Propaga-se facilmente por semente sendo por vezes cultivada em sítios secos e soalheiros.



Figura 120-Massaroco. Fonte: Miguel Dantas

⁸¹ **Fonte:** (Jardim & Francisco, 2000); (Vieira, 2002); (Press & Short, 1994).

-Pau Branco⁸²

Nome(s) comum(s):	Pau Branco
Nome científico:	<i>Picconia excelsa</i> (Ait.) DC.
Família:	Oleaceae
Floração:	fevereiro a julho
Origem:	Endêmica da Madeira e Canárias
Outras informações:	Árvore de grande porte que pode atingir 15m de altura, muito rara no seu estado natural, sendo, porém, cultivada em jardins.



Figura 121-Pau Branco. Fonte: Miguel Dantas

⁸² **Fonte:** (Press & Short, 1994).

-Folhado⁸³

Nome(s) comum(s):	Folhado ou Fohadeiro
Nome científico:	<i>Clethra arborea</i> Aiton
Família:	Clethraceae
Floração:	agosto a outubro
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	Árvore de pequeno porte que vive na Laurissilva fazendo parte integrante desta. As suas flores são muito perfumadas e bastante melíferas. Os rebentos novos desta árvore são muito utilizados no fabrico de bordões. É uma espécie também cultivada em parques e marginando algumas estradas, acima dos 600m de altitude.

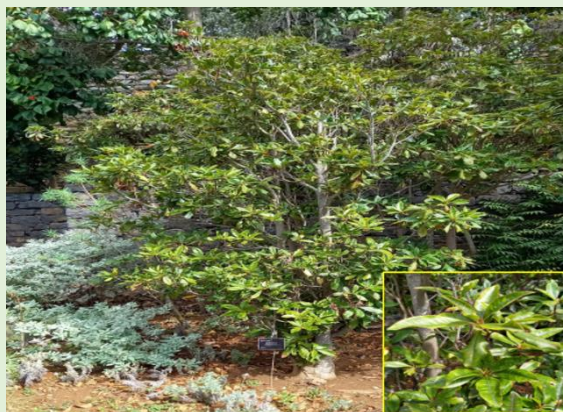


Figura 122-Folhado. Fonte: Miguel Dantas

⁸³ **Fonte:** (Neves & Valente, 1992); (Press & Short, 1994); (Jardim & Francisco, 2000).

-Faia-das-Ilhas⁸⁴

Nome(s) comum(s):	Faia-das-Ilhas
Nome científico:	<i>Myrica faya</i> Aiton
Família:	Myricaceae
Floração:	maio a junho
Origem:	Madeira, Açores, Canárias e Portugal Continental
Outras informações:	Pode atingir grande altura, onde a sua ramagem serviu outrora de forragem para os animais. A sua madeira convertida em carvão que depois de moído serviu de medicina para os intestinos. A lenha foi muito usada nos fornos domésticos para o aquecimento, uma vez que dava uma energia superior ao forno,



Figura 123-Faia-das-Ilhas. Fonte: Miguel Dantas

⁸⁴ **Fonte:** (Vieira, 1992); (Press & Short, 1994).

-Oliveira Brava⁸⁵

Nome(s) comum(s):	Oliveira Brava, Oliveira da Rocha ou Zambujeiro
Nome científico:	<i>Olea europaea</i> L. ssp. <i>Maderensis</i> Lowe
Família:	Oleaceae
Floração:	maio a julho
Origem:	Endémica da Madeira
Outras informações:	Arbusto ou pequena árvore, comum nas escarpas rochosas do litoral, até 500m de altitude.



Figura 124-Oliveira Brava. Fonte: Miguel Dantas

⁸⁵ **Fonte:** (Jardim & Francisco, 2000); (Press & Short, 1994).

Anexo II. Breve descrição do património histórico-cultural

Quinta Magnólia

-Edifício principal

Quinta construída no século XIX por J. Howard March, que era apaixonado pelo cultivo dos jardins (Quintal, 2008).

Em 1931 a quinta foi vendida para o “British Country Club” (Mayson, 2015). Na época do clube era um edifício creme, com pisos de madeira e varandas duplas. No andar superior ficavam os quartos e o gabinete do secretário, enquanto que no andar inferior era reservado para o lazer com uma biblioteca, sala de estar, sala de cartas e bilhar (Klut, s.d.).

Na década de 80, este espaço foi expropriado pelo Governo Regional. Em 1983, passou a ser a sede da Escola de Gestão Hoteleira. Passou ainda por ser a sede da Proteção Civil, dando ainda lugar para a Biblioteca de Culturas Estrangeiras e até 1992 foi o Museu de Arte Contemporânea (Quintal, 2007).



Figura 125-Edifício principal na década de 40 do século XX na Quinta Magnólia. **Fonte:** SRTC (retirado da página web)

-Coreto

Coreto mandado construir pelo então Secretário Regional do Turismo e Cultura, João Carlos Abreu, nos anos 80 na antiga e extinta oficina de fundição artesanal, situada na Rua dos Ferreiros, nº176 e 182 denominada, “Metalúrgica João de Freitas Lda” (Oliveira, 2000/2001). A pessoa responsável pelo desenho e construção do referido coreto foi o Mestre José João Garcês, Encarregado Geral da Oficina de Fundição, tendo mais tarde a Oficina de Fundição Tradicional encerrando a sua atividade em 1998 (Oliveira, 2000/2001).



Figura 126-Coreto da Quinta Magnólia. **Fonte:** Miguel Dantas

Quinta Vigia

-Edifício e Capela Nossa Senhora das Angústias

A Casa tem origens barroca e neoclássica e de planta irregular, apresenta na sua construção materiais como “cantaria mole e rígida regional aparente, alvenaria de cantaria regional e calhau rolado miúdo”, integrando as características das típicas “quintas madeirenses” (Carita, 1999). Anexada à casa temos a capela dedicada à Nossa Senhora das Angústias construída em 1662 por Daniel da Costa Quental. Tem materiais na sua construção do século XVII como paredes com lambril de azulejos, pavimento de lajes e um altar com um frontal pintado a imitar entárcia e um conjunto de quadros a óleo do século XVII e XVIII, como refere Carita (1999).



Figura 127-Edifício principal da Quinta Vigia.
Fonte: Miguel Dantas



Figura 128- Interior da Capela de Nossa Senhora das Angústias na Quinta Vigia. **Fonte:** Miguel Dantas

-Mirante Dona Guiomar e casinha do prazer

Na 2ª metade do século XVIII, a quinta das Angústias sofreu muitas modificações por mérito da proprietária na época que era Dona Guiomar, onde construiu um mirante torreado com elementos maneiristas, com a finalidade de controlar o movimento dos seus navios na entrada do porto do Funchal (Carita, 1999; Quintal, 2008). Junto ao mirante ainda podemos observar uma “pitoresca casinha do prazer cor-de-rosa” (Leitão, 2007, p. 145).



Figura 129-Mirante Dª Guiomar na Quinta Vigia.
Fonte: Miguel Dantas



Figura 130-Casinha do prazer da Quinta Vigia.
Fonte: Miguel Dantas

Quinta das Cruzes

-Capela de Nossa Senhora da Piedade

Capela construída em invocação do Convento Franciscano da Senhora da Piedade em Santa Cruz. Apresenta um portal de volta perfeita e no seu interior um altar com um retábulo esculpido em cantaria regional pintada e ainda uma talha dourada, com a representação da Lamentação de Cristo Morto da criação de Bento Coelho Silveira (1620-1708) (Carita, 1998; Avellar, 1998; Franco, 2020).



Figura 131-Capela de Nossa Senhora da Piedade na Quinta da Cruzes.
Fonte: Miguel Dantas

-Edifício principal

Casa como sendo a residência de João Gonçalves Zarco. A residência no século XVII, passou a ser posse da família Lomelino que fez grandes alterações como a construção da capela, edificação da arcada da fachada principal e do corpo do edifício principal (Museu Quinta das Cruzes, s.d.). No século XX, o espaço foi utilizado para diferentes usos reflexo das transformações económicas da sociedade tais como: a sede da Banda Municipal do Funchal, consultório médico, fábrica de bordados da família Miguéis (Museu Quinta das Cruzes, s.d.). Atualmente é a sede do Museu da Quinta das Cruzes.



Figura 132-Edifício principal da Quinta das Cruzes em 1946.
Fonte: Coleção Perestrelos

-Núcleo arqueológico

Neste núcleo arqueológico ajardinado é possível observar várias peças tais como a pedra de armas da cidade do Funchal, datada de 1851 e que se encontrava antes no antigo Matadouro Municipal (Aragão, 1984). Podemos ainda ver várias pedras tumulares e 2 janelas manuelinas construídas com cantaria basáltica da ilha da Madeira.



Figura 133-Núcleo arqueológico da Quinta das Cruzes.
Fonte: Miguel Dantas

Quinta Jardins do Imperador

-Palacete

O palacete foi construído sob linhas georgianas por volta de 1802, por James David Webster Gordon e possivelmente projetada por um arquiteto inglês em 1820 devido às semelhanças na construção com o estilo *regency* como as “janelas com bandeiras envidraçadas, inseridas em arcos de volta perfeita” sendo uma edificação aproximada à arquitetura inglesa da época. (Carita, 2017; Leitão, 2007).



Figura 134-Palacete da Quinta Jardins do Imperador.
Fonte: Miguel Dantas

-Casinha do prazer

No Jardim Malakoff não podemos deixar de notar a “casinha de prazer”, virada para o anfiteatro da cidade do Funchal. Localizada num ponto estratégico, estas casas eram utilizadas nos dias mais quentes, para as senhoras tomarem o chá, bordar ou “espreitar a vizinhança, especialmente nos dias de procissões ou enterros” (Leitão, 2007, pp.55). A sua construção teve influência nos estilos coloniais chineses e indianos, trazidos pelos ingleses (Leitão, 2007).



Figura 135-Casinha do prazer da Quinta Jardins do Imperador.
Fonte: Miguel Dantas

Quinta do Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira

-Edifício principal

No edifício da quinta existem vários projetos com o Museu de História Natural, o Banco de Sementes e o Herbário. Museu de História Natural aberto ao público desde 1982, com um importante espólio de coleções de fósseis de plantas, aves, insetos, borboletas, corais, rochas e outros animais. Esta coleção um porção dela pertence ao Seminário Diocesano do Funchal (Gouveia, Carvalho, Fernandes, & Lobo, 2010).

O Banco de Sementes, localizado a norte do edifício principal que tem como missão a conservação da vegetação e flora naturais do arquipélago da Madeira (Gouveia, Carvalho, Fernandes, & Lobo, 2010).

O Herbário foi criado em 1957, sendo oficialmente constituído parte integrante do JBM só em 1960. Neste está incluído o Herbário Histórico do Seminário do Funchal com cerca de 9500 exemplares recolhidos entre 1840 e 1950 de plantas vasculares, briófitos e líquenes (Gouveia, Carvalho, Fernandes, & Lobo, 2010).



Figura 136-Edifício principal da Quinta do Bom Sucesso-Jardim Botânico da Madeira-Eng.º Rui Vieira.
Fonte: Miguel Dantas